

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

IARA MARA MOREIRA MARTINS

O SENTIDO DAS LINGUAGENS VIRTUAIS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL

PORTO ALEGRE

2011

IARA MARA MOREIRA MARTINS

O SENTIDO DAS LINGUAGENS VIRTUAIS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora Professora Dr^a Gleny Terezinha Duro Guimarães

PORTO ALEGRE

2011

IARA MARA MOREIRA MARTINS

O SENTIDO DAS LINGUAGENS VIRTUAIS NA FORMAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Aprovado em 21 de dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Professora. Dr^a. Gleny Terezinha Duro Guimarães

Professora Dr^a Sarita Teresinha Alves Amaro

Professora Dr^a Leda Lísia Franciosi Portal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386sMartins, Iara Mara Moreira

O sentido das linguagens virtuais na formação do sujeito social/ Iara Mara Moreira Martins. – Porto Alegre, 2011.
134 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, Faculdade de Serviço Social, Porto Alegre (RS), 2011.
Orientadora: Profa. Dra. Gleny Terezinha Duro Guimarães.

1. Serviço Social. 2. Formação social do sujeito. 3. Adolescentes. 4. Internet. 5. Redes sociais. 6. Linguagens virtuais. I. Guimarães, Gleny Terezinha Duro. II. Título.

CDU316.472.4

SUMÁRIO

As linguagens virtuais são hoje a principal forma de comunicação e expressão dos adolescentes, tornando-se o meio através do qual constituem conhecimentos e o seu desenvolvimento enquanto seres perante a sociedade. A Linguagem é uma das categorias sociais mais significativas para a constituição do ser genérico, identificada à luz da ontologia do ser social. A base ontológica serve como ponto de partida para realizarmos uma abordagem social que problematize os sentidos que o adolescente imprime às linguagens virtuais para dialogar com a realidade. O tipo de pesquisa é qualitativo, sendo realizadas sete entrevistas com adolescentes da escola pública municipal, pública federal e da escola privada. Busca-se neste estudo conhecer a influência dessas linguagens para a sua formação como sujeito ético, sabendo-se que o meio virtual atinge hoje diferentes classes sociais e idades, expressando um contexto de intensas mudanças nas relações sociais e transformações histórico-sociais. Essas configurações advêm das relações do mundo do trabalho colocadas em permanente mutação através dos avanços da tecnologia, trazendo para os sujeitos, através das linguagens, um quadro social de manipulação das vontades e desejos, transpostos como necessidades, alterando a forma como o adolescente elabora seu sentido de ser no mundo. O adolescente é igualmente atingido pelas formas de estranhamento da sociedade de consumo, pois antes de tornar-se um trabalhador, existe na sociedade como consumidor. Este é um processo ainda mais perverso, pois se trata de um sujeito que está se desenvolvendo para o convívio social, logo essa construção de sentido. O adolescente entrevistado surge como um sujeito que se preocupa com valores éticos no meio virtual, com questões como o anonimato, a pedofilia, o uso abusivo do espaço virtual para a venda de produtos. Pairando sobre todas essas questões, vê-se o estereótipo do adolescente alienado e viciado em internet como um conceito construído no senso comum que não traduz a realidade do adolescente.

PALAVRAS-CHAVE

Adolescente, internet, formação social, valores éticos, Linguagens virtuais.

ABSTRACT

Las lenguas virtuales son hoy la principal forma de comunicación y expresión de los adolescentes, convirtiéndose en el medio por el cual constituye el conocimiento y su desarrollo como sociedad respecto de los seres humanos. El lenguaje es uno de los más significativos para las categorías sociales de la Constitución ser genérico, identificó a la luz de la ontología del ser social. La base ontológica sirve como punto de partida para lograr un enfoque social que cuestionar los sentidos que el adolescente se imprime en idiomas virtuales para el diálogo con la realidad. El tipo de investigación es cualitativo, se celebraron siete entrevistas con adolescentes de la escuela pública municipal, federal escuelas públicas y privadas. Buscar en este estudio para conocer la influencia de estos idiomas a su formación como sujeto ético, sabiendo que el entorno virtual llega a diferentes clases sociales y edades hoy, expresando un contexto de cambios intensos en las relaciones sociales y las transformaciones sociales históricas. Estos valores son mundo relaciones de trabajo en permanente mutación gracias a los avances en tecnología, trayendo a los sujetos, a través de las lenguas, un marco social de la manipulación de voluntades y deseos, traducidas como necesidades, modificar la forma en que el adolescente desarrolla su sentido de ser en el mundo. El adolescente también es alcanzado por formas de extrañeza de la sociedad de consumo, porque antes de convertirse en un empleado existe en la sociedad como un consumidor. Este es un proceso aún más perverso, porque es un tema que está desarrollando para la convivencia social, pronto esta construcción de significado. Los adolescentes entrevistados surge como un sujeto que se preocupa por los valores éticos en el entorno virtual, con temas como el anonimato, la pedofilia, el uso abusivo del espacio virtual para la venta de bienes. Flotando sobre todas estas cuestiones, ver si el estereotipo de alienados adolescentes e internet adicto como un concepto construido sobre el sentido común que no se traducen en adolescentes de la realidad.

Palabras clave adolescente, internet, capacitación social, valores éticos, idiomas virtuales.

Sumário

ABSTRACT	6
AGRADECIMENTOS	9
1. INTRODUÇÃO	11
2. FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO	16
2.1 Ontologia Social do Sujeito	22
3. LINGUAGEM	31
3.1 Discurso, linguagem e ideologia: formação discursiva e ideológica.....	35
3.2 Linguagens virtuais.....	41
3.2.1 Orkut	42
3.2.2 Facebook	44
3.2.3 Twitter	46
3.2.4 Messenger	49
3.2.5 Mensagens SMS – torpedos	50
4. ADOLESCENTE, SUJEITO EM DESENVOLVIMENTO	52
4.1 Adolescer e Ética na virtualidade	54
4.2 Mídia e consumo.....	65
5. A PESQUISA: ABREVIANDO PALAVRAS, AMPLIANDO OS SENTIDOS.....	68
5.1 Trajetória metodológica	69
5.2 Com a palavra... Os adolescentes!.....	76
5.2.1 A ética das palavras navegantes	76
5.2.2 O sentido das linguagens virtuais para o adolescente	100
5.2.3 Linguagens não verbais	102
5.2.4 Ferramentas & linguagens virtuais	105
5.2.5 Linguagem Escrita.....	114
5.3 Mídia e consumo virtual na vida adolescente	119
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126
APENDICE A – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido – Adolescentes .	130
APENDICE B - Termo de Assentimento.....	131
APENDICE C – Entrevista do adolescente	132
APENDICE D – Quadro da pesquisa	134

Dedico este trabalho a todos os adolescentes e instituições escolares que participaram desta pesquisa. Não há palavras para expressar a alegria pelo compartilhamento dos significados e sentidos que os adolescentes trouxeram com relação às linguagens virtuais. Eles foram muito além dos propósitos formulados pela pesquisa. Em suas falas foram confirmadas a riqueza que faz com que o ser humano seja inigualável, pois nas linguagens por eles reinventadas é que encontram seus sentidos e significados. Em vocês, sujeitos em constante transformação é que busco a inspiração para, a cada dia, trilhar minha caminhada no sentido de me tornar uma profissional e uma pessoa melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientação da Prof^a Dr^a Gleny Terezinha Duro Guimarães, pelo apoio incondicional e compreensão em todas as etapas desta pesquisa. Destes asas para que eu ousasse, alçasse voo e assim tivesse a coragem de iniciar minha trajetória.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em proporcionar esta oportunidade ímpar para o desenvolvimento dessa pesquisa sobre um tema que considero muito importante para minha trajetória como profissional de Serviço Social. Espero humildemente que este estudo tenha uma aplicabilidade concreta na vida dos sujeitos representados na pesquisa.

Às professoras convidadas para a banca examinadora, Prof^aDr^a Leda Lísia Franciosi Portal, da Faculdade de Educação da PUCRS (FACED), e Prof^aDr^a Sarita Teresinha Alves Amaro, assistente social e professora da Universidade Tiradentes (UNIT), de Aracaju, Sergipe, pelas preciosas indicações e apontamentos realizados durante a banca de qualificação. Ocorrida em uma data para mim significativa (11/11/2011), a banca indicou uma série de reformulações necessárias e muito apropriadas. A linguagem das mestras foi marcada pela emoção, carinho e respeito em todas as observações feitas. Cada palavra levarei por toda a minha vida. Vocês souberam acolher meus questionamentos de forma inigualável, contribuindo efetivamente para esse trabalho.

À Prof^a Dr^a Maria Isabel Barros Bellini, que na graduação representou a mão acolhedora que me conduziu pelos caminhos do conhecimento através da pesquisa, dentre muitos aprendizados, a importância do Cuidado como tema de pesquisa.

Mostrastes com sua graça natural e encanto a relevância de uma linguagem elaborada com a alma, a importância de desenvolver as competências profissionais de forma criativa e com o coração. Conforme dito por você, Belinha, descobri ser foucaultiana, o que observo como um compromisso de aprendizado para a vida toda! A chave dos meus estudos iniciou certamente com você, muito obrigada.

Não poderia deixar de agradecer as assistentes sociais Maria Valéria Carvalho Simões e Maria Helena Castilhos, do Centro de Referências às Vítimas de Violência (CRVV), que desenvolvem um trabalho junto à Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana como unidade de execução do Programa Municipal de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto com adolescentes. A vocês, queridas amigas, meu agradecimento mais profundo por existirem na minha vida. Vocês me incentivaram, acreditaram em mim, não há palavras para exprimir o quanto foram e são importantes para mim.

A todo o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUCRS, e, sobretudo a todos os meus colegas de Mestrado, o meu profundo respeito e admiração. Trarei em meu peito uma eterna saudade pelos lindos momentos que vivemos juntos.

Para mim ficou claro o que eu já sabia desde o início que não existe caminho solitário, nem científico nem pessoal: só me torno humana, só evoluo como sujeito e como profissional, se houver outro sujeito no meu caminho. Então repito: nunca fiz nada só, isso seria impossível, pois sou a soma de todas as pessoas que passaram pela minha vida e com as quais aprendi e resultado de todas as experiências que vivi.

No topo e acima de tudo está quem ainda não mencionei: a Ti, Deus, obrigada por permitir chegar até aqui.

1. INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação surgiu no período em que realizávamos estágio curricular com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, em meio aberto, em uma das unidades de execução do PEMSE¹ no Centro de Referência às Vítimas de Violência (CRVV), nos anos de 2008 a 2009. O CRVV, órgão vinculado à Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Segurança Urbana (SMDHSU), coordenados por duas assistentes sociais, mantinha uma proposta de trabalho com os adolescentes voltados para a temática dos Direitos Humanos. Esse direcionamento encorajou-nos a elaborar uma intervenção que convidasse o adolescente a participar das atividades propostas, valorizando em sua fala a história de vida e os significados por ele atribuídos ao universo que o rodeia.

O intuito era de instigar o adolescente para o debate sobre valores éticos, mas logo se esbarrou em uma dificuldade inicial: as linguagens utilizadas pelos adolescentes eram propositadamente codificadas, enquanto seus sentidos não fossem trazidos à tona através de uma escuta sensível a comunicação não se faria presente e a participação do adolescente não ocorreria. O trabalho com adolescentes demonstrou que era essencial revelar os sentidos ali contidos nas falas e na escrita dos jovens, a cada sentido partilhado sua presença emergia concreta com a típica urgência alegre de adolescente.

Surgia, naquele tempo-espaço, o embrião do que seria um tema para um futuro projeto de pesquisa, porém havia a necessidade de desvincular o tema das linguagens adolescentes com aquelas ditas violentas (bondes, pichação) mais próprias do cotidiano dos jovens que se encontravam nas medidas socioeducativas. Compreende-se que a violência é uma construção social e como tal as linguagens do adolescente representam a tradução dessa realidade. Sendo assim era preciso cuidar para não caíssemos nas armadilhas de um discurso que reforça o estigma e a

¹PEMSE- Programa Municipal de Execução de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, da cidade de Porto Alegre.

segregação de um contexto social que, na realidade, carece de conhecimento e estudo.

A busca investigativa delimitada para os sentidos que o adolescente atribui às linguagens teve como campo de análise o espaço virtual, e sendo este ainda um tema tão amplo, optou-se por destacar a relevância dos valores éticos para a formação do adolescente como sujeito em desenvolvimento. No mestrado buscou-se ampliar esse tema para ir ao encontro de algo maior: os sentidos que o adolescente atribui às linguagens que utiliza socialmente.

O que a linguagem tem a ver com a formação e desenvolvimento social dos sujeitos? Tudo. Desde os tempos pré-históricos a necessidade de interação na luta pela sobrevivência levou os seres humanos à formação de grupos para a divisão de tarefas. Era necessário transmitir como e o que se pretendia executar. Com isso, surgem os gestos, as pinturas nas cavernas que antecedem o uso dos símbolos e o surgimento rudimentar da escrita, e o som que antecede a música e a fala.

Desde então, a evolução humana passa a ser determinada através e pelas formas de organização do trabalho a partir da linguagem. Nesse processo ontológico o ser humano pode então, através das linguagens acima relacionadas, reunir um conjunto de capacidades intrínsecas que o distingue dos demais seres. É pela linguagem que o sujeito elabora no campo da abstração suas ações antecipadamente, esta é a razão pela qual os sujeitos puderam avançar na materialização do seu processo histórico, pois cada ação continha em seu cerne uma intencionalidade transformadora da realidade. Utilizando suas faculdades mentais superiores (pensamento, ideia, racionalidade) os pequenos grupos evoluíram para organizações societárias cada vez mais complexas. Junto nesse processo evoluíram as linguagens e hoje se vê o uso corrente destas através dos recursos tecnológicos dos meios virtuais.

Com o contexto acima exposto apresentamos a dissertação de mestrado em Serviço Social, para o estudo das linguagens virtuais e seus sentidos para a formação social dos adolescentes. As linguagens que denominamos adolescentes encontram-se presentes na urgência das mensagens nos celulares, nos fóruns de debates em comunidades, a ampliação de relacionamento nas redes sociais, trazendo para sua vida outras novas realidades. A linguagem adolescente é cifrada e está presente nos muros da cidade, nas conversas virtuais, em sua oralidade, vestimentas e gestuais. O cotidiano do adolescente está definitivamente imbricado à

influência do virtual nas relações sociais. Como traduzir então a fala deste sujeito quando ele circula com igual desenvoltura entre a realidade concreta e a virtual, sintonizado com as constantes mudanças tecnológicas?

Um celular hoje está além de ser um aparelho feito para falar e ouvir alguém, nele pode-se comunicar usando imagens, textos, símbolos, escutando, recebendo e enviando músicas. Tudo ao mesmo tempo, conectado na rede mundial de computadores. Esse é somente um dos aspectos que os adolescentes contam em sua formação, que o torna um sujeito singular, capaz de alcançar dimensões além do território ao qual pertence, inter-relacionando saberes atemporais em tempo real.

Adolescentes são sujeitos naturalmente abertos ao novo, afeitos a ampliar suas *capacidades* para a obtenção de informações que os levem a novos conhecimentos e contatos relacionais. A navegação no ambiente virtual da internet faz desse sujeito um ser que desenvolve suas *habilidades* conjuntamente com novas tecnologias. A rapidez, a fluidez das informações dispostas no meio virtual passa a serem características absorvidas que ele exercita na facilidade com que fala com várias pessoas ao mesmo tempo *online* e desempenha outras ações ao mesmo tempo. Nascido em um mundo onde as informações se apresentam fragmentadas no dia-a-dia, ele elabora suas relações à distância e tem uma escrita também fragmentada. Resta-nos saber se e qual é a dimensão em que a fragmentação presente em sua linguagem atinge sua formação como sujeito social.

O processo investigativo inicia com o problema de pesquisa “*de que forma a realidade dos adolescentes, por meio dos sentidos e significados que eles atribuem às linguagens virtuais utilizadas, desvelam seu contexto sóciohistórico e colaboram na construção de seus valores?*”; como objetivo geral do estudo *investigar os sentidos e os significados das linguagens virtuais² utilizadas pelos adolescentes enquanto forma de expressões comunicacionais nas relações sociais, com vistas a conhecer sua influência na construção de valores éticos para a sua formação social.* Como objetivos específicos buscou-se *investigar os sentidos e os significados das linguagens virtuais que o adolescente utiliza para expressar-se em suas relações sociais; avaliar junto ao adolescente se ele se sente compreendido nas linguagens*

²Passar-se-á a denominar neste estudo como linguagens virtuais as formas de comunicação praticadas na rede mundial de computadores (conhecida pela sigla WWW ou internet) em sites de relacionamentos denominados Orkut, Facebook, Twitter, Messenger e ainda as mensagens virtuais SMS ou torpedos, utilizadas nos aparelhos celulares.

virtuais que costuma usar cotidianamente, nos demais espaços sociais além do círculo de amigos.

As questões norteadoras da pesquisa foram: quais são os sentidos e os significados que o adolescente atribui às linguagens virtuais que vem utilizando para expressar-se socialmente? O adolescente sente-se compreendido e reconhecido ao utilizar a sua linguagem nos espaços sociais e de formação educacional? Por último, as linguagens podem promovê-lo e valorizá-lo e/ou segregá-lo e estigmatizá-lo?

A vida do adolescente é marcada pelo entrelaçamento do cotidiano com o virtual, ele não teme o erro na tentativa de execução dos comandos que o levarão a sites nunca antes navegados. Pelo contrário, a característica virtual de sempre apresentar um novo componente (ou comando) que levará a novos caminhos é uma constante para o adolescente no universo virtual. Ele se torna um sujeito construído de suas habilidades. Esse fato por si nos dá pistas de que algo diferenciado habita a formação desses sujeitos, e que, portanto, a escola, a família, e a sociedade como um todo precisa olhar com atenção este adolescente contemporâneo, a fim de dimensionar os sentidos que as linguagens virtuais representam para ele.

No capítulo 2 será abordada a formação social do sujeito, baseada na ontologia do ser social de György Lukács (1979; 2010), relacionando a importância da linguagem na vida dos sujeitos, enquanto sistema de comunicação e construção de significados e sentidos. Tem-se como base de estudo a análise de discurso de Michel Foucault (1987; 2004), onde se buscam elementos para a constituição do ser humano construído dentro das relações sociais e a constituição desse novo sujeito em um mundo predominado pelas relações virtuais. O capítulo 3 apresenta a categoria social Linguagem, que, conjuntamente, com a categoria Trabalho, é significativa para a evolução do processo histórico dos sujeitos na sociedade. Introduzimos o tema da linguagem como base preponderante para a discussão acerca da formação social de seres em desenvolvimento em nosso recorte específico dos adolescentes. Com as habilidades adquiridas na prática das linguagens virtuais, vemos a formação social de um adolescente com aspectos distintos de contextos sociohistóricos anteriores.

Porém, para falar desse sujeito único em suas especificidades, é preciso abordá-lo dentro dessa importante etapa de sua vida, que é a adolescência relacionando à ética em tempos virtuais, tema do capítulo 4. Como os adolescentes lidam hoje com as linguagens virtuais, como se posicionam, e a importância e

significado dos valores éticos em suas vidas. Há algo que é intrínseco à formação social dos sujeitos e que os recursos virtuais não prevêm como condições a serem oferecidas ao adolescente em seu acesso no mundo virtual – o desenvolvimento e a construção de valores éticos e sociais junto ao sujeito adolescente. A transmissão desses valores, por serem essencialmente humanos, só poderão se dar em uma relação de troca humana, razão pela qual nos reportamos aos princípios ontológicos do ser social. O meio virtual pode se apresentar como significativo recurso de aprendizagem autodidata, porém nunca poderá substituir a relação social necessária para evolução dos sujeitos como seres sociais. O capítulo 5 refere-se à pesquisa empírica, onde se apresenta a trajetória metodológica, a fala dos adolescentes na forma de uma reflexão dialogada, desenvolvida a partir da Análise de Discurso de Michel Foucault (1987; 2004).

As considerações finais apontam para uma sociedade que evoluiu tecnologicamente, mas que urge trazer ao campo da virtualidade a construção de sentidos baseados no equilíbrio entre a evolução promovida pela excelência intelectual dos seres humanos, e a excelência dos valores éticos e morais. É na essência ontológica do ser onde mora a necessidade de cuidar e ser cuidado e de promover o bem para si e para o coletivo. A formação dos adolescentes como seres sociais e éticos dar-se-á somente quando estes encontrarem o equilíbrio dos sentidos que exercem um movimento interno e externo de união de sua razão com a emoção, em uma práxis do viver.

2. FORMAÇÃO SOCIAL DO SUJEITO

A evolução da civilização humana elaborou sentidos construídos historicamente, organizando-se como sociedade. O sujeito adquire consciência de si e do outro se relacionando através de mensagens partilhadas socialmente, como sujeito cognoscente³ na busca de sua posição no mundo. Do ponto de vista antropológico⁴, “a humanidade se transformou, do antropeide dominado pelo instinto ao ser humano adaptável culturalmente. Desde o tempo das origens primitivas da cultura, todo desenvolvimento humano foi biológico e cultural” (HOEBEL; FROST, 1981, p.77).

Na classificação estrutural (zoológica) dos seres vivos, o homem pertence ao reino animal; ao filo dos cordados por possuir medula espinhal e sistema nervoso; ao subfilo dos vertebrados pela coluna vertebral e estrutura óssea. São mamíferos de sangue quente que apresentam especificidades tais como a amamentação dos filhos, o desenvolvimento da criança no útero materno (o que determina a classificação no subgrupo dos eutérios), a alimentação do feto ocorre por meio da placenta (infra classe dos placentários) (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p.83).

Todos os primatas compartilham características sem as quais a família não teria podido estabelecer-se. Assim, durante vários meses ou anos e a partir daí necessitam, todavia, de um cuidado prolongado. A infância alarga-se à medida em as espécies se vão aproximando do ser humano. (...) A infância longa e o cuidado maternal produzem relações íntimas entre os filhos da mesma e esta brinca com todos eles e procura auxiliar os pequenos até que cresçam (GOUGH, 1980, p.53).

³ [cognoscente](http://www.priberam.pt/DLPO/Pesquisa.aspx?pal=cognoscente) / *adj.* 2. g. Que conhece ou tem a capacidade de conhecer....acessado em <http://www.priberam.pt/DLPO/Pesquisa.aspx?pal=cognoscente>

⁴ Antropologia: ciência que estuda a origem, o comportamento e o desenvolvimento físico, social e cultural dos seres humanos. (DELP – Dicionário Essencial da Língua Portuguesa, 2006, p.54).

Encontra-se na ordem dos primatas, na subordem denominada antropoide, em conjunto com os símios e os macacos, entretanto a raiz primata subdivide-se em famílias diferentes. Os símios pertencem à família dos pongídeos, os macacos dos hilobatídeos, e o homem da família dos homínídeos. É denominado gênero *homo* (termo em latim da palavra homem, que significa único sobrevivente); pertence à espécie *homo sapiens*. Portanto, o homem não descende diretamente do macaco, pode-se dizer que são parentes por estarem em uma mesma raiz primata (antropoides), mas não são ancestrais por descenderem de famílias diferentes. Apresentam algumas semelhanças tais como os ossos, órgãos, os sentidos da visão, olfato e audição, sangue, os processos mentais e cérebro. As diferenças mais significativas são o formato e o tamanho da caixa craniana (maior no homem), na mandíbula, arcada dentária e dentes; a posição da coluna vertebral em “S” no homem o possibilita o caminhar ereto, enquanto que a coluna do macaco é curva, e por fim, a distinção na anatomia das mãos e pés (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p.83).

Estudos antropopaleontológicos (paleontologia humana) estimam que o primeiro antecessor do homem (denominado antropoide homínídeo) surgiu na quarta e última Era geológica, a Cenozoica, em torno de 5 milhões de anos. De modo geral, relaciona-se a evolução do homínídeo em quatro fases (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p. 70-83): *Australopithecus* (austral, sul; pithecus, macaco), também chamado de Homem-macaco ou pré-humano, viveu entre o período de um a três milhões de anos atrás, é conhecido como o mais antigo remanescente dos homínídeos. Locomovia-se ereto, tinha postura bípede, crânio de dimensões pequenas e arcada dentária proeminente. Caçador alimentava-se também de carne e de vegetais, essas ações desenvolveram a capacidade de cooperação, comunicação e inteligência. A posição bípede liberou as mãos para o uso de objetos cortantes como pedra e osso e conseqüentemente a fabricação de instrumentos. O *Pithecanthropus* ou *Homo erectus* (Homem de pé ou Homem de Java) viveu entre um milhão e 100 mil anos atrás, no centro de Java. Apresenta uma evolução craniana, o primeiro a ser classificado como homem. Na China, foram encontrados fósseis do *Homo erectuspekinensis* (Homem de Pequim), onde se evidenciou o uso do fogo, com idade determinada em torno de 400 mil anos ou mais antigos. Na África, em Argélia, foram encontrados fósseis do *Homo erectusmauritanicus*, com mandíbulas semelhantes as do Homem de Pequim. O *Homo erectus* possui crânio

grande, bípede, apresenta redução da arcada dentária e modificação da estrutura facial (humanização). Utilizava artefatos de pedra e armas, praticava caçadas, uso de armadilhas e fogo.

O *Homo sapiens* (Homem de Neanderthal) foi encontrado em várias regiões pela Europa, Ásia e África, sendo a espécie relacionada pela semelhança do esqueleto, crânio grande, face, dentes, ossos e membros semelhantes aos dos humanos. Viviam em cavernas, usavam o fogo para aquecer, iluminar e talvez cozinhar. A caça e coleta estavam presentes, porém já apresentavam mudanças culturais em relação ao *Homo erectus*, no aperfeiçoamento das técnicas e instrumentos. Os usos de materiais tais como conchas, chifres e dentes deram início às artes. Caçavam grandes animais e vestiam-se com suas peles, o enterro dos mortos com seus pertences e achado de objetos que remetem à prática de rituais evidencia a crença na transcendentalidade e na existência do espírito.

O *Homo sapiens sapiens* (Homem do Cro-Magnon) representa o grupo final de fósseis, datados de 35 a 10 mil anos passados, além da Europa, Ásia e África ocuparam mais tarde a América e Austrália. Caixa craniana de 1.200 a 1.600 cm³, altura entre 1,72 e 1,86m, feições mais próximas do homem moderno. “Possuíam uma tecnologia material avançada, passaram da coleta para a forragem intensiva⁵, resultante de uma cultura intelectual bastante criativa” (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p.83), dando desenvolvimento as pinturas nas cavernas, murais, estampas, esculturas, etc.

A principal diferença entre os hominídeos (homem) e os demais antropóides está na “cultura, própria do homem, que ele cria e transmite, principalmente, através da fala” (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p.73) desenvolvida no processo evolutivo que o gênero *Homo* empreendeu para a sobrevivência e a adaptação ao meio. Neste sentido Gough refere à importância da linguagem para a organização social, afirmando que a linguagem “tornou possível não só a divisão e a cooperação do trabalho, mas também todas as formas de tradição, regras, moral e aprendizagem cultural” (1980, p.63).

(...)um ser diferente dos demais, em decorrência de sua capacidade de produzir cultura, ao desenvolver o mecanismo de adaptação ambiental. Mesmo os antepassados mais longínquos do homem possuíam rudimentos

⁵Forragem: qualquer matéria vegetal utilizada para alimentar gado (DELP- Dicionário Essencial da Língua Portuguesa) p. 293. A forragem intensiva são práticas alimentares das populações que vivem mais da coleta do que da caça (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p.135).

de linguagem articulada, indispensável à transmissão da cultura, através da comunicação simbólica (MARCONI; PRESOTTO, 2001, p.91-92).

Os hominídeos produziam de forma rudimentar objetos para a defesa, e de caça e coleta para a alimentação do grupo. Os sentidos alertavam o homem pré-histórico dos perigos, das intempéries, a necessidade de elaborar estratégias em grupo para resolver os problemas. Inicialmente, a comunicação era feita por sons vocais e gestos, seguindo-se com o surgimento da fala. Vê-se que ao aflorar os sentidos no homem, a apreensão da realidade que o envolve reclama um posicionamento que o leva a interagir com o meio e com os outros seres. São os sentidos que trazem ao homem a necessidade de dar significados àquilo que passa a perceber ao seu redor.

A necessidade de sobreviver e o desenvolvimento de melhores condições para a vida grupal leva o homem pré-histórico a elaborar formas de comunicação para a convivência em grupo e estratégias de sobrevivência. Mudanças climáticas e o ataque de animais de grande porte concorreram para que o hominídeo se torne um ser gregário e predisposto ao nomadismo. A vida nômade exige do grupo a adaptabilidade aos lugares por onde passa, fazendo com que o grupo desenvolva padrões de comportamento, criando diferentes hábitos e costumes relativos ao meio vivido.

As relações poligâmicas aos poucos vão dando lugar à relação monogâmica, baseada no afeto e no cuidado do homem e da mulher com os filhos com o sentido de perpetuação da espécie, denominada família. Sua existência é, na visão de Lévi-Strauss (1980), a valorização do *parentesco*, para a disputa e conquista de território, presente na formação social desde as sociedades primitivas.

A família, juntamente com o agrupamento territorial, constitui o esqueleto da sociedade entre os caçadores. Com efeito, como Marx e Engels claramente viram, o parentesco e o território são a base de todas as sociedades que existiram anteriormente ao aparecimento do estado. Não só os bandos de caçadores e colhedores, como também as organizações mais vastas e complexas das tribos e chefias dos cultivadores e pastores primitivos, organizam os indivíduos através da descendência de antepassados comuns ou da existência de laços matrimoniais entre grupos. (...) Para além da família só existe o grupo. Com a domesticação dos animais e plantas a economia torna-se mais produtiva, um maior número de pessoas podem viver juntas. As tribos contêm vários milhares de pessoas organizadas de forma coerente em grandes grupos de parentesco, como as linhagens e os clãs, cada um deles composto por um certo número de famílias relacionadas entre si. (GOUGH, 1980, p.68-69).

Dessa forma vemos as duas principais capacidades - a elaboração do raciocínio teleológico⁶ e a Linguagem – são primordiais para a evolução humana e foram germinadas no dia-a-dia dos seres humanos.

É estabelecida uma relação em que ambos os sujeitos transformam um ao outro, interferindo e alterando a composição do tecido social.

Ora, dado que a relação do homem com a espécie humana é, desde o início, formada e mediatizada por categorias sociais (como trabalho, linguagem, intercâmbio, etc.); dado que, por princípio, não pode ser “muda”, mas se realiza apenas em relações e vínculos que operam a nível da consciência; dado isso, tem lugar no interior do gênero humano, (...) Assim como a consciência especificamente humana só pode nascer em ligação e como efeito da atividade social dos homens (trabalho e linguagem), também a consciência de pertencer ao gênero humano se desenvolve a partir da convivência e da cooperação concreta entre eles (LUKÁCS, 1979, p.145).

É próprio de a natureza humana organizar-se para suprir suas necessidades de sobrevivência e também de sentido social. O ser humano é, antes de tudo, um ser relacional – porque têm determinações que são ao mesmo tempo históricas, econômicas, políticas e culturais simultaneamente presentes em sua vida.

A formação social ocorre no vir a ser, no movimento de processualidade. Ele constrói seus significados e apreende o mundo que o cerca pela leitura que faz da realidade, respondendo a esse mundo nas ações que pratica no cotidiano. Pressupõe-se que, quanto maior for o grau de consciência crítica por ele desenvolvido, maior será sua capacidade para entender a realidade que o cerca e conseqüentemente, a sua posição no mundo.

A *representação* da verdade da realidade humana é justamente considerada como algo distinto dessa mesma realidade e, portanto, não nos pode tranquilizar. A verdade da realidade não pode ser apenas *representada* ao homem, tem que ser praticada pelo próprio homem. O homem quer *viver* na autenticidade, quer *realizar* a autenticidade. O indivíduo não pode, sozinho, mudar revolucionariamente as condições dadas e erradicar o mal. (...) Pode viver uma vida autêntica em um mundo que não seja autêntico? Pode ser livre em um mundo não livre? (...) Na modificação existencial o sujeito do indivíduo desperta para as *próprias* potencialidades e as escolhe. Não muda o *mundo*, mas muda a *própria posição diante do mundo* (KOSIK, 2002, p.90).

Só assim poderá ter uma posição ativa nas relações sociais e com uma perspectiva voltada tanto para seus interesses pessoais, como entendendo sua

⁶Teleológico: (do grego télos, fim, e logos, estudo) estudo da finalidade. Há duas maneiras de considerar a história humana, por exemplo: ou a consideramos a ordem das causas, seu passado; ou a consideramos em função de seu objetivo; essa última consideração é “teleológica” (LAROUSSE, 1969, p.319).

importância no processo de transformação das relações sociais.

A *práxis* tem ainda uma outra dimensão: no seu processo, no qual se cria a específica realidade humana, ao mesmo tempo se cria *de certo modo* uma realidade que existe independentemente do homem. Na *práxis* se realiza a *abertura* do homem para a realidade em geral. No processo ontocriativo da *práxis* humana se baseiam as possibilidades de uma ontologia, isto é, de uma compreensão do ser. A criação da realidade (humano-social) constitui o pressuposto da abertura e da compreensão da realidade em geral. A *práxis* como criação da realidade humana é ao mesmo tempo o processo no qual se revelaram em sua essência, o universo e a realidade. A *práxis* não é o encerramento do homem no ídolo da sociabilidade e da subjetividade social: é a abertura do homem diante da realidade e do ser (KOSIK, 2002, p. 225-6).

O ser humano constrói sua posição no mundo pautado pelas relações cada vez mais organizadas no meio virtual que oferecem aos sujeitos infinitas possibilidades de navegação por toda a sorte de novos e insuspeitados conhecimentos. Entretanto há que se obter a bússola que indicará o caminho a seguir rumo à construção da sua “relação prático-humana com a realidade” (KOSIK, 2002, p.226). Sem a possibilidade dessa relação estabelecida não poderá o sujeito desvelar o que realmente possui significado para sua formação dentre o manancial que está à sua disposição no meio virtual. A aparente abundância de conhecimento pode cegá-lo para a grandeza que possui como ser. Sua essência está além de ser ele um animal dotado de racionalidade ou possibilidade de socializar através das linguagens utilizadas por ele.

(...) a filosofia materialista sustenta que o homem, sobre o fundamento da *práxis* e na *práxis*, como processo ontocriativo, cria também a capacidade de penetrar historicamente por trás de si e em torno de si, e, por conseguinte, de estar aberto para o ser em geral. O homem não está encerrado na sua animalidade ou na sua socialidade porque não é apenas um ser antropológico; ele está aberto à compreensão do ser sobre o fundamento da *práxis* e, é por isso um ser antropocósmico. Na *práxis* se descobriu o fundamento do real centro da atividade⁷, da real mediação histórica de espírito e matéria, de cultura e natureza, de homem e cosmos, de teoria e ação, de ente e existente, de epistemologia e ontologia. Conhecemos o mundo, as coisas, os processos somente na medida em que os “criamos”, isto é, na medida em que os reproduzimos espiritualmente e intelectualmente. Essa reprodução espiritual da realidade só pode ser concebida como um dos muitos modos de relação prático-humana com a realidade, cuja dimensão mais essencial é a *criação* da realidade humano-social (KOSIK, 2002, p.226-7).

Todavia, ao falarmos de formação social do sujeito, cabe analisarmos esse fato social com maior retidão, pois o que se vê hoje é algo que não conhecíamos

⁷ A mediação histórica real, cujo elemento é o tempo (nota de rodapé do autor, p. 226).

antes em nosso processo histórico. Não se trata simplesmente de jovens que apresentam capacidades de desenvolver as linguagens virtuais com maior destreza que os adultos. Há algo novo indicando uma mudança nos parâmetros histórico-sociais. A lógica presente no processo histórico era a de que cabia ao adulto a transmissão do conhecimento ao jovem; aprender com aquele que viesse antes dele. Pode-se dizer que esta é uma lógica que obedece à concepção e manutenção do sistema baseado na manutenção da divisão de classes sociais. Contudo, hoje um sujeito jovem detém uma maior capacidade de apreender conhecimentos nos meios virtuais do que aquele que tem por incumbência educá-lo.

O caráter social da linguagem é, portanto, peça-chave para o estudo e análise das manifestações de consciência do sujeito, do ser de si, para o outro, do estar no mundo. Esse mundo que o adolescente vê, decodifica, reelabora valores e se organiza como sujeito a partir do campo das ideias construídas, em nosso tempo histórico, nas ideias construídas no meio virtual.

2.1 Ontologia Social do Sujeito

Sempre dizemos muito pouco do 'próprio ser', quando, dizendo 'o ser', omitimos seu apresentar-se para o ser humano, desconhecendo nós, com isso, o fato de este ser do homem em si mesmo participar da constituição 'do ser'. Dizemos também muito pouco do homem, quando, dizendo o 'ser' (não o ser-homem), pomos o homem para si para, apenas então, afirmarmos uma relação do assim posto com o 'ser'. Mas, também dizemos demais quando nos referimos ao ser como àquilo que tudo compreende, representando, assim, o homem apenas como um ente particular entre outros (planta, animal) e estabelecendo entre ambos uma relação; pois reside já no ser humano a relação para com aquilo que, através da relação, - o relacionar no sentido de necessitar – é determinado com 'ser' e, desta maneira, despojado de seu presumido 'em si e para si' (HEIDEGGER, 1969, p.40-41).

Iniciou-se este capítulo abordando em linhas gerais o desenvolvimento físico, social e cultural do homem, a partir da Antropologia. De acordo com o Dicionário da Filosofia Larousse⁸, a Antropologia, na concepção metafísica, "é a

⁸ Páginas 21 e. 235.

ciência do homem”, enquanto que a Ontologia é a ciência que aborda o “ser em si”, e como tal, são ciências que se opõem. Para entendermos porque esses conceitos são listados como opostos, quando na realidade simplesmente representam abordagens diferentes, porque foram construídos em momentos históricos distintos, mencionar-se-á, *en passant*, as principais epistemes ontológicas.

A metafísica (do grego *metataphusika*, além da física) origina-se na Grécia Antiga, representa o “conhecimento das causas primeiras e dos princípios das coisas” (JULIA, 1969, p.202-3). Em torno de vinte séculos, de Platão a Descartes, o problema fundamental da metafísica versou sobre a existência e da natureza de Deus. No período da Idade Média as formulações metafísicas tinham um cunho teológico, influenciando a construção social e política, que se baseavam nas determinações de Deus para justificar as transformações sociais e as relações de poder e dominação. A partir do período renascentista aflora o desenvolvimento das ciências modernas, e ciências como a matemática e a física, por exemplo, desloca o centro do problema metafísico, que antes estava em Deus (*Theos*), para a existência do mundo exterior.

A metafísica se envolve então com todo o potencial que o ser humano pode desenvolver, vê-se no período do Iluminismo o homem, atingindo em muitas áreas o ápice do conhecimento; esse período é representado pelo pensamento de Descartes a Kant. Durante esse período histórico, o homem eleva-se através de suas criações, na materialização dos seus sentidos se aproxima como ser, ao aspecto divino que contém em si. Na metafísica moderna, que destacamos Heidegger (1969), o problema fundamental do homem, de sua natureza e de sua existência não se trata mais somente como espírito e conhecimento, mas como “sujeito da ação, como engajado no mundo e na história humana” (JULIA, 1969, p.203).

O problema do homem é então, ao mesmo tempo, o de sua natureza profunda (metafísica da existência ou da liberdade), o de suas relações com o outro (ética, filosofia da “intersubjetividade”, sociologia) e o do sentido da história, da qual é levado a participar (metafísica da história) (JULIA, 1969, p.203).

A discussão teórica compreende correntes filosóficas que se contrapõem em distintas formulações da trajetória humana, não se pretende defender uma corrente filosófica em detrimento das demais, pois a realização deste estudo demonstrou que o processo ontológico conta com cada etapa histórica para a sua evolução. A linha de raciocínio que se optou – a ontologia do ser social - escolhida

para o estudo dos sentidos das linguagens virtuais na formação social do adolescente representa um caminho natural, mas que abarca em algum ponto as demais perspectivas.

O papel da ontologia na história e no presente do pensamento humano é, pois, concretamente determinado pela constituição ontológica do próprio ser do homem e, por isso, não é – de fato, não apenas abstrata e verbalmente – eliminável de nenhum sistema de pensamento, nenhum domínio do pensamento e antes de tudo, naturalmente, de nenhuma filosofia (LUKÁCS, p.36).

O adolescente como sujeito em desenvolvimento está no coração das mudanças sociais porque vivencia grande identificação com as linguagens virtuais e participa ativamente das transformações sociais que a tecnologia vem empreendendo no cotidiano dos sujeitos. A relação do sujeito com o mundo é hoje ditada pelo conhecimento, sua aquisição representa peça fundamental para a formação de valores. O meio virtual está inegavelmente presente na construção de sentidos, significados e valores, que, independente de serem bons ou ruins, estão efetivamente trazendo uma mudança de paradigmas. O exercício das linguagens virtuais vem alterando a concepção dos sujeitos na formação dos valores éticos, contribuindo para uma nova forma de ser e de estabelecer as relações sociais. Ora, se a forma como os sujeitos veem o mundo e a própria forma como apreendem o conhecimento (o saber) se altera, “*o mundo muda, eu mudo, o sentido que se dá à vida é alterado*” (PELIZZOLI, 2006, p.118). Este fato precisa ser analisado do ponto de vista ontológico, pois a essência das coisas é atingida, algo muda na sociedade em sua essência.

As relações mudam, o homem contemporâneo derrubou as barreiras do tempo, não está mais condicionado a ele, agora pode acessar toda a enormidade do tempo histórico, literalmente “navegar” por ele. O sujeito tem acesso ao conjunto de toda a trajetória humana construída em alguns milhares de anos por aparato virtual. Porém, ainda que sua essência humana esteja presente no conteúdo à disposição no meio virtual, é preciso que o sujeito possa contar em sua formação, competência a nível pessoal, cultural, e de sociabilidade para chegar a esse patamar de conhecimento, ir além da superfície.

Sem condições de apreender, pode não reunir condições para decodificar as linguagens que façam com que ele vá ao encontro de sua essência ontológica. O adolescente forma em si um ser que é social e ético porque se vê, percebe-se com um sentido porque existe dentro de um contexto do social, do “nós” de forma ampla.

Por essa razão, corrobora-se com Foucault (2004) que diz ser o “*cuidado é ético em si mesmo*”, pois se acredita que na essência do homem encontra-se um ser que só existe porque é ele próprio a personificação do cuidado. O ser que ao nascer viveu o cuidado para alimentar-se, a sensação de estar protegido ao dormir, o aconchego lhe diz que ele pertence a um lugar. O amor primordial, vivido no cuidado, no início da vida do sujeito dá passagem às primeiras palavras, “mamãe”, “papai” que o sujeito balbucia. São os primeiros atores sociais que oferecem ao sujeito o primeiro contato de uma relação social baseada na afetividade e no cuidado mútuo. Esse ser exerce sua essência expressando emoções como o abraço, os sorrisos, o olhar, mas que são também ações concretas. Ao receber o cuidado, o ser elabora o verbo que recebe ao mesmo tempo e em conjunto com a transmissão das emoções – o amor no toque, no corpo acariciado e embalado entremeando os sonhos e as descobertas do dia-a-dia que o acompanhará pela vida inteira. Todas essas emoções vivenciadas fazem parte da essência humana, são tão importantes quanto às realizações empreendidas pelo coletivo histórico.

Defende-se, neste estudo, que o problema ontológico não pode ser explicado por uma única perspectiva epistemológica⁹, o conhecimento avança a princípio negando uma teoria para ultrapassá-la. Nessa superação ele carrega em seu bojo uma síntese de todas as teorias, uma perspectiva que retorne à importância do coletivo para a formação do sujeito.

(...) a oposição sujeito/objeto no conhecimento era um problema insuperável nas perspectivas metafísica e científica. Ou o objeto ou o sujeito se impunham. Para a perspectiva dialética, nenhum deles se impõe isoladamente, uma vez que ambos são constituídos, assim como sua relação recíproca, pelo processo histórico-social. Um depende do outro e ambos dependem da realidade histórica. Assim, o sujeito (o homem como ser subjetivo, consciente, capaz de reflexão) dá-se conta de que, embora condicione a posição do objeto (parte de verdade das filosofias subjetivistas), não o constitui integralmente (parte de verdade das filosofias positivista e realista); o objetivo, por sua vez, por mais autônomo que seja, não mais se impõe dogmaticamente ao sujeito como pura positividade empírica ou como entidade metafísica (erro das filosofias positivista e realista). O sujeito se reconhece ao fluxo da **contingência** do existir natural e social, reino do objeto (verdade do naturalismo e do positivismo) que, de seu lado, só tem sentido para um sujeito (verdade da filosofia subjetivista) que é, na realidade, um sujeito coletivo (SEVERINO, 1994, p.138).

⁹Epistemologia: teoria do conhecimento. Área da Filosofia que estuda os processos do conhecimento humano, tanto de um ponto de vista descritivo como de um ponto de vista crítico. Busca explicar como se dá o conhecimento humano e qual é o seu alcance, até que ponto ele nos dá a verdade (SEVERINO, 1994, p.79).

A discussão acerca do sujeito e seu sentido social é absolutamente contemporânea, a legitimação das novas tecnologias sobre o capitalismo globalizado vem alterando a composição do tecido social, das relações e dos indivíduos, impregnados pela presença mágica dos meios virtuais e da evolução da ciência. O processo de acumulação capitalista vem passando por novas configurações sociais, econômicas e políticas determinadas pelo avanço tecnológico. Segundo Dupas (2005) estamos na era da sociedade da informação, onde predomina a hegemonia tecnológica com autonomia sobre o Estado e o setor privado para impor determinações das indústrias no lançamento de produtos e serviços, desprezando preocupações de natureza social ou de políticas públicas. Para o autor, a liderança das redes global das novas mídias adquiriu um poder ilimitado, pois é revestida de auréola mágica que a coloca acima da moral e da razão. Segundo Dupas *“a difusão de sua lógica altera radicalmente a operação e os resultados dos processos produtivos, bem como o estoque de experiência, cultura e poder”* (2005, p.75).

Atualmente o sentido do “nós” na concepção do social vem sofrendo alterações em seu significado. Os sujeitos são pressionados pela sociedade de consumo a exercer sua sociabilidade na busca de novos conhecimentos e novas formas de comunicação. Passe-se a circular cada vez mais somente por zonas relativas a interesses particulares, estabelecendo relações com outros sujeitos pela lógica da afinidade de interesses afins. Com isso perde-se o aprendizado que se adquire com os diferentes sujeitos, enfraquece a percepção do outro como um ser que em sua heterogeneidade traz sentido ao outro e assim compõe o tecido social. O pano de fundo social na verdade se nutre das diferenças dos sujeitos, é a convivência mútua e os decorrentes ajustes para um convívio harmônico que confere ao que denominamos “sociedade” sua razão de ser. Como então se dará a formação do sujeito baseada na dimensão do coletivo quando esta vem aos poucos sendo diluída?

A razão de fundo reside no fato de que os homens, com muita frequência, só sentem como próprios seu Estado e sua sociedade quando neles tem lugar uma determinada dominação (ou um determinado equilíbrio) de classe. Enquanto o gênero mudo, biológico, é algo puramente objetivo, não transformável pela ação do exemplar singular, a relação do homem com o complexo social no qual realiza sua consciência genérica é uma relação ativa, de cooperação, em sentido construtivo ou destrutivo. Por isso, o sentimento de pertencer a uma comunidade secreta, ou, pelo menos, o habituar-se a ela, são a premissa necessária para que suja o gênero em

sentido social. A consciência é, antes de mais nada, a forma de reação (de caráter alternativo) a relações concretas objetivamente diversas no plano social (...) É a reação – frequentemente obscura, puramente emotiva – do indivíduo ao mundo social ambiente, que se lhe apresenta como algo dado (LUKÁCS, 1979, p.146-7).

Partindo do princípio no qual os sujeitos se formam como tal coletivamente dentro de relações de poder, que sempre existiram historicamente, somente mudam os atores sociais, cabe perguntar: o poder, de que forma esse poder se constitui?

Foucault propõe uma análise do poder não como um fenômeno maciço e homogêneo de dominação de um grupo sobre os indivíduos, por exemplo, “*mas ter em mente que o poder é algo que circula como uma coisa que funciona só em cadeia*” (1999, p.35).

O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles. (...) O indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu (FOUCAULT, 1999, p.35).

O sujeito é instigado pela lógica da sociedade da informação a estar permanentemente conectado para se relacionar e se manifestar nas redes sociais inserindo informações sobre si, seus gostos, reflexões. Se por um lado os sujeitos têm enfraquecidas a garantia de entrada e a permanência no mundo do trabalho, por outro, o compartilhamento de suas preferências de consumo em meio virtual, representa o exercício de uma nova forma de poder que Dupas denomina como “socialização compulsória” (2005, p.80). Há um indicador neste fato importante a ser analisado do ponto de vista sócio ontológico, a essência do ser ético assemelha-se a mares ainda por serem navegados.

(...) nunca somos capazes de ter um conhecimento total de todos os componentes de nossas decisões e suas consequências – também na vida cotidiana o ser real muitas vezes se revela de maneira altamente distorcida. Em parte, os modos de manifestação imediata encobrem o realmente essencial no plano ontológico, em parte, nós mesmos nós mesmos projetamos no ser, com silogismos analógicos precipitados, determinações que são totalmente estranhas a ele, apenas imaginadas por nós; confundimos com o próprio ser os meios com que tomamos consciência de momentos determinados do ser (...). Portanto, é preciso partir da imediatidade da vida cotidiana, e ao mesmo tempo ir além dela, para poder apreender o ser como autêntico *em-sí*. Mas, simultaneamente, também é preciso que os mais indispensáveis meios de domínio intelectual do ser sejam submetidos a uma permanente consideração crítica, tendo por base sua constituição ontológica mais simples. As inter-relações desses dois

pontos de vista aparentemente opostos é que possibilitam uma aproximação daquilo que o ser, como ente, verdadeiramente é (LUKÁCS, 2010, p.37).

Sempre haverá uma realidade estranha ao sujeito, que para o outro lhe é familiar, bem como o contrário, como também existirão mediações na vida dos sujeitos que pertencem à sua vida e o distinguem. Dessa forma, a percepção dos diferentes modos de ser encontrar-se-á comprometida, pois analisamos a partir de uma visão de mundo própria. Por essa razão a observação do cotidiano do sujeito respaldada com uma visão crítica possibilita uma aproximação da realidade construída por ele, mesmo em sua particularidade, ele exemplifica em dado momento a genericidade humana¹⁰.

Assim, ante a perspectiva histórico-crítica não nos fala de um passado pertencente aos respectivos autores teóricos que formularam a teoria, mas o que este estudo aborda refere-se aos sentidos cada vez influenciados mais pelas relações de consumo. Dupas (2005) vai mais além, delineando um quadro denso que não representa o que aqui se deseja demonstrar como contributivo para a formação do ser social. Entretanto, é uma reflexão crítica do autor que merece ser mencionada por se tratar de um cenário que a sociedade precisa evitar, estimulando que todos os sujeitos tenham uma postura ética no uso das linguagens virtuais.

O deslumbramento diante da novidade tecnológica e a ausência total de valores éticos que definam limites e rumos poderão ameaçar a própria sobrevivência da humanidade. As novas tecnologias na área do átomo, da informação, da genética e agora da nanotecnologia causam um crescimento brutal dos poderes do homem, agora sujeito e objeto de suas próprias técnicas. Isso ocorre num estado de *vazio ético* no qual as referências tradicionais desaparecem e os fundamentos ontológicos, metafísicos e religiosos da ética se perderam (DUPAS, 2005, p.76).

Em sua essência, o “nós” vai, aos poucos, sendo diluído, o contato humano distanciado do cotidiano concorre para um enfraquecimento das relações que fortalecem o ser humano para o enfrentamento dos revezes cotidianos. A quase totalidade dos indivíduos dirige-se ao meio virtual “ansiosos por comunicação aberta” (DUPAS, 2005, p.199) pela troca que o contato com o outro traz, mas algumas vezes acabam restritos a uma prática social virtual limitada. O “nós coletivo” no qual ele acessa para obter informações e atualizar-se, encontra-se distante como

¹⁰ Segundo Heller (1991) o ser genérico é o ser pertencente ao gênero humano, que, por sua vez, refere-se ao ser social, ao ser ôntico. É no processo do trabalho e das relações sociais que se funda o ser social.

sentido de si se esta for a única forma de contato com o outro, e este passa a ser uma presença virtual.

A essência do humano, a constituição ontológica do sujeito passa a existir de maneira simbólica, seja por um avatar¹¹ que utiliza como personificação de si, seja com outro recurso de imagem, som ou pela palavra. A História é acessada pelas relações de poder no meio virtual pela linguagem, a existência do ser desde o princípio caracteriza o processo histórico a influencia preponderante das relações de poder. Atualmente, as relações não são mais determinadas pelas normas religiosas, nem pelo conhecimento que ilumina o mundo. Hoje, vive-se a sociedade da informação e consumo, e este contexto sócio histórico se utiliza, em sua essência, da linguagem para oferecer quais os sentidos e significados o sujeito vai escolher para personificá-lo.

A visão ontológica relaciona a busca de sentidos do sujeito à sua própria constituição como ser social dentro do processo histórico das relações sociais. Como tal, a antropologia filosófica ilumina as indagações que desejamos empreender, inter-relacionando o homem como ente que pensa sobre si e sobre sua ação no mundo. Neste processo ele interfere no mundo, transformando-o e, como já foi afirmado anteriormente, sendo por ele transformado. Dessa forma, não se opõe à antropologia, pelo contrário, dentro do sentido filosófico as considerações se multiplicam. Segundo Severino (p.79, 1994), quando especulamos sobre “*as características comuns a todas as coisas, a todos os seres*”, enfim, de todos os entes que possuem uma essência, estaremos falando em termos ontológicos. .

Ser-no-mundo traduziria exatamente o ser do homem, na medida em que deseja significar que a experiência original do homem é a experiência de um encontro com o mundo – que não é só o mundo da natureza material –

¹¹Avatar: do sânscrito Aval, que significa "Aquele que descende de Deus", ou simplesmente "Encarnação". Qualquer espírito que ocupe um corpo de carne, representando assim uma manifestação divina na Terra. A melhor definição vem de um antigo escrito indiano, Vedas: "Avatara, ou a encarnação da Divindade, descende do reinado divino pela criação e manutenção da manifestação em um corpo material. E essa forma singular da Personalidade da Divindade que então se apresenta é chamada de encarnação ou Avatara. Tais Personalidades estão situadas no mundo espiritual, o reinado divino. Quando Eles transcendem para a criação material, Eles assumem então o nome Avatara." - Chantajar-caritativa 2.20.263 - 264. Um avatar é uma forma encarnada de um Ser Supremo, e tais incontáveis formas divinas residem em um plano espiritual. Quando essa forma despersonalizada de Deus transcende daquela dimensão elevada para o plano material do mundo, Ele - ou Ela - é conhecido então como a encarnação ou Avatara. A palavra Avatar se tornou popular entre os meios de comunicação e informática devido às figuras que são criadas à imagem e semelhança do usuário, permitindo sua "personalização" no meio virtual. Tal criação assemelha-se a um avatar por ser uma transcendência da imagem da pessoa, que ganha um corpo virtual, desde os anos 80, quando o nome foi usado pela primeira vez em um jogo de computador" acessado em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Avatar>

encontro esse faz nascer o sentido do mundo e do homem (...) o homem é visto aqui como sendo, fundamentalmente, o existente em busca do sentido e pelo qual o sentido aparece (CARMO, 1975, p.158).

Há uma intenção e um objetivo particular próprio do sujeito, o que para Maturana denomina como uma atuação do sujeito como *observador* (2002, p.245), realizando a “práxis do viver”. Traduzimos o mundo que nos rodeia e nele atuamos a partir dessa experiência como observadores. Estamos em constante interação com o ambiente social e esse constitui o nosso processo ontológico de ser. Na sua obra a “Ontologia da realidade”, Maturana propõe em um diagrama ontológico (2002, pág. 253) no qual busca explicar o processo do sujeito como observador atuando ora explicando essa realidade, ora emocionando-se com ela. Este sujeito-observador constrói sua essência transitando entre o domínio das ontologias transcendentais (matéria, energia, mente, Deus...) e o domínio das ontologias constitutivas (as muitas realidades e verdades com que se defronta nas experiências que vivencia). Esse processo ontológico do sujeito se dá pela linguagem. Essa importante atribuição à linguagem presente na ontologia proposta por Maturana (1997) colabora para a concepção de que a vida do adolescente tem na linguagem uma significação à sua formação como ser genérico e social.

3. LINGUAGEM

O processo histórico dos seres humanos na organização para estabelecer sua sobrevivência e perpetuação da espécie ocasionou o surgimento de capacidades específicas da condição humana. O viver em grupo demandou a necessidade de comunicação para a realização de tarefas no cotidiano, e mesmo ao longo da história a transmissão do conhecimento reunido pelas civilizações originou o que denominamos por linguagem.

É preciso distinguir linguagem de língua, que segundo Coseriu, “falar é sempre falar uma língua, não uma linguagem” (1977, p.32). A língua é um “*sistema vocais e/ou gráficos, próprios de uma comunidade de indivíduos*”, utilizada como instrumento de comunicação ou expressão, por outro lado, a linguagem é a “*capacidade dos seres humanos de exprimir seu pensamento e de comunicá-lo por meio da língua*” (Dicionário Larousse Cultural, 1969, p.571).

Segundo Almeida (2001, p.294) a linguagem é “indispensável para a construção da cultura, esse conjunto de tradições, valores e significados transmitidos de geração em geração”. Ou seja, a linguagem encontra-se presente na formação e evolução da própria condição humana, contendo em si, possibilidades de tradução das mudanças nos processos sociais.

A linguística ocidental nasce do interesse dos pensadores gregos pela língua. Estavam mais interessados em responder questionamentos filosóficos como era a linguagem natural ou convencional? – do que estudar seu funcionamento. Até o fim da Idade Média Latina ninguém se preocupou em aprofundar estudos voltados para descrever a língua por ela mesma, essa atitude não mudou até o século XVIII. No início do século XIX, um fato histórico significativo para a linguística foi a descoberta de que existia uma relação de parentesco entre o sânscrito e as línguas ocidentais, que a partir de então se denominaram indo-europeias. A linguística está atualmente em sua terceira fase, reintroduzindo a noção de evolução própria de cada momento (BENVENISTE, 1991, p.21).

O linguista (...) estima que não poderia existir pensamento sem linguagem e que por conseguinte o conhecimento do mundo é determinado pela expressão que ele recebe. A linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização. Ela é *logos*, discurso e razão juntos, como o viram os gregos. E isso pelo próprio fato de ser linguagem articulada, consistindo de um arranjo orgânico de partes, de uma classificação formal dos objetos e dos processos. O conteúdo que deve ser transmitido (ou se se quiser, o “pensamento”) é decomposto, assim, segundo um esquema linguístico. A “forma” do pensamento é configurada pela estrutura da língua. E a língua por sua vez revela dentro do sistema das suas categorias a sua função mediadora. Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo. A partir da função linguística, e em virtude da polaridade eu : tu, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares. (...) De fato é dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas frequentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu (BENVENISTE, 1991, p.26-27).

A Linguística é a ciência que estuda os principais temas da Linguagem, tais como as relações entre o biológico e o cultural, a subjetividade e a sociabilidade, o signo e o objeto, o símbolo e o pensamento, e entre os problemas da análise intralinguística (BENVENISTE, 1991, prefácio IX). É uma ciência que tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência da língua. A linguagem é uma faculdade humana, característica universal e imutável do homem. Não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. O linguista se ocupa das línguas, sendo assim a linguística é a teoria das línguas. (BENVENISTE, 1991, p.20). Outras ciências desenvolvem estudos abordando o tema da linguagem, tais a Filosofia, a Psicanálise, e atualmente as ciências da Comunicação Social e as Ciências Neurobiológicas.

Sendo assim, atemo-nos ao objeto de estudo - o sentido das linguagens para a formação social do sujeito da pesquisa – e para realizar tal investigação, considera-se que a dimensão social e por consequência, a dimensão histórica é preponderante. Defende-se a perspectiva histórica como constitutiva do sujeito, e a linguagem, neste contexto, ocupa um espaço central, sem o qual a evolução do humano não poderia acontecer. Da mesma forma o tempo também é significativo, que, contemporaneamente apresentam-se no cotidiano burilado relações e

conhecimentos na velocidade da luz. O tempo, hoje transmutado dentro da virtualidade, é o arauto¹² das transformações sociais.

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1991, p.26).

Assim, percebendo a relevância sócia ontológica dos significados e dos sentidos na linguagem, concorda-se com Benveniste quando este conclui que “a linguagem tem como função ‘dizer alguma coisa’. O que é exatamente essa “coisa” em vista da qual se articula a língua, e como é possível delimitá-la em relação à própria linguagem? Está proposto o problema da significação” (BENVENISTE, 1991, p.8).

A linguagem tem, antes de tudo, algo de eminentemente distintivo: estabelece-se sempre em dois planos, significante e significado. O simples estudo dessa propriedade constitutiva da linguagem e das relações de regularidade ou de desarmonia que acarreta, das tensões e das transformações que daí resultam em toda língua particular poderia servir de fundamento a uma linguística. Entretanto, a linguagem é também um fato humano; é, no homem, o ponto de interação da vida mental e da vida cultural e ao mesmo tempo o instrumento dessa interação (BENVENISTE, 1991, p.26).

Benveniste destaca que “a linguagem reproduz o mundo, mas submetendo-o à sua própria organização” (1991, p.26), para ele o poder fundador da linguagem “instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu” (1991, p.27).

Maturana, pesquisador em neurobiologia, entende que “*a história do cérebro humano está relacionada principalmente com a linguagem*”, e dessa forma a sua importância para a evolução do ser humano é central, pois, “*o peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no seu entrelaçamento com o emocional*” (1998, p.19). O autor concebe o sistema nervoso como uma rede neuronal fechada e o sujeito como *observador, como se estivéssemos abertos uma*

¹²Arauto: nas monarquias medievais, oficial que fazia as publicações solenes, anunciava a guerra e proclamava a paz. Dicionário Mini Aurélio – século XXI, ed. Nova Fronteira, 2000, p. 57.

*sinapse*¹³. Nós, como observadores, interagimos uns com os outros, se essa interação é recorrente (se há uma regularidade) torna-se co-ontogênica. Para o autor, se “o observador pode ver uma coordenação de ações recorrentes sobre coordenações de ações, se tornam linguagem” (MATURANA, 2002, p.183). Dessa forma passamos a existir no entrelaçamento de muitas conversações, constituindo-nos como sujeitos dentro e a partir das relações sociais.

Reconhecer que o humano se realiza no entrelaçamento do linguajar e do emocional que surge com a linguagem nos entrega a possibilidade de reintegrarmos essas duas dimensões com uma compreensão mais global dos processos que nos constituem em nosso ser cotidiano, assim como a possibilidade de respeitar esses dois aspectos de nosso ser em sua legitimidade. Desde pequenos nos dizem que devemos controlar ou negar nossas emoções porque elas dão origem à arbitrariedade do não-racional. (...) No conversar surge também o racional como o modo de estar no fluir das coerências operacionais das coordenações consensuais de conduta de coordenações consensuais de conduta da linguagem (MATURANA, 2002, p.180).

O ato de conversar é ontogênico e como tal, os seres humanos só puderam evoluir a partir do surgimento da linguagem. Na concepção de Maturana, o “nós” forma-se nas interações recorrentes de ações coordenadas consensuais de conduta, dando-se em modos particulares de viver, sempre no fluir do “co-emocionar”.

Entretanto, a efetividade do raciocinar em guiar as coordenações de ações na atividade técnica nos cega ante o fundamento não-racional de todo domínio racional e transforma, partindo de sua pretensão de não-arbitrariedade, qualquer afirmação racional (...) de obediência ao outro, o que limita nossas possibilidades de reflexão porque nos impede de nos vermos na dinâmica emocional do conversar. Isso é importante porque, ainda que pareça estranho, ao nos darmos conta da participação das emoções como fundamento de qualquer sistema racional no fluir do conversar, obtemos o verdadeiro valor da razão na compreensão do humano. E isso é assim porque agora sabemos que devemos nos dar conta de nossas emoções e conhecê-las em seu fluir, se queremos que nossa conduta seja de fato racional a partir da compreensão do racional (MATURANA, 2002, p.180).

Dessa forma, as emoções estão no centro da constituição da linguagem e do ser humano, fenômeno central para a constituição do ser na visão de Maturana. Esta é uma concepção que causa estranheza ao processo científico ocidental, pela

¹³ Sinapse: si.nap.se. (do grego *synapsis*) Biol Relação anatômica entre dois neurônios. 3.Região de contato entre dois neurônios, onde os impulsos nervosos passam do áxone de um deles para os dendritos do outro.

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=sinapse>

predominância à *razão*, como se esta pudesse existir desligada da *emoção* ou em oposição a ela (MATURANA, 2002, p.180).

As novas gerações adquiriram novas percepções, pela agilidade com que captam a realidade concreta através do mundo virtual. A fluidez das informações e a possibilidade de acesso a todo conhecimento humano presentes na internet trouxeram novos componentes para a formação e desenvolvimento de sujeitos que se encontram na fase da adolescência. O espaço geográfico transformou-se em um imenso campo virtualizado, codificado, onde o adolescente realiza sua leitura do mundo a partir de múltiplas ferramentas como a imagem, o símbolo, traduzindo em linguagem escrita e oral.

Há especificidades que o singularizam enquanto ser em desenvolvimento: todo o conhecimento encontra-se à disposição na internet, não há assuntos proibidos ou censurados nem ao menos limite de tempo para o acesso. Não se trata de utilizar os meios virtuais para lazer. Ao mesmo tempo em que ele utiliza o recurso virtual para aquilo que poderia se denominar como lazer, naquele momento o sujeito está desenvolvendo habilidades e ampliando capacidades que incidirão de maneira transformadora *em-si, para-si* e em seu meio social.

3.1 Discurso, linguagem e ideologia: formação discursiva e ideológica

Toda a linguagem compartilha e a fala do sujeito compartilha visões de mundo. Sendo um ser essencialmente relacional, é no meio social que ele vai abastecer as ideias, estas passam a serem representações que ele irá supor serem suas para compor sua compreensão da vida, e as irá expressar através do discurso construído.

A enunciação compreendida como uma replica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte

social". Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. "A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica". "O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados." Ora, todo signo é ideológico. (...) a palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a "ideologia do cotidiano", que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a "atividade mental", que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia. Contudo, todas estas relações são inter-relações recíprocas, orientadas, é verdade, mas sem excluir uma contra-ação (BAKHTIN, 1992, p.16).

Ao valorizarmos os sentidos que as linguagens virtuais possuem para o adolescente contemporâneo faz-se necessário o estudo das suas formações discursivas e a formações ideológicas presentes na linguagem. Segundo Fiorin (1993), formações discursivas são "conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo", elas estão presentes no discurso que o sujeito constrói a partir das formações ideológicas. Portanto, estas pertencem a uma ordem mais ampla que a formação discursiva, trata-se de uma "visão de mundo de uma determinada classe social, (...) um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo" (idem, p.32). Sendo assim, o sujeito tem em sua linguagem uma construção discursiva que se dá em um âmbito social, que o envolve.

É com essa formação discursiva assimilada que o homem constrói seus discursos, que ele reage linguisticamente aos acontecimentos. Por isso, o discurso é mais o lugar da reprodução que o da criação. Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva determina o que dizer. Há, na formação social, tantas formações discursivas quantas forem as formações ideológicas (FIORIN, 1993, p32).

O discurso dominante é o que determina os rumos da sociedade, impõe sua lógica estabelece parâmetros daquilo que efetivamente é aceito por suas estruturas sociais de poder. Ele não é único, existem demais formações ideológicas em confronto, e dessa forma ainda que a formação discursiva a ela esteja submetida, a consciência individual atua através da linguagem no campo social organizado a partir do "nós". Nesse sentido o grupo atua tanto como unidade reiterando valores apreendidos, bem como unidade dissonante da ordem instituída, expressando através de linguagens alternativas seu posicionamento contrário.

o verdadeiro lugar do ideológico é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de

que le esse situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*). Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra (A sociedade, evidentemente, é também uma parte da natureza, mas uma parte que é qualitativamente distinta e separada dela e que possui seu próprio sistema de leis específicas): não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. *A consciência individual é um fato sócio-ideológico*. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas (p.36) leis. (...) A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN, 1992, p.35-6).

O sujeito intui o processo de subjugação ao qual está exposto, em diferentes níveis de compreensão crítica dos mecanismos ideológicos ele busca alternativas que o levem à resistência. Muitas vezes ele usa do próprio mecanismo ideológico para produzir sua denúncia, ainda que inócua, ele declara para a sociedade que está ciente do processo de dominação a que está exposto. De acordo com Foucault (1999, p.11-2) são nos saberes sujeitados que se encontra a força do saber das pessoas, saberes compostos de duas formas de saberes, os saberes construídos pela erudição e os saberes hierarquicamente inferiores. É o acoplamento desses dois saberes que “permite a constituição de um saber das lutas” (FOUCAULT, 1999, p.13).

As transformações tecnológicas impõem aos sujeitos a necessidade de conexão com o mundo através da internet, o adolescente independente de sua classe social não está alheio a essa nova ordem social. Contudo, seu domínio da linguagem virtual equivale dizer que os dois saberes – os saberes das linguagens adolescentes e os saberes eruditos ou científicos - coexiste no mesmo espaço virtual. Na visão foucaultiana “trata-se de uma insurreição dos saberes”. Dessa forma, a leitura de mundo adolescente, a construção do que entende por realidade, sociedade, por relações sociais e por si mesmo, passam hoje pelos meios virtuais. As redes em que estabelece relacionamentos, nas conexões que realiza ele vai construindo seu entendimento de sociedade. Se, conforme Bakhtin, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência (...) o modo mais puro e sensível de relação social, (...) o material privilegiado da comunicação na vida cotidiana” (1992, p.37),

hoje vemos a palavra definitivamente virtualizada. Ela atinge contemporaneamente novas dimensões ainda a serem devidamente elucidadas, pois a nova ordem pautada pelo predomínio das relações virtuais vem afetando a formação desse sujeito. Ele traduz a partir de mecanismos virtuais de expressão e relacionamento ainda sem a devida compreensão do que este meio representa para sua formação social e ideológica.

Nesse processo, a ideologia e a linguagem como principais expressões de uma nova cultura colocam-se como eixos centrais. (...) [a linguagem] como veículo de expressão e socialização da nova concepção de mundo, demonstra o maior ou menor grau de complexidade desta e seu potencial na construção da nova unidade sociocultural fundada em novos códigos de sociabilidade (ABREU, 1999, p.136).

Vemos no presente momento histórico um sujeito que se encontra muitas vezes a reproduzir linguagens virtuais no intuito de estar inserido socialmente. A sua busca pelo protagonismo nas pequenas decisões diárias que empreende no uso das ferramentas virtuais representa mais que a vontade de estar dentro de um grupo, significa também um preparo para a vida adulta. É provável que nem todo sujeito adolescente tenha a dimensão ampla do que venha a representar essa trajetória para sua formação. Entretanto, visto que nenhum processo de formação social pode ocorrer sem a percepção si e do outro, se presume que o meio social atue indistintamente nas relações virtuais baseadas nas linguagens ali praticadas. O que difere são os sentidos e significados elaborados de maneira singular por cada sujeito, mas até esta singularidade demarcada recebe as emanções intensas do meio social, que busca influenciar comportamentos, gostos, vontades que serão expressos nas ações e nos discursos dos sujeitos. Resta-nos saber quais os resultados que essa vivência produzirá neste sujeito ainda em construção de sua forma social, o que resultará esse encontro do real e o virtual.

A linguagem tem influencia também sobre os comportamentos do homem. O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Ele veicula os tabus comportamentais. A sociedade transmite aos indivíduos – com a linguagem e graças a ela – certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais. (...) Não devemos esquecer que os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social (FIORIN, 1993, p.55).

É preciso entender o adolescente como um ser relacional que não está destacado de todos os processos de despersonalização dos sujeitos, em meio ao adensamento da divisão de classes, para que ele compreenda e tenha uma posição crítica dos processos de desigualdade social. Contudo, a consciência desses mecanismos ideológicos não poderá se dar solitária, é preciso que ele compreenda sua relação com o mundo.

Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, bem como entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados (...). Toda relação de "hegemonia" é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais (GRAMSCI, 1995, p.37).

Não há fronteiras para elaborar essa realidade, o concreto sofre interferência das relações estabelecidas virtualmente. Ele não dependerá unicamente de sua trajetória construída individualmente, construídas através de suas ações na sociedade, pois passa a contar com conceitos ampliados de espaço, território. Ele está presente em muitos espaços ao mesmo tempo e determinando novas concepções de sujeito e de sociedade.

A forma de apreensão depende do sujeito cognoscente, isto é, do gênero de prática, acumulada na filogênese e na ontogênese, de que dispõe. É por isso que uma mesma realidade pode ser apreendida diversamente por homens distintos. A consciência humana depende, pois, da linguagem assimilada. Não só os elementos semânticos, diretamente determinados pelas formações ideológicas, mas também as categorias linguísticas que gozam de uma certa autonomia em relação às formações sociais exercem um papel ativo na percepção do mundo (FIORIN, 1993, p.54).

Apesar e exatamente do fato de que o adolescente desenvolve uma linguagem própria, repleta de gírias e dialetos, é preciso não negar esse recurso por ele desenvolvido, igualmente, faz-se necessário trazer a ele novos referenciais linguísticos que o levem a transitar com desenvoltura pelos dois mundos: o da linguagem que o identifica, e da linguagem própria dos espaços determinados pela ordem instituída. Quando esse sujeito passa a identificar claramente as diferenças dessas linguagens para o desenvolvimento das suas relações sociais além do seu grupo de identificação, ele estará apto a movimentar-se pelos diversos ambientes com possibilidades de exercer uma posição social ativa e transformadora.

É preciso não entender as formações ideológicas e, portanto, as formações discursivas como mero reflexo das relações sociais. (...) como o discurso é

um produto histórico e social, as transformações na estrutura social podem acarretar mudanças discursivas. Não existem representações ideológicas senão materializadas na linguagem. Por isso, excetuadas as formações discursivas, a linguagem não faz parte da superestrutura, mas é o seu suporte, é o instrumento que permite que as representações ganhem materialidade. Se entendermos que a linguagem, ao mesmo tempo em que permeia toda a superestrutura, constitui formações discursivas que pertencem à ordem superestrutural, não incidiremos ao equívoco de dar uma resposta exclusivamente afirmativa (...) ou negativa (...) à questão das relações entre a linguagem e formações sociais. A primeira função da linguagem não é ser representação do pensamento ou instrumento de comunicação, mas expressão da vida real. (...) Quando nos interrogamos sobre as relações que a linguagem mantém com a história, não encontramos o sim ou o não, mas antes o sim e o não (FIORIN, 1993, p.72-73).

Dessa forma, quando se pensa em linguagem, enquanto formação ideológica, e conseqüentemente discursiva, é extremamente necessário deixarmos ao lado conceitos duais de certo ou errado. Há que se questionar a existência de formações ideológicas atendendo a interesses específicos na vida do adolescente. Sabemos que é algo inevitável, porém pensa-se que fomentar um diálogo aberto com o adolescente contribui positivamente para que ele reelabore sua posição como sujeito social.

A partir de determinada linguagem utilizada pelo sujeito, lembrando que a dimensão em que este estudo perscruta circula pela formação social do ser, resta-nos investigar nesta esfera todos os aspectos. Há sentidos pertinentes para, por exemplo, o adolescente que pratica pichações, pois ele busca marcar sua presença nos muros da cidade da mesma forma que posta mensagens nas comunidades virtuais. O que sua marca (“tags”) representa para ele circulando entre essas dimensões (real/virtual)? O que ele está querendo nos dizer, enquanto unicamente manifestação do símbolo linguístico que o identifica?

Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (BAKHTIN, 1992, p.38).

Sendo assim, os aspectos simbólicos¹⁴ e ideológicos das linguagens virtuais adolescentes são conceitos significativos para compreender e analisar os sentidos que se encontram nas formas de expressão e comunicação virtuais. Representa um

¹⁴Simbólico: tudo o que é produzido pela mente humana para representar realidades que estão além do mundo material, concreto. Neste sentido, a própria linguagem é simbólica. Assim também a cultural (CABRAL, 1999, p.388).

grande desafio compreender o quanto essas linguagens atuais contribuem para a formação do sujeito em sua sociabilidade como ser com valores éticos.

Hoje, o adolescente não é mais um sujeito que se encontra em estado passivo na obtenção de conhecimento. Ele já se encontra sujeito de sua própria história, porém sua pouca trajetória de vida requer a contribuição de uma base sólida ética para que ele se torne capaz de enfrentar os processos ideológicos de dominação e subsunção¹⁵ perpetrados na sociedade.

3.2 Linguagens virtuais

O universo adolescente adquire movimentos peculiares, presentes em seu modo de vestir, falar, escrever, relacionar-se e de comunicação com o tecido social. Cada uma destas formas de expressão e comunicação, aspectos vistos isoladamente, deixa de ser visualizado como linguagens que os caracteriza e os singulariza; para que vejamos neles seus sentidos enquanto linguagens precisar-se-á apreendê-los em seu conjunto. É necessário estabelecerem-se nas linguagens adolescentes, conexões com a realidade mais ampla, ou seja:

(...) dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo. Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função *dupla*, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado autêntico e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais (KOSIK, 2002, p.49).

¹⁵ Subsunção: do latim *sumpcione*, ação de tomar. Subsumir: sumere, acolher, tomar, aceitar. Na filosofia escolástica, relacionar, reportar um indivíduo a uma espécie; relacionar uma espécie a um gênero. (Dic.Larousse Cultural, 1999, p.845).

Dessa forma, toda e qualquer manifestação social do adolescente encontra seu espaço no meio virtual comportando um sentido a ser desvelado. A realidade em permanente mutação é potencializada pelos constantes avanços dos recursos tecnológicos à disposição no meio virtual, fazendo com que os conceitos de tempo, território e de sociabilidade sejam igualmente ressignificados.

Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio (KOSIK, 2002, p.49).

Estar presente no mundo contemporâneo pode significar tanto para um sujeito que imprime clandestinamente sua marca (“tags”) pelos muros da cidade e está inserido na internet em comunidades e fóruns virtuais, relacionando-se com outros sujeitos que também se identificam com essa linguagem; participar de redes sociais MSN (Messenger), Facebook e outras, percorrendo ao mesmo tempo diferentes espaços, com a volatilidade da ação, relegando ao plano do abstrato o pertencimento, a inclusão e o exercício do afeto.

A seguir traçaremos um breve contexto sobre as linguagens virtuais mais utilizadas pelos adolescentes, identificadas anteriormente à pesquisa. Deixaremos para o capítulo 5, no item 5.2 a apresentação das formas de expressão em meio virtual que os sujeitos adolescentes identificaram como significativas para a formação social.

3.2.1 Orkut

O Orkut é uma das primeiras redes sociais a serem utilizadas popularmente, criada em janeiro de 2004, recebendo seu nome de seu criador, um funcionário da empresa Google, que se chama Orkut Büyükkökten. O seu objetivo inicial era facilitar aos funcionários da empresa a conhecerem pessoas e construir relacionamentos no meio virtual. Logo expandida aos demais usuários da rede

mundial, tinha foco no público norte-americano, porém não houve grande interesse. Inicialmente, para entrar no Orkut era preciso receber convite de um usuário, atualmente qualquer pessoa pode fazer seu cadastro pessoal. Em 2005, devido ao grande número de usuários no Brasil (é o segundo país a nível mundial em acesso, perdendo apenas para a Índia) e o crescimento de solicitações legais em relação ao uso impróprio no país determinou que o Google, empresa norte-americana, instalasse uma filial brasileira do Orkut. Em 2008, a crescente utilização dos brasileiros faz com que o Google Brasil passe a ter controle mundial do Orkut, dividindo responsabilidade com a Índia. Em abril de 2010 o Brasil tinha 48% de usuários no ranking mundial¹⁶; a Índia 39,2%; Estados Unidos 2,2%; Japão 2,1%; Paquistão 1,0% e demais países somam 5,3%.

Atualmente, o acesso ao Orkut vem diminuindo gradativamente, perdendo para o Facebook e Twitter, porém, existe um público brasileiro ainda fiel a essa rede social, acredita-se devido aos vínculos estabelecidos nas comunidades e relacionamentos iniciados nesse meio virtual.

O Orkut é uma rede social criada para facilitar o relacionamento, onde os usuários podem realizar buscas e adicionar pessoas conhecidas, bem como iniciar contato com pessoas de diversos lugares e culturas. As formas de comunicação no Orkut são através de mensagens pessoais, particulares, mais atualmente denominada como “privada”; os “scrap’s”, onde são postadas mensagens com recursos audiovisuais, escrita livre, divulgação de links, sites e comunidades. Podem ser visíveis a todos, para amigos ou de forma privada. O usuário conta ainda com as ferramentas para armazenar fotos, vídeos e a postagem do seu perfil, comunicando a todos os usuários da rede suas preferências pessoais a fim de travar contato com pessoas de interesses afins. Possui ferramenta de discussão de temas variados, denominadas “comunidades”, onde o usuário participa trazendo e debatendo vários aspectos do tema de interesse, recebendo ou alimentando a comunidade com novas informações sobre o assunto. Em novembro de 2008, o Orkut disponibiliza aos usuários brasileiros o acesso simplificado e sala de bate-papo *on-line*. O Orkut disponibiliza também jogos interativos em sua página, denominados aplicativos.

Os principais problemas da rede social Orkut são questões de privacidade, tais como roubo de senha e nome de usuário para uso indevido, perfis fakes (falsos) que podem ter utilização indevida; falhas na segurança, sujeito às exposições da

¹⁶ Orkut.com – site infofromAlexa – www.alexacom.com. Acess em http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#O_sistema

atuação de hackers no roubo de informações dos usuários através de *scrap's*¹⁷ contendo vírus; a utilização da rede para temas como racismo, combinação de confronto entre gangues e exposição indevida das imagens infantis. São problemas pontuais a que a empresa Google disponibilizou uma tecla de acesso a qual o usuário, uma vez identificado algum conteúdo considerado inapropriado, possa vir a denunciar, para que a empresa Google possa identificar irregularidades.

3.2.2 Facebook

É uma rede social criada em fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes, ex-estudantes da Universidade de Harvard. No início, somente estudantes da Universidade de Harvard podiam participar, gradualmente foram sendo permitida a participação de estudantes de outras instituições estudantis norte-americanas, como o renomado MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e a Universidade de Boston. O foco era construir uma rede de relacionamentos direcionada a estudantes, em setembro de 2005¹⁸ foi estendida a participação para estudantes do ensino médio norte-americano.

Logo, o Facebook tornou-se popularizado, sendo hoje a rede social de maior acesso a nível mundial, com alcance global de 38,1%¹⁹. O lema que se encontra na página de entrada é “O Facebook permite-te comunicar e partilhar com as pessoas que fazem parte da tua vida”.

¹⁷ Scrap em inglês significa “sucata, lixo”. Em meio virtual significa pequenos textos inseridos na internet, “um tipo de recado virtual utilizado apenas na rede social orkut”
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Scrap>

¹⁸<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>

¹⁹Conforme Ad Planner Top 1000 Sites – junho/2010, acessa <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>

O Facebook é um site gratuito, mas que gera uma receita proveniente das propagandas e patrocínios que veicula ao lado dos perfis dos usuários. No momento em que o usuário está navegando no site, ele pode interagir com a propaganda veiculada, marcando como preferida ou mesmo indicando para amigos, as preferências e gostos dos usuários ficam visíveis para os demais amigos, servindo também de propaganda para as empresas patrocinadoras. O Facebook oferece ao usuário ferramentas para postar fotos que serão compartilhadas com amigos, lista de interesses pessoais para divulgação de áreas profissionais e de afinidade, a possibilidade de troca de mensagens e postagens pessoais e privadas de fotos, vídeos e links. A visualização das informações poderão se dar de forma individual ou por grupos de interesse comum; possui diversos aplicativos (jogos interativos) que dispõem de atalhos e recursos que avisam os comandos dados pela outra pessoa, sem que se precise jogar em tempo real. O Facebook lista nomes de pessoas que estão presentes no grupo de amigos em comum, como possibilidade de novos contatos, como uma indicação de amizade.

A todas essas situações corriqueiras e conhecidas para o adolescente podemos chamar de linguagens, as formas de comunicabilidade e socialização em um território globalizado. A multiplicidade de símbolos atribui tantos significados quantos forem possíveis as traduções para aquilo que o adolescente e seu grupo pensam, deseja e quer conhecer.

O grande potencial para investimento do Facebook tornou esta rede social muito lucrativa para o mercado, potencializada por seu visual jovem e moderno. As imagens voltadas para propagandas nas abas e a possibilidade de o usuário comentar e mesmo recomendar produtos fez com que em 2007 a rede criasse a FacebookPlatform, para o desenvolvimento de aplicações a serem usadas no site.²⁰ Os usuários podem ainda divulgar seus próprios eventos dentro de sua página para os demais amigos da rede, ou mesmo seus sentimentos em frases curtas. A ferramenta *Facebook Marketplace* permite aos usuários publicar gratuitamente classificados nas categorias à venda, imóveis, emprego e outros; possui um recurso denominado “cutucar” (toque) em inglês “poke”, que consiste em dar “cutucadas” uns nos outros, segundo o Facebook, “*é uma forma de interagir com seus amigos*

²⁰Conforme Facebook's plan to hook up the world

(...) as pessoas interpretam a cutucada em muitas maneiras diferentes, e nós encorajamos que você venha com seu próprio significado²¹.

Em agosto de 2011, foi contabilizado mais de 180 milhões de usuários ativos, 50 milhões de conteúdo compartilhados, com uma média de 135 amigos por usuário, o ranking de países, pela ordem de usuários, são: Estados Unidos, Reino Unido, Índia, Turquia, França, Itália, Canadá, Filipinas, Espanha, México e Brasil²².

3.2.3 Twitter

O Twitter²³ é uma rede social criada em 2006 por Jack Dorsey²⁴ que conecta seus usuários em tempo real através da informação de ações postadas com até 140 caracteres, chamadas de “Tweets”, pela rede definida como “pequenas explosões de informação”²⁵. Dessa forma, vê-se a força dos pequenos enunciados assumindo a principal característica de uma rede social.

Nos enunciados simples, nas declarações complexas e nos solenes relatos há um comando, uma prescrição, uma recomendação, um pedido, uma solicitação, uma súplica... Há o empenho de *sentir* a realidade (BUZZI, 1990, p.237).

A proposta do Twitter é de que o usuário possa “contar sua história no seu tweet”, ou possa pensar em “um tweet como um título”, ou ainda “usar o painel de detalhes para contar o resto com fotos, vídeos e outros conteúdos de mídia”. Da mesma forma que o usuário “tweeta” sobre seu cotidiano, e é visto pelos demais usuários na qualidade de seus “seguidores”, também ele pode “seguir” seus amigos, personalidades, empresas e instituições. O Twitter mantém um site²⁶ em que divulga ações em defesa de causas sociais a nível mundial, em que o usuário pode interagir na troca de informações. A sede fica em São Francisco, Estados Unidos, está

²¹ <http://www.facebook.com/facebook>

²² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>

²³ <http://twitter.com>

²⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>

²⁵ <http://twitter.com/about>

²⁶ www.hope140.org

disponível para usuários de diversos países do mundo, e oferece tradução do site para o inglês, francês, alemão, italiano, turco, japonês, coreano, filipino, espanhol e português.

Assim como o Facebook prevê ações que incluem a participação de empresas através do patrocínio e divulgação nas laterais da tela, o Twitter oferece a interação verbal entre empresa e clientes em tempo real no compartilhamento e obtenção de informações acerca de seus produtos e serviços. Dessa forma, as empresas, podem, através do Twitter, qualificar seus serviços ao mesmo tempo em que fornecem dados e retira impressões dos clientes. Estes passam a interagir virtualmente influenciando sobre as ações e o direcionamento dos negócios da empresa.

Atualmente, com o avanço das ferramentas virtuais pode-se acessar o Twitter em dispositivos móveis como celulares (SMS), iPhone, iPad, Black Berry, Windows7 e Android. Na internet, o uso do Twitter é gratuito, porém nestes dispositivos móveis a operadora passa a cobrar os custos para utilização.

Relacionam-se duas características significativas do Twitter que o distingue das demais redes sociais e que são novas nas relações sociais em meio virtual: a possibilidade do usuário de, como “seguidor”, obter informações “tweetadas” diretamente de personalidades com os quais ele idealiza e se identifica. A informação dada pelo próprio sujeito-personalidade transforma o que antes se compunha de uma relação que era alimentada de forma idealizadora. Agora existe a palavra autoral do sujeito-personalidade, a fomentar de informações pessoais o ideário de seu público, agora na qualidade de “seguidores”. Acredita-se que oTwitter aproxima virtualmente público e personalidade, o que em determinadas situações ocasiona equívocos e distorções nos limites para a exposição da vida privada.

A segunda característica, extremamente significativa, é seu principal recurso em si, que na definição do próprio Twitter, representam “pequenas explosões de informação”, pois convida o usuário a desenvolver uma habilidade de exercer com criatividade a capacidade de visualizar a totalidade sobre seu cotidiano: o poder de síntese.

Porém não se configura tarefa fácil desenvolver essa habilidade, traduzir em poucas palavras o que é mais relevante, apresentar para outrem aquilo que somente a si faz sentido. Quando o sujeito “tweeta” ele coloca cores em suas pequenas sentenças com uma intenção pessoal, ele apresenta de forma minimalista no meio virtual como ele sente e percebe o mundo que o cerca.

Na fala, nos tornamos dialogantes e criativos, semelhantes à linguagem (*logos*) que sempre e por toda parte nos incita à luta e à criação, ao comprometimento e à responsabilidade. Basta alguém abrir a boca e já estamos no bate-papo, discutindo, dialogando, persuadindo, convencendo, consentindo, dissentindo, comandando... Adoramos falar porque fazemos experiência de um imenso poder de criação. Um sentido latente, qual fogo que incendeia, anima as palavras como a vida anima os membros do corpo. Como merecer esse sentido? (BUZZI, 1990, p. 237-238).

Mas há também um aspecto significativo: a linguagem em estado reduzido chega por vezes à sensação de que abrange o todo, de que tudo foi dito em poucas palavras, e talvez tenha sido para aquele que a proferiu. A sentença chega ao outro que a recebe dando-lhe novo sentido, atribuindo vários outros significados a ele pertinentes e talvez distintos da intenção daquele que a emitiu.

Não vivemos, pois, estupidamente no imediato das coisas, à maneira animal, sem qualquer *sentido*. Estamos no *logos*, isto é, no fogo da linguagem, que nos dá o poder de criar um mundo de símbolos, inacessível ao animal. Vivemos tudo no transpasse, na persuasão, no *lance arriscado* e na luta das palavras, nos dentro de sua sedução, na ardência de seu sentido (BUZZI, 1990, p.238).

Reconhece-se a riqueza da linguagem nesse movimento. Entretanto, é preciso que os sujeitos não se atenham tão somente a essa preciosa capacidade de síntese da linguagem através dos recursos virtuais, sem que pratiquem concomitantemente o exercício das linguagens formais. Elas são as que preparam, na realidade, para o mundo abstrato e o pensamento com poder de síntese transformador.

A linguagem é um universo absoluto. Aqui mora o homem. Todos os demais entes estão nela, mas não moram nela (...). Quanto mais ingressamos nas palavras que falamos, mais nos aproximamos da criação e conseqüentemente moramos próximos dos fatos, dos sentimentos e esperanças... Todos os discursos tem esse poder de aproximação (BUZZI, 1990, p.238).

Sem essa intercessão, o processo de formação da consciência crítica fica comprometido, dessa forma, um “tweeter” se reduz à mera informação do ato tão somente, pois a ação “tweeter” desenvolve o movimento do particular para o todo. Por essa razão, a existência do processo de formação social aprimora e qualifica aquilo que o sujeito irá postar.

Provavelmente, o grande atrativo da rede social Twitter venha a ser essa linguagem instantânea, fluída, tão identificada com a urgência adolescente.

Dessa forma, poderíamos imaginar que, se fosse possível ao adolescente projetar uma tecla imaginária onde a agilidade das “pequenas explosões de

informação” do Twitter pudesse ser incorporada nas demais comunicações fora do ambiente virtual, por exemplo, ele, por certo, o faria. Sendo assim, percebe-se que as reduções nos enunciados promovidos pelos meios virtuais trouxeram para o adolescente o desejo de imprimir em sua comunicação nas relações sociais a agilidade e a síntese na redução da linguagem vivenciada na virtualidade.

3.2.4 Messenger

Em 1999, a Microsoft Corporation criou um programa de mensagens instantâneas denominada MSN Messenger²⁷, que permite ao usuário conversar em tempo real com outros usuários simultaneamente. O MSN Messenger é o posterior ao programa ICQ²⁸, pioneiro nesse tipo de comunicação, em 2006 é incorporado ao Windows Messenger, originando o Windows Live Messenger. Em 2009, está disponível em 36 idiomas, recebendo mais de 330 milhões de visitantes por mês.

Entre outras ações, o MSN disponibiliza ao usuário conversar com o auxílio de um webcam (vídeo), enviar os chamados *emoticons*, símbolos que expressam emoções, além da postagem de mensagens animadas, fotos e documentos. O usuário possui em seu perfil um campo, onde através de uma frase, cita autores ou mesmo posta sentimentos e impressões do seu dia-a-dia, movimento semelhante ao que hoje é oferecido no Twitter. É possível visualizar quem entra e quem sai do MSN, como também ficar invisível, e a conexão com Facebook e MySpace²⁹, tornando as ações possíveis de serem compartilhadas. O Windows Live Messenger oferece vários recursos como a possibilidade de se comunicar off-line, semelhante ao status visível com outra pessoa; deixar uma mensagem para um contato que está

²⁷ http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger

²⁸ ICQ sigla do inglês *I Seek You* (eu procuro você). O ICQ surgiu em 1996, é o primeiro programa de comunicação instantânea pela internet, sendo ainda utilizado em alguns países da Europa. <http://pt.wikipedia.org/wiki/ICQ>

²⁹ Site de música

off-line; chamar um contato para conversa imitando o ruído de um telefone; as atualizações dos usuários ficam visíveis para todos os contatos da lista. A partir de 2010, tornou-se disponível o acesso do Messenger no telefone celular. A versão 2011 do Messenger apresenta em seu painel social funções que a aproximam dos sites de rede social; é possível exportar dados das outras redes sociais.

Atualmente, todas as redes sociais disponibilizam o envio de mensagens instantâneas, porém o MSN ainda é o programa mais utilizado, geralmente de forma simultânea com as demais redes.

3.2.5 Mensagens SMS – torpedos

O Serviço de mensagens curtas (em inglês *short message service*)³⁰ mais conhecido como mensagens SMS ou popularmente chamado de *torpedo*, foi inventado por Matti Makkonen, um engenheiro civil na década de 80. O primeiro SMS foi enviado em 1993 de um computador pessoal para um telefone celular, no Reino Unido. O serviço de mensagens curtas foi criado originalmente para comunicações rápidas de texto através de celulares. Vê-se hoje que as mensagens SMS são serviços disponíveis nos aparelhos celulares que são amplamente utilizados pelos adolescentes, pois permitem o envio de mensagens de texto que podem ser digitadas pelo usuário ou pré-gravadas. Podem ser acrescentados às mensagens os recursos de símbolos (emoticons) e imagens.

Com o avanço tecnológico dessas ferramentas virtuais, existem atualmente no mercado aparelhos que oferecem o acesso à rede mundial de computadores (internet) e a comunicação pode ser também *online* (em tempo real). Entretanto, acredita-se que pela rapidez e facilidade com que o usuário pode comunicar-se sem a conexão da internet, a mensagem SMS é muito utilizada mesmo por quem possui celular com acesso à internet no celular. As operadoras de telefonia vêm oferecendo pacotes de serviços, planos e promoções que proporcionam o uso

³⁰ http://pt.wikipedia.org/wiki/Servi%C3%A7o_de_mensagens_curtas

prolongado ou mesmo ilimitado de mensagens SMS, tornando este recurso virtual um dos mais utilizados por adolescentes de todas as classes sociais.

Esta é hoje uma questão polêmica, pois tem como pano de fundo o debate sobre o uso intermitente dos aparelhos celulares pelos adolescentes em diversos espaços sociais muitas vezes de forma inadequada. Acredita-se que o mau uso dos celulares pelos adolescentes estaria causando interferência na concentração das atividades didáticas e, conseqüentemente, na aprendizagem do aluno. Em 03 de junho de 2009 a Comissão de Educação e Cultura aprovou em texto substitutivo ao Projeto de Lei 2246/07 de autoria do deputado Pompeo de Mattos (PDT/RS)³¹, a proibição do uso de celulares nas salas de aula do ensino básico de todo o país por alunos e professores. O texto original prevê a proibição para toda a rede pública de ensino. A relatora deputada Ângela Portela (PT/RR) declara que há o uso abusivo dos celulares, citando entre as ações praticadas estão “o troca-troca de torpedos, os jogos, as colas e as conversas ao telefone, mas há também menção a conteúdos relacionados com pornografia e violência”. No Acre, a PL 2547/07 proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis sem fins educativos nos ensinos fundamental, médio e superior das escolas públicas do país.

Esta é uma realidade que precisa ser analisada e debatida em conjunto com os adolescentes em nível de valores, pois independentemente de se estabelecerem normas proibitivas para o uso dessa ferramenta virtual, a ação continuará sendo praticada.

³¹ <http://www.panoramabrasil.com.br/educacao-proibe-uso-de-celulares-em-escolas-de-ensino-basico-id29328.html>

4. ADOLESCENTE, SUJEITO EM DESENVOLVIMENTO

Para responder a pergunta que norteia este estudo – qual o sentido das linguagens virtuais para o adolescente – antes é preciso definir o que representa ser adolescente. Da mesma forma que o conceito de criança como indivíduo em desenvolvimento que tem necessidades específicas de sua etapa evolutiva surge em torno do século XVIII, a adolescência é conceituada em torno do século XX (ARIÉS, 1981; POSTMAN, 1999 APUD OUTEIRAL, 2003, p, 103). É um período do desenvolvimento do ser humano marcado por intensas transformações, onde este se vê no limiar entre a infância e a proximidade do mundo adulto. É marcado por crises (do grego *krisis*, mudança) (CARVAJAL, p.11) que correm paralelas com a descoberta de um contínuo desenvolvimento de si e frente à vida que o espera na expectativa de novas realidades.

O período de mudanças e crises chamado de adolescência é, sem dúvida, a mais turbulenta dessas fases. Abarca mais ou menos a segunda década da vida. (...) leva à maturação física e inclusive à possibilidade da sexualidade adulta, procriativa (...) o fenômeno da adolescência só é encontrado no desenvolvimento do ser humano (VILLARREAL, 2001, p.11)³².

A palavra *adolescere* vem do latim *adulescens* ou *adolescens* e significa homem jovem, e como particípio ativo do termo *adolescere* significa crescer, se desdobrarmos a palavra encontramos mais outro significado “*dolescere*” ou “*dolere*”, significa também doer (CARVAJAL, 2001, p.21). Esses são os significados que encerram a palavra, e que dão uma noção de quão intensa é essa fase da vida do sujeito. Contudo, a intensidade com que o adolescente vive sua fase de vida não pode ser vista somente em seus aspectos doídos ou angustiantes. A densidade também se dá pela capacidade ali desabrochada de se aventurar rumo ao desconhecido, reconhecer em seu cotidiano os sentidos e os significados que encontram nas linguagens escolhidas.

Pode-se estudar o fenômeno da adolescência como a busca de uma

³²VILLARREAL, Inga. Prólogo, IN: CARVAJAL, 2001, p.11.

identidade própria. Este enfoque concebe o ser humano como alguém em busca de sentidos e significados, que procura encontrar não apenas o significado do mundo que o rodeia, mas também o de sua própria existência. Essa procura de significados, que é importante durante todo o desenvolvimento do ser humano, adquire uma força especial durante a adolescência (VILLARREAL, 2001, p.12).

Ser adolescente é antes de tudo estar aberto ao mundo de uma maneira formidável, como em nenhuma outra etapa da vida o sujeito experiencia. As tentativas e os erros não constituem motivos para que ele se imobilize, pelo contrário, ele busca a ação que o leva ao novo e desconhecido com uma impetuosidade que constroem ao mundo adulto, por haverem esquecido há muito tempo essa capacidade espontânea de viver. A forma de ser do adolescente o abre para a vida de uma maneira abrupta, e nem sempre os adultos encontram-se receptivos ou prontos a compreender de forma a ampará-lo nessa caminhada.

A curiosidade transbordante do adolescente, sua necessidade de ter certeza de tudo, seu animo de experimentar tudo sozinho, seu intenso oposicionismo, sua culpa inconsciente por ser rebelde, sua compulsão a ser absolutamente diferente, sua falta de experiência, sua ignorância dos perigos que o adulto conhece, e sua liberdade sem limites, expõem-no a um altíssimo risco imediato (CARVAJAL, 2001, p.23).

A aparente ausência do medo em arriscar e prosseguir no curso de novas experiências frequentemente os coloca em situações com sérias consequências, tais como uma gravidez indesejada, dependência de substâncias psicoativas (drogas e álcool) entre outras. Esses fatores, de certa forma, contribuem para uma visão estereotipada do adolescente onde predomina a quebra da norma instituída e a tendência para o desvio social. As manifestações comportamentais de enfrentamento da autoridade, seja familiar ou social, passam a serem vistas como socialmente conflituosas. São extremamente difíceis para a família e os educadores, atores sociais mais próximos do adolescente, empreenderem um relacionamento contributivo nesse período tão intenso, quando situações aparentemente insignificantes aos adultos adquirem aspectos monstruosos. Ora envoltos nas observações espirituosas sobre tudo no cotidiano, ora extremamente críticos, são sujeitos que estão desenvolvendo uma arguta capacidade de ver a vida e pensar sobre ela.

Em ambos os sexos, o desenvolvimento intelectual também é notável, com o surgimento do raciocínio hipotético-dedutivo, permitindo generalizações mais rápidas, bem como compreensão de conceitos abstratos. Em decorrência, a independência intelectual surge com força, muitas vezes apresentando-se como rebeldia em relação às autoridades em geral. Este

fato está ligado a essa recém-adquirida capacidade de abstração, reflexão e generalização a partir de hipóteses. Essa nova habilidade leva os jovens a uma abordagem mais filosófica e independente sobre quaisquer conceitos que lhes sejam apresentados (ZAGURY, 1996, p. 26).

Antes, na infância, o que lhe era dito pelas pessoas mais próximas a ele – pais e professores – era absorvido como verdade incontestável, na adolescência passa a ser alvo de questionamentos e de reflexão crítica. Os valores sociais passam então a serem igualmente avaliados pelo jovem, que vê a necessidade de buscar novas vias, outros rumos para percorrer.

4.1 Adolescer e Ética na virtualidade

O adolescente vê-se frente a questões éticas a todo instante no seu dia-a-dia, frequentemente se defronta com tudo aquilo que aprendeu como certo, suas ações se deparam com um mundo que contradiz esses valores aprendidos. Desde pequeno é solicitado ao sujeito aprender sobre o que é certo e o errado, porém é na adolescência que ele descobre que os valores ensinados nem sempre são praticados fielmente no mundo adulto. A legitimidade de tudo o que aprendeu como comportamento ético é logo colocado em questão.

O adolescente moderno aprende valores, virtudes que deve respeitar, mas vive num mundo adulto que os nega. Prega-se o amor, mas ninguém sabe em que ele consiste porque não se vêem as ações que o constituem, e se olha para ele como a expressão de um sentir. Ensina-se a desejar a justiça, mas os adultos vivem na falsidade. A tragédia dos adolescentes é que começam a viver um mundo que nega os valores que lhes foram ensinados. O amor não é um sentimento, é um domínio de ações nas quais o outro é constituído como um legítimo outro na convivência. A justiça não é um valor transcendente ou um sentimento de legitimidade: é um domínio de ações no qual não se usa a mentira para justificar as próprias ações ou as do outro (MATURANA, 1998, p. 33).

Adolescer em um mundo contraditório passa a ser uma experiência de uma dúvida constante, acrescido à essa fase de vida de um questionar de si e do outro, neste sentido a atitude de rebeldia do adolescente se justifica. Somos seres que se

encontram em processo de humanização, no nosso dia-a-dia vamos construindo coletivamente esse ser genérico, que representa a nossa essência humana. É na processualidade das relações sociais que o adolescente expressa a sua concepção de ser e de reproduzir o resultado de tudo o que apreendeu e tomou para si como significativo. Assim, ele se expressa como ser social e ontológico. Esse processo de confronto entre aquilo que é ensinado com o que é praticado efetivamente em sociedade se expressa pelas linguagens empreendidas pelo sujeito, e não acontecem de forma autônoma³³.

Em nosso tempo histórico os sujeitos vêm cada vez mais encontrando nos meios virtuais seu espaço preferencial para exercer sua comunicabilidade e socialização. É com as linguagens em suas diversas formas que as relações sociais vêm se constituindo em campo virtual impregnado pela lógica da sociedade do consumo. Os sujeitos hoje se deparam com os valores propostos por uma sociedade que defende interesses individuais reduzindo sujeitos a cidadãos consumidores. O estímulo a perceber e agir basicamente no sentido de satisfação de suas necessidades pessoais, porém esta prática precisa vir acompanhada do sentido de liberdade com posicionamento reflexivo com relação às ações, aos atos de si para si, de si para o outro. Foucault nos diz “*o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade?*”, pois entende que “*a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida assumida pela liberdade*” (FOUCAULT, 2004, p.267).

Partindo da concepção ontológica do ser, é perceptível que a atual realidade se apresente ao indivíduo ainda mais contraditória, pois no meio virtual o adolescente conecta-se com o mundo, conta com sofisticados recursos tecnológicos. A comunicação e expressão sociais o colocam em contato com o mundo, entretanto em determinadas situações não se apresentam claramente os limites que constituem o cuidado de si e do outro. Ocorre que a virtualidade introduz

³³ A partir do conceito etimológico para autonomia: 1. faculdade de se governar por si mesmo. 2. Faculdade de se reger por leis próprias (SANTOS, p.74), entende-se que as estruturas sociais incidem sobre a linguagem dos sujeitos (e em suas formações discursivas) através das formações ideológicas, de forma a perpetrar valores do *status quo*. Por essa razão, ainda que o sujeito utilize a linguagem para expressar e comunicar o que pensa e sente, essas construções na verdade ocorrem em um contexto macrosocial pré-estabelecido. Sendo assim ele se expressa através de sua linguagem em uma relação de resistência a tudo aquilo com que não tem identificação, mas ao mesmo tempo encontra-se reproduzindo linguagens (valores e sentidos) com as quais se identifica. Portanto, entende-se que a autonomia como conceito amplo constitui-se uma dimensão idealizada, ou melhor, possível de ser realizada *somente em alguns aspectos*, nunca totalmente alcançada pois vai de encontro à própria condição do ser que vive sob regência de leis sociais.

as práticas éticas em uma dimensão em que os sujeitos, onde não há parâmetros estabelecidos “em relação aos outros e para os outros” (FOUCAULT, 2004, p.271). Para Foucault o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, antes do cuidado do outro. Na internet essa afirmativa fica evidente na exposição a qual os adolescentes submetem a sua vida pessoal, muitas vezes não avaliando as consequências ao divulgarem sua intimidade. O adolescente adquire um poder, pois pode utilizar a linguagem em um meio onde esta se propaga sem limite de tempo ou espaço, ele torna-se ao imortal, pois coloca sua marca no mundo a um sem número de sujeitos, sem que necessariamente tenha de travar um relacionamento anteriormente. A processualidade se inverte, as barreiras formais do que pode ou deve ser dito deixam de existir, pois o sujeito possui em suas mãos o poder de exercer, na linguagem virtual, sem cerceamento de algo ou de alguém. Há uma nova maneira de ser, um campo virtual onde ele se identifica publicamente com suas características mais íntimas, divulgando seus pensamentos, sentimentos e seus significados para uma plateia que poderá identificar-se ou não, demonstrar afinidade ou rejeição.

Foucault refere o sentido ético dos gregos, o *éthos* como uma “maneira de ser e certa maneira de fazer”, o que equivale dizer o *éthos* do sujeito “se traduz pelos seus hábitos, pela calma com que responde a todos os acontecimentos”. Para Foucault esse *éthos* seria vivenciado em uma forma prática de liberdade que precisaria de “todo um trabalho de si sobre si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.270). Entende-se assim que essa relação para o sujeito em desenvolvimento é sobremaneira importante demais para ser relegada a um plano em que o sujeito descubra por si a dimensão que as linguagens virtuais podem levá-lo.

Para os gregos, não é por ser cuidado dos outros que ele é ético. O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse *éthos* da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros. (...) o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com um outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2004, p.271).

Em sua essência, os valores humanos são transmitidos na relação com o outro, logo se pode dizer que os valores éticos balizados coletivamente estão cada

vez mais esquecidos o que, por sua vez, compromete seriamente a formação social do adolescente. A construção de um ser ético, um ser que precisa se ver e se perceber como sujeito ético que faz parte de um todo não se dá sem a relação intrinsecamente humana. Um ser que coloca suas verdades na rede virtual na forma de frases, pequenos enunciados, procura exercer sua liberdade em seu cotidiano no movimento das linguagens virtuais, indo do particular ao universal, ainda que as determinações das relações de dominação/subjugação o levem para a fragmentação do “nós”, do conjunto. Um sujeito ético, crê-se, seria aquele capaz de ver em suas ações empreendidas, circulando livremente no meio virtual, a formação de si como sujeito na relação com o outro, o encontro com o nós em meio virtual. Para Foucault, “*tal estado de comunicação no qual os jogos de verdade poderiam circular sem obstáculos, sem restrições e sem efeitos coercitivos*” (FOUCAULT, 2004, p.284) parecem a ele de ordem utópica, porém, até certo ponto é exatamente o que constitui hoje o ambiente virtual.

A falta de parâmetro sobre o que pode ser exposto não impede a contribuição das linguagens virtuais para o adolescente. Ele é um sujeito em formação e essas linguagens são ferramentas que conferem a essa formação patamares ainda não devidamente reconhecidos. Seja pelos saberes dispostos, ou pelas habilidades cognitivas, psicomotoras e de desenvolvimento socioafetivo que estimula, tais aspectos necessitam de um importante referencial levantado por Outeiral (2003, 66), que é saber “*que modelos para a identificação dos adolescentes oferece a sociedade brasileira? Quais são os valores éticos e morais que oferecemos aos jovens?*” Para Outeiral (2003) a sociedade brasileira, pelos meios de comunicação, nas atitudes de determinados setores políticos e empresariais, se oferecem atitudes éticas e valores que não podem ser considerados modelos de identificação positivos. Outeiral (2003) refere três aspectos descritos por Leon Grimberg³⁴, mas para Outeiral configura-se como o mais importante modelo de construção da identidade do adolescente a figura dos pais, que, sendo uma identificação positiva, o adolescente encontrar-se-á mais apto a enfrentar as dificuldades em seu dia-a-dia.

³⁴ Segundo Grimberg a questão da identidade é resultante da integração de: 1- vínculo de integração espacial que se relaciona com o esquema corporal e que faz se sentir único; 2- vínculo de integração temporal relacionado à integração das experiências passadas com as vivências do presente e com a capacidade de imaginar-se no futuro, com um “sentimento de mesmidade”; 3- vínculo de sociabilização com os pais e com figuras significativas para o indivíduo (IN OUTEIRAL, 2003, p.66-67).

Interrelacionando os autores, compreende-se que uma comunicação sem barreiras atemporais e que integrem o adolescente a uma dimensão espacial ampla confere a ele uma mobilidade sociohistórica nunca antes vivenciada pelos sujeitos; há uma relativização do plano real, do que é passível de ser construído e realizado. Para Zagury, os adolescentes contemporâneos usufruem de condições conquistadas anteriormente pelos pais, ocasionando um “alargamento da adolescência” (1996, p. 69), pois “dentro de suas casas eles tem uma liberdade e um espaço” que as gerações passadas não tiveram. Ou seja, o adolescente vive em seu cotidiano o tipo de comunicação que Foucault (2004) considerava utópica, sem restrições de tempo ou espaço, é sua realidade hoje tornar-se um ser atemporal e ampliado geograficamente. Essa realidade experienciada no meio virtual coloca-o em contato permanente com o exercício de novas potencialidades e habilidades como sujeito social. Porém, para este constituir-se como sujeito ético é preciso o vínculo com os sujeitos mais próximos a ele fisicamente, sujeitos presentes desde o início de sua vida em sociedade. Esses sujeitos que Outeiral e Zagury apontam como os transmissores essenciais dos modelos de identificação para “*mostrar a realidade, as dificuldades, (...) ouvir suas opiniões, pedir que ajudem nas decisões também são formas importantes de fazê-los crescer e amadurecer*” (ZAGURY, 1996, p.73).

O adolescente acostumado desde cedo a dividir, respeitar os direitos do outro e entender os limites entre seus direitos e deveres terá, na visão de Zagury (1996, p.31) maiores condições de atravessar o período conturbado da adolescência. Ele reunirá condições de “*compreender, apoiar, amar, dialogar – sim (...) mas sem confundir com acobertar, infantilizar, superproteger, desenvolvendo a capacidade autocrítica de se ver e de ver o outro com todos os direitos, mas com deveres também*” (ZAGURY, 1996, p.31-32).

As linguagens virtuais representam ferramentas que possibilitam o burilar das habilidades dos adolescentes e também, pelo contato com outros sujeitos praticado nesse meio, se realiza o exercício dos valores éticos. Para Aguiar & Ozella (2003, p, 255) “homem e sociedade vivem uma relação de mediação, em que um expressa e contém o outro, sem se diluírem, sem perderem sua singularidade (...) internalizando e expressando sua condição histórica e social, a ideologia e as relações vividas”. A virtualidade da palavra confere novas configurações e uma nova dimensão sociohistórica, o meio virtual é hoje um espaço de mediação das relações sociais. Para o adolescente a virtualidade lhe traz uma vivência lúdica e imediata da

vida cotidiana; através do texto e das imagens, ele se posiciona livremente, desafiando a si e ao meio social todos os conceitos repassados a ele pela sociedade. Uma nova postura contestatória e rebeldia ao que lhe é posto inicia-se na sua construção como ser ético, assim o adolescente revê as contradições constantes no fazer humano daquilo que lhe é ensinado e o que é efetivamente praticado pelo mundo adulto. Ele constrói assim seus sentidos frente às significações sociais, construindo sua identidade como ser ético.

Segundo Heller, o ser genérico possui um conjunto de atributos que são a objetivação (expressa prioritariamente, em termos ontológicos, pelo trabalho), a socialidade, a consciência, a universalidade e a liberdade (NETTO; BARROCO, p.23).

Como valor moral todos os valores pertencem “a um sistema mutável, historicamente determinado, de costumes (...) que propiciam a vinculação da singularidade do indivíduo com a essência humana historicamente constituída com o ser social na sua universalidade” (BARROCO, 2001, p.23). Valores éticos são aqueles que resultam do debate sobre os valores morais (SEVERINO, 1994, p. 23), acredita-se que essa discussão precisa invadir o espaço virtual, em uma linguagem acessível aos adolescentes e de forma democrática. No espaço virtual as relações sociais se estabelecem de maneira fluída e independente, não há como estabelecer o que é inadequado para o adolescente sem que ele decida por si próprio. A decisão do que escrever ou acessar pertence ao sujeito. A virtualidade é um espaço muitas vezes frequentado fisicamente de forma solitária. É o sujeito construindo sentidos nos enunciados que coloca virtualmente, não há e certamente não deve haver uma interferência externa do que ele pode ou deve inserir na internet, são na verdade os valores éticos que precisam exercer esse diálogo com o sujeito.

Um dos atributos da essência humana é a liberdade, pensá-la em termos éticos remete a noção de responsabilidade naquilo que se posta no meio virtual. O conteúdo inserido na rede mundial passa a ser de domínio público, o comentário postado será visto por pessoas conhecidas, mas ele pode ser copiado e repassado a muitas outras pessoas e essa ação poderá atingir resultados imprevisíveis. A exposição de dados pessoais, fotos ou conteúdo que identifique o sujeito pode adquirir sentidos diversos que fogem do controle do adolescente. O acesso à vida privada até certa época era algo que necessitava da permissão do sujeito, na realidade virtualizada não é necessariamente o que ocorre. A ânsia de revelar-se a

outro que se imagina com afinidades, o sujeito expõe sua intimidade de maneira tão explícita que demandaria a existência de um relacionamento anterior para justificar essa exposição.

É na sociedade, através do acesso aos direitos civis, econômicos e sociais que o adolescente ratifica sua posição na comunidade como ser pertencente. Pode-se dizer que a sociedade ao garantir seus direitos responsabiliza-se por ele. Porém na realidade concreta essa é uma lógica que não acontece para todos os jovens.

O indivíduo nasce em uma sociedade que já conta com um sistema normativo e com costumes instituídos; através das instituições básicas responsáveis por sua socialização primária, como a família e a escola, ele aprende a assimilar uma série de comportamentos e valores que passam a fazer parte de seu referencial moral e de seu ethos ou caráter: uma espécie de código moral que orienta suas escolhas e influencia seus julgamentos de valor. É claro que ele pode dizer não a determinados valores e normas. E, de fato, diz, embora isso dependa de uma série de circunstâncias, entre as quais está o conhecimento crítico capaz de desvelar esses mecanismos ideológicos, o que evidentemente não basta para mudar a estrutura moral da sociedade, mas pode mudar a relação que o indivíduo estabelece com ela (BARROCO, 2008, p.62-63).

O adolescente, na busca de autoafirmação, entra em confronto com as velhas formas de expressão, este movimento natural é necessário para o desenvolvimento, pois ele encontra-se apreendendo a realidade em tempo virtual, ou seja, formas antigas de comunicação estão aquém do seu processo de compreender e se expressar. A rapidez das mudanças e novas linguagens não o assustam, pelo contrário, é o que o motiva a estar “ligado” naquilo que está sendo ofertado a ele. Essas nova condição constituem-se em habilidades que, se não forem devidamente compreendidas e potencializadas de forma positiva e emancipatória, serão analisadas e entendidas na sociedade como características de desrespeito nas demais relações fora do grupo adolescente.

As habilidades elaboradas pelo próprio adolescente dentro do meio virtual revela a reunião de conhecimentos que, uma vez alicerçados com o apoio educacional qualificado, representa seminal contribuição em terreno fértil para a construção da autonomia que o levará ao posicionamento ético como sujeito social.

A ética se põe como uma ação prática dotada de uma moralidade que extrapola o *dever-ser*, instituindo-se no espaço do *vir a ser*, isto é, na teleologia inscrita nas decisões que objetivam ações práticas voltadas à superação dos entraves à liberdade, à criação de necessidades livres. A ética se coloca, então, como uma práxis: supondo, portanto, uma prática concreta e uma reflexão ética crítica como mediação entre a singularidade e a genericidade, entre os valores universais e sua objetivação, a ética

perpassa valores por todas as esferas da totalidade social (...) voltado à liberdade e universalização dos valores éticos essenciais – por exemplo, responsabilidade, compromisso, alteridade, reciprocidade, equidade (...) Projetar as ações, orientando-as para a objetivação de valores e finalidades, é parte da práxis. Afirmar que essa projeção é ética e política significa considerar que a teleologia implica valores e que sua objetivação supõe a política como espaço de luta entre projetos diferentes. Na vida social existem projetos individuais, coletivos e societários (...) (BARROCO, 2001, p.64-5).

Seu desenvolvimento como ser precisa do sentido do coletivo, posto que ao exercer seu papel de cidadão ele lute não pela garantia dos seus direitos civis, sociais e políticos, mas por toda a coletividade. É preciso trabalhar ativamente o conceito de cidadania com o adolescente, desatrelá-lo do “ter” enquanto posse de algo material para encontrar seu significado como ser humano.

As Ciências Sociais além de suas funções próprias no âmbito do conhecimento científico têm cumprido um papel importante no alargamento da consciência social do cidadão, em particular daqueles chamados ao cumprimento da missão de assegurar direitos e, sobretudo, de formar outros cidadãos (MARTINS, 2008b, p.22).

Barroco, exortando Sócrates, refere que o cidadão é um ser “determinado a deliberar sobre as leis da vida pública” (BARROCO, 2008, p. 126), na direção de uma vida bela e harmoniosa. Viver uma vida em sociedade não significa anular nossa vontade, pelo contrário, é fazer delas virtudes em que o outro é uma extensão de nós mesmos, porque somos sociais, nossas ações interferem uns sobre os outros, ou como diz Chalita (2009, p. 39) “sou gerado pelo outro e o outro é gerado por mim”. Devemos buscar ativamente o equilíbrio, interagindo em prol da felicidade não só dele, mas de todo o conjunto, o adolescente assume uma postura ética.

A ética põe exigências à sociabilidade no sentido de exigir que o sujeito ético-moral assuma responsabilidades por suas escolhas, não apenas pelas implicações e consequências para si mesmo, mas também para os outros, que devem ser respeitados e tratados como seres iguais, quer dizer, como seres que possam ter escolhas diferentes, mas que têm direitos iguais (BARROCO, 2008, p.78).

Esta compreensão é essencial para estudar as linguagens utilizadas pelos adolescentes, pois estes são sujeitos que já se encontram em busca de conhecimentos através das linguagens virtuais, campo profícuo de toda a sorte de informação. Não é possível desprezar a infinidade de recursos que os meios virtuais podem concorrer para burilá-lo das habilidades adolescentes.

O adolescente é submetido a um conjunto de regras estabelecidas, ora pelo grupo de identificação, ora pela ordem social vigente, denominadas condutas éticas.

A postura ética determina a conduta do sujeito ao construir suas relações sociais. O universal é o conjunto dos comportamentos particulares aceitos pela maioria. Ainda que permaneça a concepção de que o adolescente é um sujeito que se compraz em quebrar regras, como todo ser humano necessita delas e as buscará em algum espaço ou grupo.

Ao desqualificar a língua que uma criança de origem popular utiliza, desqualifica-se a comunidade à qual pertence, contribuindo para a sua perda da auto-estima e para a sua insegurança linguística, sem lhe garantir a aquisição do domínio da norma culta, já que esta última constitui, não raro, um quase idioma estrangeiro no grupo social no qual vive. Tal processo termina contribuindo para a manutenção e reprodução das desigualdades sociais, desejadas pelas classes dominadoras. Um locutor que autodesqualifica o falar seu e de sua comunidade, autodesqualifica-se inevitavelmente também como cidadão (MAESTRI, 2003, p.45-6).

A linguagem dos sujeitos na utilização dos recursos virtuais se encontra comprometida, porém, dependerá das práticas educativas a sua preparação para ele vivenciar a linguagem virtual fragmentada, sem prejuízo nos espaços onde ele tenha que se comunicar escrita ou oralmente de acordo com as normas cultas. O adolescente vivencia uma importante etapa de vida: a interface entre a infância e a fase adulta, período de inquietações, de escolhas e decisões que afetarão toda sua vida, convivendo e reelaborando tudo que absorve da sociedade e da família. Nesta perspectiva, percebe-se que a linguagem virtual não é só como uma forma “antenada”³⁵ do jovem de expressar-se; ela representa a consciência do próprio sujeito no sentido de ele escolher como se dará a sua participação na sociedade. O que se almeja é que essa escolha se dê baseada em valores éticos.

A grande contradição para o adolescente consiste em que, tudo que lhe é dito como regra a seguir, é visto por ele, a todo o momento, e em todo lugar como regras quase nunca cumpridas. A postura adolescente de testar liberdades, de questionar o estabelecido coloca-se expressa nos muros da cidade, nos blogs, nas mensagens postadas no Twitter, no Facebook e demais redes sociais. O exercício de marcar sua presença no mundo que alguns referem como o reconhecimento e fama dentre seus pares, mas, sobretudo, a marca do território (marca antropológica do ser humano) como a sua marca de ser na sociedade.

³⁵ Linguagem coloquial que significa estar atento. Sinônimo utilizado pelos adolescentes “estar ligado”. (nota da autora)

Sendo assim, oferecer ao adolescente alternativas onde ele tenha condições de exercer uma escolha crítica e consciente da sua vida e da posição no mundo significa trazer a ele um sentido de ser no mundo, valorizar a condição humana que acima de quaisquer dúvidas pertence à dimensão do “nós”, do coletivo.

Na verdade, todas as capacidades humanas se articulam organicamente, uma sendo mediada pela outra; em todas as ações éticas é preciso fazer escolhas e pôr em movimento algum nível de consciência, o que envolve outros indivíduos e responsabilidades. Por isso, a ação moral torna-se consciente na medida em que consegue se objetivar através de mediações éticas como liberdade, sociabilidade, alteridade e compromisso, não esquecendo que as ações éticas envolvem riscos, por isso a responsabilidade é um componente fundamental (BARROCO, 2008, p.78).

Vivemos em uma situação singular, onde agora o novo traz as possibilidades de ensinar e mesmo traduzir, com as possibilidades cognitivas comparáveis à velocidade da luz, as linguagens virtuais aos sujeitos já desenvolvidos socialmente. Contudo, faz-se necessário a base sólida de valores éticos, para que ele compreenda sua posição no tecido social, sem o qual ficará difícil para ele ultrapassar sozinho todo o processo e mesmo incidir e até mesmo mudar seu próprio destino.

O adolescente pode reproduzir comportamentos sem consciência do que diz ou faz, algumas vezes expondo a si e aos outros sem medir as consequências, posto não compreender a amplitude do espaço virtual. Segundo Barroco “a partir do momento em que os indivíduos incorporam determinados papéis e comportamentos, reproduzem-nos espontaneamente, evidenciando o fato de que nem sempre as escolhas representam ações conscientes” (BARROCO, 2008, p.69). Portanto, entende-se que é necessário trabalhar com ele e sua família a noção das possibilidades sobre o que é postado na internet. O adolescente poderá enfrentar situações que venham a comprometer a sua integridade e afetar o seu sentido ético de ser, quando o que ele almeja é a sua valorização como sujeito entre seus amigos.

As linguagens dos adolescentes, bem como dos demais grupos sociais, traduzem-se no plano sutil das relações sociais de produção. Em nosso tempo histórico este sujeito, pela capacidade que possui de desenvolver suas habilidades em meio virtual com grande identificação e pronta resposta às mudanças proposta, é quem reúne atualmente melhores condições de responder às constantes mudanças tecnológicas e sociais.

o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, a sua própria natureza e tão-somente através de um conhecimento correto, através do trabalho, é que podem ser postos em movimento, podem ser convertidos em coisas úteis. Essa conversão em coisas úteis, porém, é um processo teleológico (...).As formas de objetividade do ser social se desenvolvem, à medida que surge e se explicita a práxis social, a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, porém, é um processo dialético, que começa com um salto, (...) Com o ato da posição teleológica do trabalho, temos em-si o ser social. O processo histórico da sua explicitação, contudo, implica a importantíssima transformação desse ser em-si num ser para-si; e, portanto, implica a superação tendencial das formas e dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais mais puros, mais específicos (LUKÁCS, 1979, p.16-17).

Se for analisada a visão dos adolescentes com relação à importância e ao sentido das linguagens na sua vida, poder-se-ia dizer que eles se adaptam melhor às condições propostas pelos meios virtuais, e que essa identificação não pode ser vista como uma alienação frente aos recursos virtuais. As relações sociais que perpassam suas vidas estão muito além de ideias pré-concebidas deste sujeito como um ser alienado, mergulhado em atividades basicamente de lazer na internet. Enquanto se expressa virtualmente, o adolescente elabora suas capacidades e habilidades na construção de um pensamento afinado com a velocidade do meio virtual. Na verdade os adolescentes são atualmente sujeitos com um grande potencial de percepção do real, de flexibilidade para adaptar-se às mudanças estruturais da sociedade, podendo se tornar sujeitos com ampla possibilidade de realizar uma leitura crítica da realidade social, pois tem nos recursos virtuais o aporte para isso.

O grande desafio se apresenta a partir de um contexto macrossocial de profunda desigualdade social, que se por um lado as informações encontram-se disponíveis na rede tecnológica e midiática, por outro lado o acesso à conquista de seus direitos fundamentais não encontram efetividade para todos os adolescentes.

Dada a sua relevância da questão ética no atual contexto sócio histórico, atravessado pela desigualdade de oportunidades e o forte sentimento de impunidade de alguns, é preciso valorizar os valores éticos.

4.2 Mídia e consumo

Muitas vezes imperceptível para o jovem, a mídia está presente em múltiplos aspectos como formadora de opiniões no que se refere não à aquisição de bens e serviços. Ela exerce seu poder, sobretudo, nas linguagens que elabora para seduzir esse público avaliado como promissor. São sujeitos que possuem uma sociabilidade comum a essa faixa etária, podendo atuar de maneira espontânea como divulgadores naqueles produtos que conquistam sua simpatia. A utilização das linguagens virtuais reflete hoje a realidade dos adolescentes, sujeitos profundamente identificados com a personalização dos bens produzidos. Um tênis não é somente um tênis, através da forma, cor e, sobretudo da marca ele vislumbra uma agregação de valores promovidos sabiamente pela empresa que o produziu.

Por detrás de uma marca de um objeto comercializado existem conceitos elaborados com esmero e cuidado, nada é despropositado nos inúmeros anúncios que se comprimem nas laterais da tela do computador. Ainda que o adolescente refira não prestar atenção ou não haver sido seduzido pela propaganda, os efeitos minuciosamente estudados encontrarão ao menos um pequeno espaço em sua memória e para alguns desses produtos ele dispensará sua atenção como consumidor um dia.

A profunda identificação que o adolescente possui com os meios virtuais representa hoje um dos fenômenos sociais, talvez o mais significativo de todos, em sua formação social, e em muitos casos, como ferramenta no desenvolvimento das capacidades e habilidades. É uma geração autodenominada “geração internet”, pois, nasceram junto com a rede internacional de computadores, desenvolvem-se na mesma proporção que surgem novos recursos tecnológicos. O convívio diário com o surgimento de infindáveis recursos e novidades virtuais, aliadas à suas habilidades naturais em apreendê-las, faz com que eles se tornem agentes ativos da sua própria qualificação através das linguagens virtuais. O setor econômico não está alheio a esse importante fato, e mantêm seu olhar voltado para esse público não somente como consumidor, mas, sobretudo como nova força de trabalho, “antena” com as

novas posturas exigidas pelo mercado. Afinal, o adolescente de hoje tem introjetado em si, através dos produtos que consome os valores necessários à reprodução do capital.

A nova realidade econômica é cada vez mais sensível a atributos educativos como visão de conjunto, autonomia, iniciativa, capacidade de resolver problemas, flexibilidade. Formação básica torna-se mais estratégica que especialização profissional, já que o processo produtivo tem sua qualidade e competitividade condicionadas à capacidade de organização processual, prevenção de falhas, incremento qualitativo de processos e etapas, reinterpretação de situações, exigindo raciocínio analítico, habilidade e rapidez para processar informação e tomar decisões. (DEMO, 1993, p.24).

Os recursos tecnológicos disponibilizam no meio virtual, todo o conhecimento humano a um toque no teclado. A realidade concreta de intensas disputas sociais, econômicas e políticas passam aos olhos adolescentes como meras notícias acumuladas em pequenas resenhas sobrepostas, às quais nem sempre tem a sua atenção.

A mídia encontra-se irremediavelmente imbricada nas relações estabelecidas pelo adolescente contemporâneo, posto que seja imagem e fala simbólica quase todo o conteúdo que ele acessa e ao qual está exposto de maneira quase sempre subliminar. Desta forma, as constantes transformações do mundo do trabalho e as relações capitalistas de produção vêm moldando um consumidor que se compraz em ser consciente em suas escolhas, e um futuro trabalhador sequioso por demonstrar um perfil com total identificação com a filosofia da empresa.

O processo hegemônico do capitalismo se completa quando ele atinge esse patamar, quanto mais atravessa imperiosamente os sujeitos, mais se apresenta perverso. Em se tratando da sua participação na formação da subjetividade dos adolescentes não há mais divisão entre os papéis de consumidor e trabalhador. A mídia se encarrega de transformá-los em sujeitos que desejam participar desse processo. A internalização de relações sociais dentro do contexto capitalista é, portanto, a coisificação do sujeito pela introjeção de valores nas linguagens que ele apreende e reproduz, seja na roupa que adquire na marca por ele divulgada na rede social ou nas palavras que fragmenta. Porém, muitas vezes, o meio virtual é a arena onde os sujeitos organizam movimentos sociais e posicionam-se politicamente. As linguagens virtuais contribuem para que o sujeito concretize o projeto capitalista de alienação, aceitando e incorporando o papel de sujeito consumidor, mas também

pode utilizar esse meio virtual como um espaço de luta pelos direitos e onde ele possa compreender o processo pelo qual é subsumido.

O adolescente, como qualquer outro sujeito na sociedade, reproduz em sua linguagem o processo reificante do capitalismo. A valorização do objeto fetichizados e encontra presente em todos os aspectos nas linguagens do meio virtual. Seja nos anúncios de produtos direcionados para seu consumo, ou nos modismos a ditarem qual a música que ele irá ouvir, que roupa usar, quais as novas gírias para se expressar, são todos componentes que incidem no processo de formação desse sujeito dentro da realidade concreta contemporânea.

As determinações e a precarização das relações de trabalho refletem no adolescente mesmo antes dele ser inserido no mundo do trabalho. Em uma época de escassez de ofertas de trabalho, do aumento dos empregos informais ou dos subempregos, aliado ao consumo intensamente imposto coloca os jovens em uma encruzilhada: o acesso à Educação e, conseqüentemente ao Trabalho, vem sendo dificultado ou negado, e ainda assim o jovem é superestimulado a consumir para obter valor de si e perante aos outros.

É nesse espaço que o indivíduo se socializa, aprende a responder às necessidades práticas imediatas, assimila hábitos, costumes e normas de comportamento. Se é verdade que o hábito faz o monge, também pode ser certo que, embora a sociedade de classes conte com um sistema moral dominante e que a influência do *ethos* dominante seja um dado muito relevante em nossa análise, seja possível dizer não aos valores morais quando eles não correspondem às necessidades de emancipação, quando eles expressam a alienação e promovem a desumanização (BARROCO, 2008, p.68).

O mundo do trabalho, através da mídia e das relações de consumo, atinge o sujeito negando e impondo o acesso aos bens que promove. Estas são hoje uma das maiores razões para que o acesso ao ambiente virtual com uma base de valores éticos, sem o qual, o exercício das linguagens virtuais se constituirá em um processo de formação de um sujeito alienado.

5. A PESQUISA: ABREVIANDO PALAVRAS, AMPLIANDO OS SENTIDOS

Por vezes, o ato de pesquisar confronta-se em duas posições que parecem antagônicas: a sistematização dos conteúdos a serem organizados de maneira a cumprir um caminho metodológico que valida o conhecimento científico, e a simples alegria de quem assume a postura de pesquisar com prazer. Não um prazer qualquer, descompromissado e intuitivo, mas o prazer de quem, feito criança, desperta com todos os seus sentidos para o mundo que o aguarda com milhares de indagações, problemas, questões a descobrir, e decisões a tomar no caminho rumo ao conhecimento científico.

Na verdade, em hipótese alguma, o pesquisador deveria cindir entre o conteúdo formal programático, elaborado dentro de padrões metodológicos e científicos, e a promoção de caminhos onde a originalidade dê asas à imaginação na escuta da realidade pesquisada. Entre razão e emoção, é preciso que se aceite humildemente que os sujeitos contêm em si a dualidade, suas emoções o permeiam durante todos os momentos da sua vida, e não poderia ser diferente no campo da pesquisa.

Ao pesquisar sobre as linguagens virtuais, viu-se durante as entrevistas que a fala dos sujeitos por mais simples que tenha se apresentado excede em riqueza de conteúdos e a imaginação do pesquisador poderia construir sobre o que seriam os sentidos das linguagens para o adolescente. Essa constatação por si só nos redime de executarmos um dos grandes perigos a que o pesquisador corre o risco de cometer: acreditar que a chave explicativa da realidade encontra-se com ele. A pesquisa na verdade existe e resiste para trazer à tona algo que sempre esteve ali e que existe por si, não precisa ser modificado, apenas se investiga o que está encoberto e clama por voz.

5.1 Trajetória metodológica

A pesquisa teve como sujeitos adolescentes estudantes entrevistados no espaço escolar, a fim de proporcionar um ambiente conhecido e seguro. Como instrumento da pesquisa acolheu-se a realização de entrevistas com perguntas que versaram ao cotidiano das linguagens praticadas em meio virtual. No espaço escolar, foram realizadas três entrevistas com adolescentes, sendo uma entrevista individual com estudante de escola pública municipal; uma entrevista em grupo com três adolescentes da escola pública federal; uma entrevista em grupo com três adolescentes da escola privada, a fim de se aproximar de realidades sociais distintas.

A pesquisa é qualitativa e para a análise de dados utilizou-se a análise de discurso de Michel Foucault. Vários são os motivos que levaram à opção pela pesquisa qualitativa, dentro deles, o principal, foi o de traçar um caminho metodológico que respondesse ao problema de pesquisa: de que forma a realidade dos adolescentes, por meio dos sentidos e significados por eles atribuídos às linguagens virtuais utilizadas, desvelam seu contexto sócio histórico e colaboram na construção de seus valores?

Dentre as três bases teóricas, a estrutural-funcionalista, a fenomenológica e a materialista dialética, Triviños (2009, p.128-33), a partir de Bogdan³⁶ identifica características fundamentais para a pesquisa qualitativa. É preciso que se mencione que alguns aspectos são comuns às bases teóricas, tais como o estudo do processo dos fenômenos, dos significados, porém existem diferenças, as quais destacamos somente os aspectos referentes ao materialismo-dialético, base para a ontologia do ser social desta pesquisa, a seguir:

- *A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave.* Desta forma, a perspectiva dialética

³⁶Bogdan, Robert C. & Birten, S. K. Qualitative research for education; an introduction for to theory and methods. Boston, Allyn and Bacon, 1982. 253 p., p.27-30.

pensa o meio como uma realidade muito mais ampla e complexa, distinguindo nela uma base, ou infra-estrutura, e uma superestrutura. Ambas as realidades, dialeticamente, relacionam-se e influenciam-se, transformando-se mutuamente na evolução do tempo. Nesta forma, ainda que se privilegiem os aspectos econômicos, numa última instância, em algum momento da evolução dos grupos sociais, a política, a religião, a ciência etc. outorgam também significados essenciais à vida humana. O chamado “ambiente natural” de Bogdan existe, mas é observado numa perspectiva que o vincula a realidades sociais maiores (TRIVIÑOS, 2009, p.128).

- *A pesquisa qualitativa é descritiva.* Na fenomenologia ela é essencialmente descritiva, porém, sendo do tipo dialético, ela parte da descrição para captar a essência, buscando “as causas da existência dele, procurando *explicar* sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por *intuir* as consequências que terão para a vida humana” (TRIVIÑOS, 2009, p.129).

- *Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto.* No caso da pesquisa histórico-estrutural aprecia-se o fenômeno a partir da visão atual e também nos aspectos não visíveis, latentes, para “descobrir suas relações e avançar no conhecimento de seus aspectos evolutivos, tratando de identificar as forças decisivas responsáveis por seu desenrolar característico” (TRIVIÑOS, 2009, p.129).

- Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente. Na pesquisa qualitativa, com raízes no materialismo dialético, o fenômeno “tem sua própria realidade fora da consciência. Ele é real, concreto”, e assim é estudado. Para Triviños isto significa estudá-lo indutivamente e ao mesmo tempo descobrir sua aparência e essência, o que o autor representa ser um suporte teórico que alcança a validade à luz da prática social (TRIVIÑOS, 2009, p. 129). O enfoque dialético parte da base que é o real para analisar a aparência do fenômeno e sua profundidade “para estabelecer a coisa em si (TRIVIÑOS, 2009, p, 130) e o número que se definem e se justificam existencialmente na prática social”.

O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa. Na pesquisa com enfoque dialético busca as raízes dos pressupostos desses significados, “as causas de sua existência, suas relações, num amplo quadro do sujeito como ser social e histórico, tratando de explicar e compreender o desenvolvimento da vida humana e de seus diferentes significados” (TRIVIÑOS, 2009, p.130).

Minayo (1994, p. 68-9) refere três obstáculos que podem prejudicar a pesquisa para se realizar uma análise eficiente, o primeiro diz respeito à ilusão ocasionada pelo grau maior ou menor de familiaridade com o que o pesquisador

possa ter com o que está pesquisando. Preocupa-nos imaginar que o contato anterior com o objeto da pesquisa leve a conclusões precipitadas e superficiais. Ainda que exista um conhecimento, fato que determinou a escolha pelo tema da pesquisa, não se compara às linguagens que o sujeito utiliza para se expressar (fala, escrita, não verbal) são sempre surpreendentes, evidenciando a riqueza da essência humana.

O segundo obstáculo diz respeito à possibilidade do pesquisador ficar preso aos questionamentos dos procedimentos metodológicos, ou seja, ao caminho metodológico idealizado a ponto de “esquecer os significados presentes em seus dados” (MINAYO, 1994, p.69). Há que se pautar pelo método e as técnicas escolhidas, mas estes servem para iluminar os achados da pesquisa, e precisam de certa liberdade para se manifestar.

Por último, Minayo refere como obstáculo para analisar os dados a dificuldade que o pesquisador possa vir a ter em *“articular as conclusões que surgem dos dados concretos com conhecimentos mais amplos ou mais abstratos”* (1994, p.69). Minayo diz que uma maior fundamentação teórica e uma experiência maior do pesquisador podem ser o contraponto para esses obstáculos, o que se buscou amparar nas finalidades da fase de pesquisa propostas pela autora. A fim de responder às indagações relacionadas na pesquisa com fidedignidade se procurou *“estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas”* (1994, p.69). É preciso que se mencione que toda pesquisa social tem em seu cerne uma intenção de ampliar o conhecimento sobre o tema pesquisado; em se tratando de uma pesquisa qualitativa realizada no campo das Ciências Humanas Aplicadas tem uma intencionalidade voltada para o trabalho social.

Para Demo (2006, p.19), metodologia é uma preocupação instrumental, que cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. Na concepção de Demo é uma disciplina auxiliar para o caminho que se pretende chegar, servindo para aguçar “o espírito crítico, capaz de realizar a autoconsciência do trajeto feito e por fazer”.

Os autores referidos justificam, em linhas gerais, a importância da pesquisa qualitativa com enfoque dialético em relação à investigação das linguagens virtuais e seus sentidos e significados na vida do adolescente.

Inicialmente se estabeleceram alguns critérios para a realização da pesquisa, porém em virtude de imprevistos no decorrer da pesquisa foram necessárias algumas adaptações. O primeiro critério era o de entrevistar adolescentes da escola pública e da escola privada em números iguais, com a intenção de apreender realidades sociais distintas. Todavia, o número de entrevistados não conseguiu ser homogêneo em razão do tempo reduzido que a pesquisadora teve para obedecer ao cronograma da pesquisa, e que se procurou deixar que a escola fizesse a interlocução com os adolescentes. Dessa forma, o número previsto na pesquisa de entrevistas na rede pública municipal foi reduzido.

Outro critério era de que as entrevistas fossem realizadas individualmente, para preservar o adolescente em relação à menção de alguma linguagem que pudesse vir a constrangê-lo, se mencionado em grupo. Contudo, duas escolas por motivos diferentes solicitaram que os adolescentes fossem entrevistados em grupo, o que foi prontamente acolhido pela pesquisadora. Esse fato ocasionou dois tipos de entrevista, uma individual (na escola pública municipal) e duas em grupo (escola pública federal e escola privada), determinando, conseqüentemente, duas formas de análise de dados. A primeira consistiu em uma entrevista com perguntas semiestruturadas; as duas entrevistas restantes constituíram-se como discussão de grupo, onde o papel do pesquisador *“não se restringe ao aspecto técnico. A relevância de sua atuação está na capacidade de interação com o grupo e de coordenação de discussão”* (MINAYO, 1994, p.58).

Devido às distinções expostas, as diferentes formas de entrevistas originaram a análise dos dados de duas formas: uma em subitens por semelhança na abordagem de assuntos suscitados pelos próprios adolescentes das três entrevistas; outra por diálogos do grupo abordando um tema surgido a partir de uma pergunta da entrevista ou indagação espontânea que por sua vez suscitou a participação dos demais adolescentes do grupo.

De comum acordo com os adolescentes foram realizadas duas entrevistas em grupo que passaremos a denominar como Grupo B para a entrevista em grupo da escola pública federal; e como Grupo C para a entrevista da escola da rede privada. Verificou-se após as entrevistas em grupo, que diferentemente do que se havia imaginado a princípio, o grupo apresentava, em determinados momentos, algum constrangimento e o predomínio na participação de alguns adolescentes com mais desenvoltura e loquacidade ao se expressarem. Entretanto, a interação trouxe

riqueza à fala dos sujeitos, mesmo aqueles que pouco falavam, em dado momento eram estimulados pelo grupo a expressarem suas opiniões, abordando aspectos que não tinha ocorrido quando respondiam isoladamente. O diálogo no grupo proporcionou reflexões significativas que, de certa forma, distinguiram os dois grupos da única entrevista individual realizada.

O entrevistado A é uma adolescente de 16 anos, estudante cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, em escola pública municipal.

O grupo B, composto de três adolescentes com idades entre 14 a 16 anos, uma adolescente do sexo feminino e dois do sexo masculino, estudantes cursando o 1º ano do Ensino Médio, em escola pública federal.

O grupo C é composto de três adolescentes todos com 16 anos de idade, sendo uma adolescente do sexo feminino e dois do sexo masculino, estudantes cursando o 3º ano do ensino médio em escola da rede privada.

O grupo B posicionou-se de forma mais participativa, foram espontâneos ao discorrerem sobre o dia-a-dia na internet. As perguntas da entrevista (vide apêndice A) não abordaram os valores éticos diretamente, porém, os adolescentes do grupo B trouxeram informações adicionais, enriquecendo a entrevista e tornando em muitos momentos um debate em grupo. O grupo agregou a experiência com linguagens virtuais no cotidiano escolar durante a entrevista. Trouxeram reflexões, visualizando as dificuldades e as potencialidades do trabalho com linguagens virtuais. Abordaram os revezes e as transformações que as linguagens virtuais ocasionaram às linguagens escritas. Apresentaram a internet como um espaço onde podem aprimorar conhecimento, mas também expressarem suas emoções, sentimentos. Também avaliaram algumas ações empreendidas por alguns adolescentes relacionando a questão dos valores e a necessidade destes terem um aporte de valores éticos para a comunicação e expressão em meio virtual. As respostas tiveram aspectos relacionados à aquisição de conhecimento, as habilidades e capacidades que as linguagens virtuais proporcionam, falando-se das inúmeras possibilidades da internet, tais como: veicular os sentimentos e emoções; a menção às linguagens virtuais não relacionadas pela pesquisa; a preocupação com as ações virtuais e a questão dos valores éticos; o papel da família e da sociedade para a construção dos valores; a relação da escola com as linguagens virtuais, e por último, mas não menos importante, a transformação da linguagem escrita frente ao exercício das linguagens virtuais.

O grupo C interagiu de forma mais reservada durante a entrevista. Os adolescentes deste grupo demonstrou a preocupação com a concepção social estereotipada do adolescente, fazendo menção em vários momentos durante a pesquisa. Trouxeram poucos elementos além daqueles solicitados na entrevista, na maior parte do tempo, os adolescentes se limitaram a responder as perguntas. Em dado momento, uma pergunta referente à prática de jogos virtuais, dirigida a um adolescente suscitou no grupo um entendimento de que a pergunta continha um teor moralizador com relação aos jogos de tiro. As respostas tinham aspectos relacionados à questão econômica, a aquisição de conhecimento, a preparação para o mercado de trabalho, as habilidades e capacidades que as linguagens virtuais proporcionam, aos sentimentos e emoções, as relações sociais e a importância das relações familiares.

A entrevista individual com adolescente da escola pública municipal foi realizada dentro do espaço escolar, em sua fala transpareceu sua curiosidade e desejo de participar da pesquisa. Contribuiu espontaneamente respondendo à sua maneira as perguntas, algumas precisaram ser feitas uma segunda vez, pois a adolescente não compreendia o enunciado. Econômica na maioria das respostas, em algumas sua fala era tão rápida que durante a transcrição precisou-se ouvir várias vezes até compreender o que ela falava, semelhante à rapidez das linguagens virtuais. As respostas da adolescente apresentaram aspectos relacionados ao seu cotidiano, às dificuldades econômicas da família para manter internet em casa, o tempo reduzido para o estudo e pesquisa na internet proporcionada no espaço escolar. Ela observou a necessidade de manter os vínculos com amigos distantes através do MSN de uma forma particular, chegando a elaborar uma linguagem codificada para conversar com eles pelo MSN. Fez menção à prática de ações na internet com as quais não concorda tais como o relacionamento com estranhos, pedofilia, vídeos com conteúdo impróprio. A entrevistada defendeu as linguagens virtuais dos adolescentes como algo próprio que deve ser aprendido pelos adultos, caso queiram se comunicar com eles. A adolescente não apresentou reflexões advindas das perguntas, quando solicitada a apresentar propostas sobre uma realidade dada, disse não se importar por isso não saberia o que dizer.

Os dois grupos apresentaram em comum uma boa articulação verbal e capacidade de argumentação, interesse em participar da pesquisa, conhecer seus

propósitos; a adolescente em entrevista individual demonstrou interesse em participar da pesquisa, mas apresentou dificuldades de articulação e argumentação, não realizando reflexões significativas, restringindo-se a abordagem dos significados relacionais das linguagens virtuais.

Enquanto o grupo C colocou-se de uma forma defensiva com relação a questão do estereótipo do adolescente frente ao das linguagens virtuais, o grupo B utilizou-se do tema para discorrer qual é a relação que se estabelece com alguns comportamentos dos adolescentes em meio virtual. A adolescente, na entrevista individual, à sua maneira, defendeu a posição do adolescente como algo natural para a fase da adolescência.

As entrevistas foram gravadas, para a apreensão do discurso falado, como para as nuances da linguagem não verbal, as interjeições, as pausas e os silêncios.

Buscou-se realizar as entrevistas com cuidado especial, dessa forma a atenção em todos os aspectos concernentes à linguagem encontraram-se presentes no momento das entrevistas. Era preciso observar respeitosamente *“o aspecto íntimo das relações sociais” (...), “o tom e a importância que lhe são atribuídos; as ideias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da totalidade de sua vida, verbalizados por eles próprios, através de suas categorias de pensamento” (MINAYO, 2000, p.137-8).*

O respeito, a escuta sensível, a adoção de uma postura empática foi fundamental para perscrutar a lógica tanto dos adolescentes que, ao emitirem percepções acerca das linguagens vividas, mostravam-se temerosos pelo desnudamento de suas emoções frente à pesquisadora.

Fundamental destacar a relevância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, redigido em linguagem clara para o adolescente, a fim de que ele tenha noção dos propósitos da pesquisa e possa decidir sem interferência pela participação ou não na pesquisa, conforme apêndice B.

5.2 Com a palavra... Os adolescentes!

Após o conhecimento de estudos que comprovam e reconhecem a linguagem como uma das categorias essenciais na formação do ser social, é chegada a hora de ouvirmos os sujeitos da pesquisa. Para tanto, traremos as falas dos adolescentes pela análise de discurso, a partir de Michel Foucault (1987).

Buscamos diversas definições que embasassem nosso estudo, porém nada se compara à riqueza da fala dos próprios sujeitos, principais atores desse processo histórico contemporâneo de múltiplos sentidos ainda a serem desvendados.

5.2.1 A ética das palavras navegantes

Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (FOUCAULT, 1987, p.20).

Adolescer é viver um estado latente em busca de significado de si e do mundo. Tempo de gente que ri diante do insólito, traz da infância um riso solto e as observações argutas³⁷ de quem estão atentos a tudo porque se espanta com as contradições da vida cotidiana, fala o que pensa, e a seu modo começa a se posicionar. Ser adolescente é ser intenso, nele a emoção não é apenas uma palavra, é um estado de ser.

Seriam necessárias inúmeras palavras para descrever, qualificar ou caracterizar esse ser, pois ele contém em si muitos adjetivos. As características infantis o acompanham e lhe dão suporte necessário para enfrentar a inconstância

³⁷ Arguto: adj. De espírito vivo, penetrante, capaz de perceber com rapidez as coisas mais sutis. Sinônimos: agudo, astuto, engenhoso, fino, penetrante, sagaz, sutil e vivo. <http://www.dicio.com.br/arguto/>

de uma sociedade que prega valores que invariavelmente não exerce. Quando têm dúvidas sua mente curiosa faz os olhos brilharem: mais um sentido³⁸ a ser a ele revelado! Corre em suas veias a vida ansiosa por acontecer. A adolescência circula pelo corpo, mente e coração, potencializando as impressões capturadas no contato diário com o universo virtual.

Num primeiro nível, o sentido é o órgão sensorial. Este comunica um “sentido” ou significação ao dado sensível que faz aflorar à consciência do sujeito. (...) os dados sensíveis tem uma significação, em primeiro lugar, porque, estando ligados entre si, eles nos remetem uns aos outros. Existem laços entre os dados sensíveis, laços que lhes permitem aclararem-se mutuamente (CARMO, 1975, p.165).

Os adolescentes contemporâneos são sujeitos que nasceram junto com as linguagens virtuais, possuem os sentidos intimamente identificados com as mudanças tecnológicas, pode-se dizer que a apreensão do mundo. Pode-se dizer que o encontro dele como ser no mundo passa pela leitura que ele faz dentro do mundo virtual. A fala do adolescente (C15) expressa a naturalização desse convívio,

³⁸ Sentido: do latim *sentio*, *-ire*, perceber pelos sentidos, perceber, pensar) adj 1. Ressentido; melindrado; magoado. 2. Sensível; susceptível; que se ofende facilmente. 3. Contristado; pesaroso; triste. 4. Lamentoso; plangente. s. m. 5. Faculdade que têm o homem e os animais de receber as impressões dos objectos exteriores. 6. Razão, bom senso. 7. Intento, mira, pensamento. 8. Atenção, cuidado. 9. Memória, cabeça. 10. Lado de uma coisa, direção. 11. Significação. 12. Acepção. 13. Espírito, pensamento. 14. Modo, aspecto, ponto de vista, maneira de considerar ou de distinguir. Sentidos s. m. pl. 15. Conjunto das faculdades para a percepção dos objectos exteriores. 16. Conjunto das faculdades intelectuais. = RACIOCÍNIO. 17. Voluptuosidade, prazer, sensualidade, concupiscência. interj. 18. Expressão usada para pedir concentração ou cuidado em relação a algo. = ATENÇÃO, CUIDADO - com os cinco sentidos: com todo o cuidado, como é devido. sentido proibido: sentido contrário ao sentido normal de uma faixa de rodagem. = CONTRAMÃO. sexto sentido: intuição. sentir - Conjuguar (latim *sentio*, *-ire*, perceber pelos sentidos, perceber, pensar) v. tr. 1. Perceber por um dos sentidos; ter como sensação. 2. Perceber o que se passa em si; ter como sentimento. = EXPERIMENTAR 3. Ser sensível a; ser impressionado por. 4. Estar convencido ou persuadido de. = ACHAR, CONSIDERAR, JULGAR, PENSAR 5. Ter determinada opinião ou maneira de pensar sobre (algo ou alguém). = ACHAR, CONSIDERAR, JULGAR, REPUTAR 6. Conhecer, notar, reconhecer. 7. Supor com certos fundamentos. = CONJECTURAR, PREVER; 8. Aperceber-se de, dar fé ou notícia de. = PERCEBER 9. Ter a consciência de. = PERCEBER 10. Compreender, certificar-se de. 11. Adivinhar, pressagiar, pressentir. 12. Conhecer por certos indícios. = PRESENTIR 13. Ouvir indistintamente. = ENTREOUVIR 14. Experimentar mudança ou alteração física ou moral por causa de. = RESENTIR 15. Sofrer as consequências de. 16. Sentir tristeza ou constrangimento em relação a; afligir-se por. = LAMENTAR 17. Ressentir-se, melindrar-se ou ofender-se com (algo). 18. [Belas-artes]Ter o sentimento estético. 19. [Belas-artes]Saber traduzir por meio da arte. v. intr. 20. Ter a faculdade de sentir. 21. Ter sensibilidade; ter alma sensível. 22. Sofrer. v. pron. 23. Experimentar um sentimento ou uma sensação. 24. Ter a consciência de algum fenómeno ou do que se passa no interior de si mesmo. = RECONHECER-SE 25. Apreciar o seu estado físico ou moral. = CRER-SE, IMAGINAR-SE, JULGAR-SE, REPUTAR-SE 26. Tomar algo como ofensa. = MELINDRAR-SE, OFENDER-SE, RESENTIR-SE s. m. 27. Sentimento, sensibilidade. 28. Maneira de pensar ou de ver. = OPINIÃO, ENTENDER, PARECER. <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=sentido>

para (C15) os recursos virtuais são uma presença inquestionável, “afinal nós somos a geração internet!” (C15).

Os adolescentes entrevistados possuem a capacidade de acessar saberes sem a barreira de tempo e espaço; a adaptabilidade aos constantes avanços tecnológicos são alguns dos aspectos significativos que fazem destes jovens sujeitos que produzem seus sentidos de maneira singular, a todo o momento faziam conexões de diferentes conceitos para argumentar e construir sua resposta. Percebe-se o processo reflexivo elaborado à semelhança da rede virtual: um pensamento leva a outro, que por sua vez leva a uma importante reflexão sobre os atos praticados por ele e pelo outro.

Na verdade, não foram feitas aos adolescentes perguntas diretas sobre os valores éticos, porém, esse aspecto fundante da pesquisa esteve presente em todo momento das entrevistas. O que se procurou realizar intencionalmente foi elaborar uma forma de desinstalar a lógica do certo e errado, do mal e do bem, pois de certa forma essa discussão esteve presente nas falas dos entrevistados ao mencionar o estereótipo social do adolescente.

Nos dois grupos de adolescentes entrevistados, uma pergunta dirigida a um sujeito logo despertava o desejo do outro de respondê-la, à semelhança da ação virtual denominada “compartilhamento“. As ações próprias do meio virtual são internalizadas pelos adolescentes são praticadas cotidianamente de forma fragmentada e em profusão. Todavia, toda e qualquer ação leva ao encontro com o outro, ao estabelecimento de uma sociabilidade e construção de sentido com base em uma busca de significado de si a partir do encontro com o outro. Essas ações que hoje são virtuais, em verdade, são reproduções de sentido vividas desde o início histórico da vida dos sujeitos, denominadas em Foucault como “arqueologia“. As formações discursivas dão-se a partir de um domínio, que são os enunciados, o campo discursivo, as práticas discursivas (FOUCAULT, 1987, p.155). Tal como Foucault, que se coloca como um “historiador de ideias” defrontamo-nos com o que ele chama de “insidioso pensamento”, um caldeirão de influencias histórico ofertado ao adolescente em um contexto atemporal.

a história das ideias se dirige a todo esse insidioso pensamento, a todo esse jogo de representações que correm anonimamente entre os homens (...) Trata-se da disciplina das linguagens flutuantes, das obras informes, dos temas não ligados. Análise das opiniões mais que do saber, dos erros mais que da verdade; não das formas do pensamento, mas dos tipos de

mentalidade. (...) Mas ela pode, também e dessa mesma forma, descrever, de um domínio a outro, todo o jogo das trocas e dos intermediários: mostra como o saber científico se difunde, dá lugar a conceitos filosóficos e (...) relaciona obras com instituições, hábitos ou comportamentos sociais, técnicas, necessidades e práticas mudas; tenta fazer reviverem as formas mais elaboradas de discurso na paisagem concreta, no ambiente de crescimento e de desenvolvimento que as viu nascerem (FOUCAULT, 1987, p.157-158).

Hoje sua formação não conta somente com a experiência dos mecanismos formais, agora ele é um ser navegante em mares que o levam a muitas verdades; as diversas concepções históricas coabitam nas imagens, nos pensamentos, nas representações acessadas virtualmente. De acordo com a concepção foucaultiana, os discursos produzidos em meio virtual coexistem no discurso que produz o original e o regular. O discurso é fruto de um longo processo de repetições, ou seja, na busca pela originalidade e pela diferenciação, o que se busca em todas as falas dos entrevistados são os valores (FOUCAULT, 1987, p.163), proferidos por eles em seus discursos em meio virtual. *“O que é identidade, parcial ou total, na ordem do discurso? Sabemos que o fato de duas enunciações serem exatamente idênticas”*, diz Foucault, *“formadas pelas mesmas palavras usadas no mesmo sentido”* (p.163), ditas por duas pessoas diferentes adquire significado pessoal, eis a riqueza de sentido permitido à condição humana. A descrição arqueológica foucautiana não estabelece hierarquia de valor, mas sim uma regularidade (p.165):

(...) que caracterizaria o enunciado desviante (anormal, profético, retardatário, genial ou patológico); designa, para qualquer performance verbal (extraordinária ou banal, única em seu gênero ou mil vezes repetida), o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência. A regularidade, assim entendida, não caracteriza uma certa posição central entre os limites de uma curva estatística – não pode, pois, valer como índice de frequência ou de probabilidade; especifica um campo efetivo de aparecimento (FOUCAULT, p.1987, p.165).

Diante da imensa estátua, em frente a uma agência bancária, dentro do campus universitário, estava o grupo de adolescentes que seriam entrevistados. Ouvindo o relato de um professor do campus sobre a arquitetura histórica da universidade, o adolescente (B10) pára e fala: - capitalismo! O grupo surpreende-se, os outros adolescentes riem e (B10) se cala. O fato ocorrido ressurgiu na fala de (B10) espontaneamente e o grupo inicia uma reflexão. A entrevista com o grupo B, presenciado pela pesquisadora, servirá de ilustração dos múltiplos aspectos adquiridos pelos sujeitos nas regularidades discursivas com o intuito de demonstrar

a presença da riqueza criadora na regularidade das práticas discursivas. Por detrás dessa habilidade criadora pela linguagem, procurar-se-á demonstrar que o adolescente desenvolve espontaneamente, em dadas condições, a capacidade humana de estabelecer valores alinhando os sentidos provocados pelo exercício das linguagens virtuais.

Tipo assim, quando tem avacalhão, às vezes eu falo alguma coisa assim sem querer, pra tentar me expressar, aí as pessoas começam a avacalhar. Não, mas daí eu rio junto... (B10)

é que foi muito, tipo, divagando assim. Ai, capitalismo... a gente tava falando de arquitetura, daí ficou todo mundo, tipo, ... ãh, capitalismo...?!?! deu pra perceber que aquela obra estava ali não por questões da arquitetura, talvez por questões monetárias, mas (B11).

ele falou na hora errada aquilo ...(B12).

Isso (B11).

já tinha passado, e ele acabou se perdendo... (B12).

isso acontece comigo também, quando tu está falando alto pra conseguir se expressar e se ouvir (B11).

O adolescente (B10) sintetizou em uma palavra todo um discurso que demanda uma elaboração demorada, extensa, à custa de reflexão e estudo. A observação de (B10) promoveu uma quebra em um discurso que normalmente o sujeito se apropria ao longo de certo período de tempo, neste caso, (B10) elaborou em um tempo reduzido em uma única palavra, simplificando um conhecimento certamente advindo das ferramentas tecnológicas. O conhecimento de que os adolescentes hoje dispõem ao alcance das mãos, em épocas anteriores levaria anos para conquistar, e esse é um dado que precisa ser levado em conta. O adolescente (B10) pulou etapas e, se acredita, as conexões realizadas tiveram uma grande contribuição dos recursos virtuais que ele acessa. Diante de uma obra de arte, o adolescente empreendeu uma definição precisa de um contexto sócio geográfico (o banco à frente dentro de uma universidade). O que se pretende demonstrar é essa capacidade de trazer de um saber arqueológico a contradição das histórias das ideias, a coerência de um discurso apreendido na forma da virtualidade, ou seja, a demonstração cabal de que as linguagens virtuais interferem na construção dos sentidos dos adolescentes. Foucault refere que a coerência e coesão que organiza o discurso restitui uma unidade oculta (1987, p.171), que descobre a organização interna de um texto, a forma de desenvolvimento de uma obra individual, ou o ponto de encontro de discursos diferentes. São dimensões que ocorrem nas interações

entre o sujeito e seu meio, o que reafirma que a construção da linguagem pelo sujeito se dá na dimensão social. É um caminho de muitas idas e vindas, até o sujeito encontrar a sua forma de elaborar a linguagem que lhe caracterize, sendo que para Foucault *“só estaremos seguros de havê-la encontrado se a tivermos perseguido de bem longe e por muito tempo. Ela aparece como um ótimo: o maior número possível de contradições resolvidas pelos meios mais simples”* (FOUCAULT, 1987, p.171). Essa forma de perceber o mundo é uma forma em que existe sobremaneira a influência da utilização da internet dentre tudo que efetivamente se vê em conjunto com o que se aprende. Ao olhar a imagem na porta ao lado do banco, o contexto todo trouxe a(B10) o capitalismo. Ou seja, se trouxe um conhecimento, e (B10) agregou de outro. A regularidade do discurso sofreu uma cisão e dela surge o florescimento de um conhecimento onde as contradições anteriores de tudo que se viu *“resolvidas pelos meios mais simples”*. Meios que contam com a elaboração de uma linguagem influenciada pela internet, ao que os adolescentes (B10) e (B12) concordam.

Sim, a tua visualização do mundo, quando tu tem internet, ela expande, porque a internet expande a tua visão de mundo. Se tu não tem internet, tu fica ligado somente ao mundo, àquela região que tu vive, e as regiões que tu já visitou. Com a internet não. Tu tem contato com coisas todos os lugares. pode parecer merchandising , mas tu tem o mundo na tua casa, do modo que tu quiser, tu sempre vai achar aquilo que tu quer. Sempre, não importa. Tu tem tudo, agora com o Google Maps e o Street Wear, que é tipo, tu clica, o Google arrasta pela cidade, e tu vai ver imagens da rua, caminhar pela rua. Tu tem o mundo pela volta, se tu quiser uma rua dos EUA, da Alemanha, Suíça, o que tu quiser tu acha.... Só quem não quer não aprende mais (B12).

Cabe a ele, adolescente, frente a essa expansão possível pela internet, fazer a conexão dos conteúdos, separar o que promove seu desenvolvimento. O campo virtual amplia a presença do adolescente no mundo, ele pode contatar qualquer outro sujeito independente de tempo e espaço. Por outro lado ele perde a resposta da linguagem não verbal, o gestual que o webcam não transmite.

Ainda que o webcam transmita a imagem do sujeito e seja empreendida a comunicação pela linguagem verbal, ainda assim será outro que ele conhece superficialmente, o contato humano presencial entre ele e o outro não se estabelece, sendo essa relação outra forma de constituir-se como ser social em uma relação. A descoberta do outro ante a possibilidade de um abraço ou um olhar carregado de significado inexistente nesse campo, sendo substituído por uma imagem, um emoticon

ou por mensagens transmitindo sentimentos. No meio virtual os sentimentos não são vividos integralmente, eles contam, sobretudo, com uma interpretação pessoal que algumas vezes pode diferir dos sentimentos que o outro nutre.

O que poderia ser visto como prejudicial para a formação do adolescente na verdade representa o surgimento do parâmetro de apreensão do real: a virtualidade como uma nova forma de ver o outro, de se ver como sujeito nas relações sociais, derrubando as noções de tempo e espaço e a lógica do velho em uma relação hierárquica sobre o novo.

Depreende-se, portanto, a importância da determinação reflexiva que decorre da contraditoriedade do real, de sua tensão permanente, de seu movimento incessante. Como decorrência desse processo de que fazem parte, os seres são inevitavelmente marcados por uma dualidade interna, neles encontrando-se tanto a semente do novo quanto a presença do velho. Da mesma forma, neles encontra-se também *tanto a identidade como a alteridade, uma vez que cada ser determina na relação com o outro e se determina também na relação consigo mesmo* (MARTINELLI, 1995, p.141).

O grupo C demonstrou, durante a entrevista, certa desconfiança com algumas perguntas, o que nos remeteu a uma das questões norteadoras da pesquisa – se as linguagens utilizadas poderiam promovê-lo e valorizá-lo ou estigmatizá-lo e segregá-lo – rondavam os olhares e no decorrer da entrevista. A partir da pergunta sobre a linguagem dos jogos, os chamados games, estabeleceu-se uma tensão no ar.

eu percebi que quando tu perguntou para o C15 sobre os jogos de violência, que a tua visão é diferente. Pra gente é só uma diversão, pra ti pode ser uma maneira de expressar coisa que goste, ou que não tá fazendo na vida real e vai fazer futuramente... (C14).

de estar conversando com os amigos... (C15).

O que se quer é ganhar a competição. O objetivo é diferente (C14).

a pessoa só quer ganhar o jogo (C13).

eu não acho que matar ali é... simplesmente matei, entendeu? Eu ganhei o jogo e detonei os outros. (ri) (C13).

uma coisa que eu acho errado tb é que, ah, que dizem, ah, videogame é violento, ah, não sei o que. Não tem nada a ver isso, tinha perguntado para ele, não é? Porque é uma coisa totalmente virtual, não tem nada a ver (C14).

depende do cara...(C15).

você pode ver um filme violento, é simplesmente igual. Tanto o jogo como um filme, uma musica ou um livro. São formas de entretenimento (C14).

O grupo uniu-se para a defesa de um integrante, viram-se como uma unidade que precisava defender-se de uma ideia contrária – a de que a

pesquisadora tivesse uma visão negativa da linguagem virtual dos games. No fundo, manifestou-se durante a entrevista a concepção de que toda a ação que o adolescente empreende em meio virtual a princípio teria um componente negativo, o qual não representa a realidade da pesquisa, esta se dispõe a verificar os sentidos que se encontram nos games para os adolescentes.

Nesta perspectiva, o processo de produção do conhecimento, naquele espaço, passa pela percepção que os jovens jogadores têm e a forma como reagem aos conteúdos a eles/elas expostos, rearticulando-os, interpretando-os e ressignificando-os. Naquele momento, o aprender passa a ser visto como um gesto de aquisição de conteúdo e domínio de uma técnica de aprendizagem, cabendo ao emissor (colega jogador, que pode ser o líder do grupo) não mais aquele papel “repetidor”, como o do professor ou professora na escola, mas de facilitador do saber. Assim, aquele espaço se torna crucial para chegar à percepção contemporânea, no sentido de que, vinculado ao processo de aquisição de conhecimento, está o processo de constituição do indivíduo como ser social, cultural e político, o que se dá pelos processos comunicativos e pelo uso da linguagem, entre o jogador, os objetos que o cercam e seus pares (MOITA, 2007, p.161).

Sendo assim, analisar os diversos componentes que envolvem a linguagem dos games, grosso modo, dá-nos uma dimensão do quanto o meio virtual vem colaborando para potencializar capacidades e habilidades dos adolescentes. A temática dos games, como quaisquer das linguagens aqui tratadas, por si somente dariam nova dissertação, contudo, é preciso lembrar que o nosso foco da pesquisa constitui-se em analisar quais os sentidos que essa e as demais linguagens virtuais representam para o adolescente em sua formação social e ética. Conforme a fala dos adolescentes, e referenciadas por Moita, pesquisadora que se aprofundou na temática dos games, é preciso que sejam deixados de lado as ideais pré-concebidas com relação à prática dos jogos virtuais e ater-se naquilo que efetivamente os jogos contribuem para a formação do sujeito. É indiscutível que as habilidades como rapidez no raciocínio, a lógica estratégica e as capacidades cognitivas e motoras são potencializadas. São formas de entretenimento que, quando dosadas, estimulam o adolescente a desenvolver suas capacidades neurológicas e de sociabilidades, pois em alguns jogos ele precisa contar com a colaboração do outro para avançar as etapas. Porém, não se podem esquecer seus reversos, que é a extrapolação do número de horas jogando, o isolamento do contato humano presencial, o superestímulo para o hiperfoco, que é quando o sujeito concentra-se demasiadamente em um único assunto, ficando alheio à realidade envolvente. Como em tudo até agora exposto, em se tratando de postura aproximada aos valores

éticos, é preciso equilíbrio e discernimento. Conforme (B12), ao mencionar o uso ainda não bem adaptado do programa digital em aula, refere que “... *em vez de ajudar mais as pessoas, pode acabar ajudando as pessoas a se dispersar mais*”.

Existem vários sentidos em que os adolescentes podem empreender as linguagens virtuais, além das conhecidas salas de bate-papo:

É eu gosto de pesquisar bastante, é o que eu mais faço no computador. Eu fico pesquisando, eu gosto de aprender bastante, sobre assuntos variados, vejo sobre... Normalmente História, Geografia Política, é o que eu gosto de ver. Também notícias que estão acontecendo. eu vou vendo o que tem, gosto de aprender, eu quero saber todos os pontos de vista das coisas (C14).

Aiii, eu... a internet pra mim bastante é só pra trabalho, MSN e Orkut, né. Então, é o que eu mais utilizo, é o que eu mais gosto. E tem bastante coisa que aprende, né? Coisas novas, que nem agora eu tô fazendo um curso, eu tô aprendendo até como se faz cartão... Lembra cartão de visita? Cartão de festa, no computador, eu tô aprendendo. Então é coisa que tu aprende usando a internet e o computador (A1).

(sobre o UCA) acho que é bom porque isso estimula mais a tua atenção... Vai treinando mais a atenção no computador e no professor ao mesmo tempo. Só não acho tão bom assim porque tem aulas que os professores não deixam de maneira alguma mexer nos vídeos (C10).

o que eu gosto da internet é aprender mais sobre a internet em si, mais sobre mexer no computador. Não só de saber procurar alguma coisa, mas dentro do computador. Dentro dele. Ah, por exemplo, toda a estrutura que tem dentro do computador em si, pra ti criar um site, para ti criar alguma coisa. Eu adoro fazer isso. Eu faço isso muito, tanto que eu já consegui criar, não muito certo, mas criar certas coisas pela internet (B12).

Bah, não sei, as vezes eu vejo alguma na aula, aí eu chego em casa e pesquiso na internet. Aí eu acho interessante eu continuo pesquisando na internet, sobre esse assunto (C15).

O fato é que adolescer, em nossa contemporaneidade, significa trazer à tona uma fala que renova cotidianamente, em todos os aspectos, da fala à escrita passando pela vestimenta, as cores, apresentar ao mundo uma linguagem que precise ser codificada é uma realidade entre todos os adolescentes. É justamente essa capacidade tão própria do adolescente que lhe confere sentido e que precisa ser analisada devidamente a partir da fala do próprio adolescente, vendo seus aspectos bons e aqueles que necessitam de uma posição mais equilibrada para não prejudicá-los em seu desenvolvimento como ser com valores éticos. E eles se preocupam com o tempo “às vezes a gente perde muito tempo vendo bobagens, falando bobagem, sabe?” (C15), querem aproveitá-lo bem, usufruir tudo o que tem direito. O sentido de utilidade é diferente para cada adolescente “*eu descarto entrar*

nesses sites que as pessoas botam pra procurar pessoas desconhecidas pra namorar, eu já não gosto, também vídeo de piada, não sou muito não. Já deixo pro lado, essas coisas que eu não procuro” (A1). Os adolescentes do grupo C questionam o sentido do que é ou não útil, a partir da fala de (C15).

Acho que depende do que eu tô procurando. Não sei, nunca vou achar alguma coisa inútil. Se eu não tô procurando essa coisa eu vou achar ela inútil, mas se eu quero saber o que que é eu vou achar, entendeu? Tipo, eu não procuro coisas nojentas na internet, mas se eu um dia quiser procurar não vai ter jeito. Eu acho que não tenha nenhuma coisa que eu descarta. Não sei, tem coisas que eu procuro mais, tem coisas que eu não procuro tanto (C13).

não acho que na internet tenha qualquer coisa inútil. Tem coisas inúteis para cada pessoa, por exemplo, pro C15 pode ser inútil, não sei, musica, essas coisas, mas para outras pessoas pode ser muito útil. Então assim, não acho que tenha alguma coisa assim, totalmente inútil, pelo menos para alguém aquilo vai ter alguma utilidade (C14).

Os entrevistados entendem que têm à disposição um conhecimento nunca antes oferecido àqueles que o precederam historicamente, e este fato por si lhes confere um determinado poder sobre a organização do seu conhecimento. Essas habilidades avançaram muito com os recursos conhecidos nas linguagens virtuais os quais nem sempre os adultos conseguem acompanhar.

Eles usam o computador pra projetar a aula deles, né. Eles usam o computador como um recurso. Por exemplo, eles usam o PowerPoint, eles usam um recurso para dar aula, sabe? O PowerPoint, projeção de slides, só isso que ela aprende. Aí usam bastante até (C13).

A adolescente (C13) demonstra que os recursos virtuais poderiam ser mais bem explorados pelos adultos. Nessa fala (C13) se coloca, enquanto adolescente, em uma posição de quem detém um poder – a afinidade com as linguagens virtuais. Não devidamente valorizado como algo bom, como alguém possuidor de um valor que poderia agregar ao meio social frequentado, e ignorado em suas potencialidades, ele, adolescente, reproduz a ação. Visto na forma inversa pode representar uma pecha³⁹ que precisa carregar por ser adolescente.

Conforme o adolescente (B12), no mundo virtual, ele detém a possibilidade de acessar e navegar rumo ao conhecimento que ele quiser, porque afinal, “*o mundo passa por ali, você tem acesso a toda a informação que quiser, só não aprende quem não quer!*”. À sua maneira, (B12) nos diz que o adolescente hoje tem nas linguagens virtuais uma forma de expressão que pode fazê-lo incidir sobre a sua

³⁹ Pecha: defeito, falha, falta. Dicionário Mini Aurélio, p. 521.

evolução. As possibilidades são inúmeras, nesse sentido os demais adolescentes alertam de que não há conhecimento inútil, tudo depende do que se quer buscar, em suma, em que sujeito o adolescente quer se formar.

Durante as entrevistas se buscou ser fiel aos sentimentos expressos pelos entrevistados, percebidos nos silêncios, nas risadas, nas respostas contidas e nas reflexões, todos envoltos em seus sentidos e significados. Intensos, alegres, os entrevistados mostraram-se inicialmente cautelosos nas respostas e questionadores nas reflexões. O seu legado é ser aquele que navega diariamente na busca de sentidos; para o adolescente nenhuma linguagem é em vão, todas oferecem uma leitura do seu mundo interior e do envolvente.

Uma existência que é burilada pela linguagem, pelos silêncios entre as palavras, nas decisões tomadas entre vogais, consoantes, imagens e sons. Desarrumam-se palavras, revolvem-se letras e a mistura significados embaralham olhos desatentos. É uma existência única, a adolescência, tudo que se diz traz à tona um sentido (re)inventado. Da moral vigente à crise ética do mundo visto na sociedade, a impunidade, o descaso com o outro, mas também a solidariedade, a atenção e o cuidado com o outro, nada passa incólume ao olhar dos entrevistados. Estão atentos ao que é praticado na vida cotidiana, apreendem valores que circulam nas relações e nas redes sociais; traduz o que para ele faz sentido, no caso específico deste estudo, nas linguagens virtuais. No campo virtual, ele organiza contemporaneamente os sentidos de si e vai compondo a sua visão de mundo, os valores que acredita e o que é por ele rechaçado, muito do que circula pela sociedade é hoje perceptível ao adolescente na virtualidade.

Quando se fala em sentidos e significados remetemo-nos impreterivelmente à questão dos valores, o que da parte dos entrevistados remete ao senso comum transpareceu. O estereótipo como “alienado”, “viciadinho”, incomodam os jovens, mas ao mesmo tempo fazem com que eles reflitam que a sua permanência na utilização dos meios virtuais perdura mais do que com as outras faixas etárias. Entretanto, ainda assim não justifica aliar a figura do adolescente à postura de um sujeito viciado em internet ou daquele que se encontra alienado porque os meios virtuais o distanciaram dos valores éticos e sociais. É perigoso realizar tal afirmação, bem o sabemos, contudo, a questão ética referida no senso comum indica uma trilha construída na dualidade bem/mal, certo/errado; assim os enunciados elaborados nessa ótica falam do adolescente de uma forma negativa.

É preciso referir a existência dessa construção sobre a figura do adolescente no imaginário como aquele sujeito que usa em demasia as linguagens virtuais, quase sempre sem limites e as relações de poder que se estabelecem são travadas já dentro do adolescente,

Mas se isolamos, em relação à língua e ao pensamento, a instância do acontecimento enunciativo, não é para disseminar uma poeira de fatos e sim para estarmos seguros de não relacioná-la com operadores de síntese que sejam puramente psicológicos (...) e podermos apreender outras formas de regularidade, outros tipos de relações. Relações entre os enunciados (mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não tem o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam); relações entre grupos não remetam aos mesmos domínios nem a domínios vizinhos; (mesmo que não tenham o mesmo nível formal; mesmo que não constituam o lugar de trocas que podem ser determinadas); relações entre enunciados ou grupos de enunciados e acontecimentos de uma ordem inteiramente diferente (técnica, econômica, social, política) (FOUCAULT, 1987, p. 32-33).

É preciso valorar cada enunciado do sujeito-adolescente porque se encontra ali a entrada para a sociedade que o envolve, ainda que o jovem não expresse claramente uma opinião sobre, por exemplo, questões políticas ou éticas, que em dado momento surge em seu discurso. Para Foucault é preciso fazer aparecer na sua pureza, um espaço onde o sujeito fique livre para “descrever nele e fora dele, jogos de relações” (FOUCAULT, 1987, p.33).

O adolescente constrói, a partir das diversas linguagens, seu entendimento e posicionamento frente aos jogos de relações sociais que são também relações de poder. Segundo Maturana (1997, p.177), os sistemas de poder são constituídos “sob a emoção que configura as ações da autonegação e negação do outro na aceitação da submissão própria ou do outro”, o autor fala que não são sistemas sociais, mas que sua dinâmica é baseada na ordem e na obediência. Esse sistema de convivência da relação com o outro no qual Maturana (1997) conceitua à concepção de valores éticos que invariavelmente recaem para um discurso normativo e moralizador. O discurso que vê o comportamento ético como aquele que impõe um limite para si em detrimento do outro, é, na verdade, um discurso que enfatiza o saber de um como poder sobre o outro. Esses poderes se entremeiam no cotidiano e estão presentes na sua formação social e nos valores éticos.

Há uma suposição, quando se coloca o tema do espaço da ética nas relações de vida e sociedade, que é a da existência desse espaço. Não se perguntaria sobre ele se ele não existisse de fato. (...)sempre houve (...)por conta de a própria impossibilidade da relação humana dar-se sem a existência da ética. O que temos de qualificar é o tipo de ética de que

estamos falando (...). Então, a “ética” existe porque nós, humanos, somos agregados, e porque só conseguimos existir em sociedade (CORTELLA, 2001, p.49).

É preciso auferir à ética seu sentido básico, a nosso ver como parte do processo histórico em que os sujeitos em determinado momento necessitam estabelecer parâmetros nas relações sociais a fim de lhes garantir a existência de sua própria humanidade.

A questão central, então, não é a de saber qual o espaço que ela ocupa na relação indivíduo/sociedade, mas, principalmente, como esse espaço vem se alterando na sua composição e também em sua direção, sob o ponto de vista histórico e social (CORTELLA, 2001, p.49-50).

Ouvir os adolescentes sobre seus sentidos, o que eles pensam sobre si mesmos, e sobre os estereótipos que circulam na sociedade a seu respeito significa realizar uma análise do discurso social vigente dos adolescentes. É preciso saber a partir da visão do próprio sujeito, qual o lugar que a sociedade os coloca, e qual é aquele que eles vêm ocupar, para se chegar ao sentido que ele elabora sobre si. *“Acho que a gente tem uma imagem de viciado na internet, porque adolescente usa mais que adulto a rede social. Provavelmente a gente tem essa imagem por isso (C13). Há valores permeando os conceitos emitidos pelos sujeitos: “adolescentes na Internet? São pessoas que não sabem o que estão fazendo. É, entram lá, mas não conhecem, isso eu percebo” (B10).*

Na fala do adolescente (B10), percebe-se, a princípio, a demonstração de um conceito que não é propriamente seu, mas de domínio público verbalizado por ele. Como se na sua concepção parte da sociedade achasse isso de todos os adolescentes, o que foi expresso pelos demais adolescentes da pesquisa. No outro grupo, o adolescente (C15) demonstra um misto de ressentimento e espanto pelo conceito que a sociedade tem dos adolescentes e por de certa forma em alguns momentos concordar com ela; *“no meu ponto de vista, eu vejo a gente comum, eu acho a gente normal. Mas do ponto de vista dos adultos a gente pode ser uns viciadinhos. Às vezes eu também acho isso, mas aí vai embaçar... (risadas)” (C15).* O adolescente percebe que, de certa forma, o estereótipo tem alguns aspectos que correspondem à realidade.

A figura do adolescente encontra-se ligada à imagem de sujeito que está praticamente todo seu tempo conectado à internet, e essa concepção incomoda os adolescentes entrevistados. *“Tudo que eles acham é que a gente fica muito tempo*

*trancado em casa, falam, ah, vai pra rua, um dia bonito, sabe? A gente prefere ficar no computador, só isso” (C15). Há uma ironia que denuncia o pré-conceito e ao mesmo tempo realiza seu *mea culpa* “às vezes eu acho que na internet as pessoas que falam dos adolescentes provavelmente falam mal. Inclusive eu!” (risadas) (C14); “Navegar na internet é bom, mas quando tu vês passa muito rápido, e tu deixou de fazer um monte de coisa” (C15).*

Instigados, o diálogo no grupo B flui, eles vão traçando caminhos, possibilidades explicativas para a realidade dos adolescentes na internet. Críticos, eles compartilham impressões durante a entrevista pesando a ambivalência de uma relação com o meio virtual que pode ser positiva, mas também apresenta seus reveses. O grupo realiza um movimento reflexivo sobre o anonimato, no qual se segue:

Eu tenho um comentário a fazer... tava pensando no negócio dos valores que tu falou. E eu acho que a internet põe eles mais à prova porque tem a questão do anonimato, né? Então é mais fácil tu ferir alguém sem a mínima consequência, sabe, daí tem aquela questão da ética. Tu vai realmente fazer isso, ou tu vai ... Porque na verdade é um mundo à parte onde as punições são menos severas. Então é muito mais fácil tu agredir alguém, humilhar, do que na vida real assim, nos contatos (B11).

A adolescente chega a um questionamento sobre os valores éticos a partir das perguntas da entrevista, ao processo reflexivo decorrente do diálogo em grupo, somam-se as percepções que certamente ela traz do seu cotidiano em tudo o que observa na internet. O anonimato é uma das questões que vem preocupando a sociedade no meio virtual, da mesma forma essa preocupação atinge os adolescentes, que também temem pelas consequências que pode ocasionar nas suas vidas.

E é muito mais fácil fazer isso no anonimato, muito mais fácil. Por exemplo, eu já vi na vida real e até fora da vida real, ambas as coisas, pessoas criarem blogs para destruir outras pessoas! (B12).

E tipo assim, tem horas que aquela pessoa que divulgou aquilo, foi a pessoa que teve mais do teu lado, é a pessoa que mais sabe sobre ti. Então ela se fez de tua amiga, pra justamente fazer isso contigo, então ela sabe todos os teus podres, digamos assim. Ela utiliza disso pra jogar para internet para ferrar contigo cada vez mais (B12).

Isso tem a ver com a educação, com o ambiente... (B11).

O adolescente (B12) amplia o foco que preocupa o grupo e compreende que a consequência de uma má utilização da possibilidade de se manter anônimo na internet pode influir em dimensões sociais maiores que as suas vidas. Ele reflete,

contudo, que as distorções de um comportamento que busca o anonimato vêm de ausências de atores sociais que se encontram fora da internet.

...do ambiente familiar que ela vive (B12).

...mas daí é o que tu vê: o problema não é a internet, o problema é aquela pessoa. Uma pessoa perturbada (ri), porque os valores tu não aprende com a internet! Até porque na internet tu tem que saber direcionar o que tu quer! Ela tem tudo ali! Se tu não tem valores, não tem tipo .. direciona para o lado errado, entende? A internet é só uma ferramenta que...(B11).

...proporciona ela fazer isso (B12).

...proporciona aquela pessoa que já tem um caráter deturpado, a fazer o mal (B11).

Quem quer aprender, aprende! Aí tá da pessoa querer usar ou não! Aí depende muito do caráter da pessoa, o que ela pensa e o que ela não pensa. Tem que ser construído fora da internet. É... a gente tem que achar algo de bom na internet! (B12).

Nesse diálogo vê-se *a ética como condição do ser social*. É preciso ultrapassar o comportamento que obedece unicamente aos desejos e vontades pessoais, pois os resultados das ações executadas envolvem o meio em que ela está inserida, e terá consequências que precisam ser avaliadas anteriormente.

Chalita (2009) entende que toda a ação envolve uma *escolha*, esta é baseada na vontade dos sujeitos; por sua vez, a vontade nasce de um estímulo instintivo que nos seres humanos conta com a capacidade de antecipar a ação idealmente. O autor divide a escolha dessas ações em voluntárias, involuntárias e não voluntárias (2009, p.83-86), as quais dizem respeito não só a vontade pessoal, mas que envolvem "*circunstâncias vivida pela pessoa e à sua consciência de si mesma, da realidade em que está inserida e das possíveis consequências de seus atos*". Na ação voluntária o sujeito tem consciência do contexto e das circunstâncias que a envolvem, age por determinação própria tendo em mente um objetivo a alcançar que é atingido. Ações involuntárias são aquelas também relacionadas com a vontade do sujeito, porém ele não age totalmente independente. Ele é obrigado a agir em determinada circunstância, mas não é o autor da ação, no sentido de que não a planejou nem desejou realizá-la, somente a executa; por último, ações não voluntárias são aquelas em que o sujeito não conhece as consequências do ato, nem ao menos tem consciência do que está fazendo. Em tal estado o sujeito age, por exemplo, quando se encontra em desequilíbrio emocional, ou em estado sonambúlico.

Para Chalita (2009, p.86), ao fazer qualquer escolha, no sentido ético, *“uma pessoa tem de estar imersa na comunidade política, como indivíduo autônomo”*. Pela fala dos adolescentes do grupo B valores e ética são indissociáveis, para eles os valores construídos com um sentido unicamente voltado para si terá uma consequência na vida do outro sujeito. O grupo B aponta que a opção do sujeito em praticar determinadas ações independe do ambiente da internet.

A adolescente (B11) à sua maneira refere que o sujeito precisa contar com um referencial que é anterior ao ambiente virtual, para ela as escolhas são feitas com base em uma formação que se dá dentro da família e nas relações sociais. Tanto para (B11) quanto para (B12) a internet se constitui como uma arena onde a pessoa expressa os valores construídos (ou a ausência deles) socialmente. Interessante destacar que o grupo B aborda o sujeito como “pessoa” e não “adolescente”, ampliando o campo constitutivo do ser na discussão dos valores éticos. Com isso os entrevistados tornam claro sua compreensão de que a prática de ações depende de uma escolha consciente sobre qual a melhor forma de agir. Esse conceito de “bem” é ético quando baseado no bem próprio, mas, sobretudo no bem comum. Aristóteles, em *Ética a Nicômano*, no livro 3, refere que essa escolha é uma manifestação da alma; Maturana (1997), como já apresentado nos capítulos anteriores, baseia a coordenação de ações num domínio de consensualidade, e que é o nosso emocionar que determina como nos movemos nas ações (1997, p.277); por último, Foucault (2004) nos fala de um ser que se constitui como tal porque vivenciou o cuidado primordial.

A ética é percebida pelos adolescentes não somente como algo a ser imposto ou como um conjunto de regras ou normas a seguir, mas como a ação em que ele tem de decidir qual caminho e posição irá assumir. Tomar decisões está no cerne da prática da liberdade, tanto para “o desenvolvimento do sujeito como para a salvaguarda da autonomia” (BETTELHEIM, 1985, p.61)⁴⁰. Para o autor o não exercício da autonomia do sujeito compromete o desenvolvimento e o cultivar a liberdade interna e externa como valores, pois *“quanto mais complexa se torna uma sociedade, maior a necessidade de autonomia individual, pois ambas refletem*

⁴⁰Bruno Bettelheim, psicanalista judeu que vivenciou na 2ª Guerra Mundial os horrores dos campos de concentração na Alemanha nazista presenciou os efeitos nefastos dos “mecanismos de despersonalização” que buscavam anular a individualidade dos sujeitos com o sentido de levar o povo judeu à dominação pela perda da identidade. A experiência aguda de Bettelheim de total ausência da liberdade, a negação do direito de tomar decisões levou-o a avaliar as consequências para a formação social humana.

estágios mais adiantados de uma consciência de liberdade” (p.61). Na visão do autor é preciso que o sujeito exercite seu poder de decisão nas atitudes que irá tomar, ele depende desse exercício para não ficar preso a desejos instintivos irracionais de sua vontade ou da vontade alheia.

(...) assim o homem, se não estiver utilizando e fortalecendo suas faculdades decisórias, fatalmente será intimidado tanto por seus desejos instintivos como pela sociedade; por seus desejos instintivos, por não poder organizá-los e controlá-los (e depois ele se sente enganado porque a sociedade não acolhe seus desejos irracionais e sua urgência em satisfazê-los (...) pela sociedade, porque ela dirigirá sua vida se ele não o fizer sozinho (BETTELHEIM, 1987, p.62).

A percepção de que está agindo a partir da vontade alheia, ou sendo levado a conviver com decisões com as quais não se concorda é algo que incomoda os adolescentes. Nesse aspecto o grupo B, em outro momento da entrevista, reflete sobre atitudes que eles consideram antiéticas, dando como exemplo o comportamento de estudantes diante do programa digital em sala de aula.

Tem coisas que o UCA⁴¹ não abre, por exemplo, não abre coisa sangrenta e não abre pornografia. Porque aparece o protetor de link dali. De trinta pessoas da nossa turma, dez descobriram como tirar o protetor de link, e entrar nas pornografias... (B12).

Porque as pessoas ficam procurando essas coisas? Que nojo, faz isso em casa, no teu quarto! Na escola ficar olhando pornografia, aí que desagradável...!! (B11).

Todo mundo usa, eu acabei sem querer descobrindo como desbloquear o protetor de link do notebook. Você pega o UCA um do outro, coloca na página inicial como protetor de tela (B10).

Ah, zoofilia, não é? (B12).

Ai, zoofilia, que nojo!!! Vocês ficam procurando isso no meio da aula! Sério, zoofilia é muito nojento! (os meninos riem) Sério, se tu gosta disso faz isso em casa, longe das outras pessoas (B11).

Uma vez o fulano deixou o UCA na mesa, saiu, nós entramos no site, deixamos ali, quando ele chegou ... (risos) (B10).

Eu fui no banheiro e botaram depois, tipo, na troca de aula. Os guris botaram um site pornô no meu UCA com tela inteira e deram play no vídeo! E botaram em cima da mesa do professor! Aí eu entrei na sala, tá o

⁴¹ UCA – sigla que significa Programa Um Computador por Aluno - PROUCA, tem como objetivo ser um projeto Educacional utilizando tecnologia, inclusão digital e adensamento da cadeia produtiva comercial no Brasil. Participam do programa os Estados: Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Sergipe e Tocantins, Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Piauí, Santa Catarina, e as cidades Barra dos Coqueiros/SE, Caetés/PE, Tiradentes/MG, Terenos/MT, Santa Cecília do Pavão/PR e São João da Ponta/PA. Iniciou com projeto-piloto em 2007, e Porto Alegre foi uma das cinco escolas selecionadas. <http://www.uca.gov.br/institucional/escolasBeneficiadas2.jsp>

professor olhando o vídeo e eu olhei – “peraí!” (sic), esse UCA é meu!! Ah, que legal... eu falei, ô, valeu, turma! (B12).

Não é preciso chegar a uma situação-limite para contemporizarmos a respeito do aspecto humano e contraditório que todos os sujeitos possuem com relação a suas escolhas e decisões. Contudo, surge no cotidiano dos sujeitos em ordens infinitesimais as pequenas ações na relação com o outro.

é, eu falo mal também dos adolescentes. Porque ultimamente as pessoas na internet, sei lá, os caras não estão nem aí, como eu tinha dito. As pessoas não tão nem aí, sei lá, se vão falar alguma coisa pensam depois, elas falam o que elas acham, e às vezes acabam falando besteira, sei lá, não se importam muito, sabe? Não está se importando muito com o que vai acontecer, qual que é a consequência (C14).

é, como tem bastante é mais no MSN. Que tem no MSN a pessoa bota o nome de email, e do lado sempre bota alguma frase, alguma coisa. Eu já vi várias pessoas botam frase do que aconteceu no teu dia-a-dia. Por exemplo, eu já vi uma notícia, “bah, eu vi tal guria numa festa, tava fazendo tal e tal. Tem gente que coloca o que a pessoa faz, entendeu? Daí *todo mundo* que é teus amigos *vê!* Que nem, por exemplo, vou dar um exemplo também. Eu tô no MSN, tu é minha amiga, eu boto assim: ontem eu fui numa festa e bebi muito. Fiquei bêbada e fiz coisa que não devia. Daí eu vou botar lá e todo mundo vai ver. Daí, por exemplo, tem gente que já aumenta coisas, já vai botando... também tem pessoas que tu não conhece. Por exemplo, tu tem os teus amigos, e tu botou “bah, a (A1) foi numa festa, se embebedou, e fez coisa que não devia!”, né? O que será? Daí já inventa, a (A1) fez tal, tal e tal coisa (A1).

O adolescente (C14) demonstra autoconhecimento ao afirmar que também fala mal da mesma forma que as outras pessoas; o gesto percebido no outro também coexistem nele, em graus distintos, mas a possibilidade de se ver reproduzindo ações que ele acredita serem inadequadas ao navegar na internet. (C14) revela maturidade pela franqueza ao incluir-se como agente em uma realidade que aponta como errada, mas também se mostra impotente frente a ela.

(fala muito rápido) ah, a gente quer conversar alguma coisa, como os adolescentes gostam sempre de estar falando mal de alguém, né? Então eu disse ah, então, a gente pode falar mal da pessoa, e a pessoa não vai saber que a gente tá falando dela, porque são uns símbolos diferentes, ela não vai saber só nós vamos saber! Então daí a gente sempre escreve com os desenhinhos, e o pior é que toda a vez que a gente está conversando, a pessoa que perguntar vai ser sempre a pessoa que a gente vai falar mal (A1).

A adolescente (A1) gosta de se comunicar pelo MSN com seus amigos em uma linguagem cifrada, composta por símbolos criados que somente seu pequeno grupo conhece. Uma das ações de que mais gosta é conversar sobre outra pessoa que não pertence a esse grupo, de forma que essa pessoa não possa identificar

qual é o conteúdo da conversa. Para além da ação por si, (A1) muito provavelmente não tem prazer em falar mal de alguém tão somente. É possível que a adolescente projete na pessoa em questão os diversos isolamentos sociais a que ela, (A1), tem presente em sua vida. Esse é um suposto motivo dentre inúmeros que pode levar (A1) a falar mal de um conhecido por códigos em conversas virtuais, sabendo que é observada pela própria pessoa; independente de qual seja o motivo real por detrás da ação, antes de tudo (A1) age sem refletir sobre o mal que está fazendo a si própria, pois sua ação não promove seu bem e do seu grupo, tampouco da pessoa em questão. Nesta perspectiva, tem-se como “mal” a consequência de nossos atos, que podem ser errados, na verdade (A1) poderia utilizar as linguagens virtuais para promover seu desenvolvimento. Neste sentido, o que poderia ser classificado de uma má ação, se constitui em uma ação que “aprisiona em um comportamento quando poderia ampliar seus horizontes” (CHALITA, 2003, p.56).

Por outro lado, os adolescentes também estão preocupados com o que o dizem e fazem, porque ele se vê no outro; o outro é ele em determinado momento, e através da fala vemos essa preocupação por detrás das brincadeiras e das risadas, atitudes próprias do universo adolescente tentando dar um tom ameno quando se deparam com conversas tão densas.

A pessoa pode te interpretar mal o que tu tá escrevendo, o que tu quer dizer com um negócio com um tom quando tu falaria com esse tom, mas ela pode ler o que tu escreve ou com outro tom, e daí, sei lá, ter um entendimento diferente do que tu queria dizer. E vantagem é que tu pode falar com os teus amigos mesmo que eles não estejam por perto. Tu está viajando e tu pode conversar com os teus amigos pela internet (C13).

É preciso nos deter com atenção a essa postura tão característica do adolescente, muitas vezes indevidamente compreendida; neste estudo a vemos sob o ponto de vista da ontologia, na perspectiva de que “se mexemos em, como vejo, o mundo e o saber, o mundo muda, eu mudo, o sentido que se dá à vida é alterado” (PELIZZOLI, 2006, p.118). A ontologia, no sentido histórico, diz da própria formação sociohistórica do sujeito, e se falamos em valores buscando sua relação com a formação do ser como sujeito social, estamos falando da forma como ele “concebe o real, a matéria, o corpo humano”, e destes sujeitos dentro das relações sociais.

Com a inserção dos meios virtuais vem mudando os sentidos que os sujeitos vêm construindo para si e dentro das relações sociais. O adolescente percebe que a palavra lançada no mar virtual navega com sentidos dados por aquele que a lê “às

vezes pelo MSN tu fala algo irônico, pelo que a pessoa falou lendo não tem como ver a fisionomia da pessoa. Tu pode falar alguma coisa brincando e a pessoa levar a sério” (C15). Esses sentidos poderão ser diferentes daquele que o adolescente intencionou no início da conversa. Para Maturana (1998, p.72-73) essa postura revela uma preocupação ética, uma preocupação com as consequências de suas ações para com o outro, na sua visão tem a ver “com a aceitação do outro e pertence ao domínio do amor. Por isso a preocupação ética nunca ultrapassa o domínio social no qual ela surge” (MATURANA, 1998, p.73). Esse autor traz a ética de forma irreparável para junto da dimensão do amor, pois para ele se não consigo trazer o outro como “legítimo outro na convivência”, se não consigo percebê-lo emocionalmente, ele não existe para mim. “*Eu não olho coisas sádicas. Bah, o sofrimento demais de pessoas, qualquer coisa assim, pra mim não precisa ter*” (C15). O sofrimento do outro o atinge (C15), provocando intensa emoção, a dor alheia o afeta “*quando anuncia alguma coisa indefecta, eu procuro evitar, que é uma coisa que não vai fazer bem pra mim, não tem porque eu ficar olhando isso*” (C15). Mais do que simplesmente não querer ver uma realidade dura, considera-se que o adolescente se coloca no lugar do outro, sentindo a dor que está exposta ali na imagem como se fosse sua. Pensa-se que na verdade deveria ser este o sentimento de todo aquele que se depara com a violação de direitos do outro. O despertar de um sentimento que atinge o emocional e revela a importância de se preservar o outro como se fosse a si próprio.

A ética não tem fundamento racional, mas sim emocional. Daí que a argumentação racional não serve, e é exatamente por isto que é preciso criar sistemas legais que definam as relações entre sistemas humanos diferentes fundados na configuração de um pensar social capaz de abarcar todos os seres humanos (MATURANA, 1998, p. 73).

É possível que o adolescente não venha a ser interpretado exatamente naquilo que pretendia dizer, afinal o sentido das palavras adquirem vida própria na virtualidade! Alguns entrevistados demonstraram essa preocupação, mas em contrapartida, é exatamente a possibilidade de serem interpretados por um grupo restrito que mais os atrai no uso das linguagens que utilizam. Por isso eles as reelaboram constantemente.

Ah, o professor tem o diálogo dele, né. Todos os adolescentes, como eu disse, já deu pra ver, todos os adolescentes sempre inventam um jeito de falar diferente. Daí o professor não, já é todo... do jeito que é. Fala diferente de “nóis” (sic), então... *é mais certo* várias vezes o professor não entender o

que “nóis”(sic) fala. Como várias vezes que nem na minha turma, várias coisas que os adolescentes falam que os professores não entendem, daí os adolescentes tem que estar, a gente tem que estar dizendo para os professores o que que é. Mas nóis assim, de não compreender o que o professor tá falando, *é difícil*. Mais fácil ele não nos entender do que nós não entender ele (A1).

A adolescente (A1) refere na fala acima a dificuldade de todos os adultos em compreender a linguagem adolescente, que no caso dos trabalhadores da área educacional essa dificuldade atua como um complicador para a realização das práticas educativas. A entrevistada relata que por parte dos adolescentes não há dificuldades em compreender a fala dos professores. Ela demonstra em linguagem não verbal que há mesmo um contentamento por parte dos adolescentes em não serem compreendidos, em uma espécie de poder adquirido pelas linguagens adolescentes praticadas no cotidiano que estão cada vez mais próximas das linguagens virtuais. Contraditoriamente, (A1) demonstrava dificuldades em compreender o conteúdo das perguntas feitas a ela durante a entrevista, bem como de organizar um raciocínio reflexivo ou mesmo crítico de uma ação proposta.

ah, na minha opinião, não vou dizer que ... assim, não vou dizer muita coisa, por causa que eu nunca... Eu não... não tem nada, não me... *não me importa, entendeu?* Porque os adolescentes, a gente sempre está, a gente sabe o que os professores falam, a gente não... é que tem bastante professor que já..., que nem a gente tem professor nosso que sabe a ladainha de todos os jovens, né? Tem professor que sabe, tem professor que não sabe. Eu acho, que até, por exemplo, tem uns professor que não sabe, bastante alunos dizem “*ah, professor porque tu não aprende logo os nove duma vez a nossa ladainha pra tu poder falar com nóis do jeito que a gente fala*”. Isso seria legal. Tem uns que sabem, uns falam *bem legal com nóis*, do jeito que é, “ô tchê!”, como a gente fala “ai, tchê, ahai!”, sabe? Tem professor que sabe, tem professor que não sabe (A1).⁴²

É natural que os adolescentes se expressem com uma linguagem que os adultos não entendam, mas há aspectos que precisam ser analisados na fala de (A1). A linguagem de (A1) demonstra um truncamento na oralidade. Em sua urgência para comunicar-se, (A1) de alguma forma empreende uma velocidade semelhante as utilizada nas linguagens virtuais. Fica evidente em sua fala rápida e fragmentada que (A1) não conta com uma base sólida da linguagem formal. Aparentemente (A1) não se importa com as dificuldades que possui para se expressar, para ela nada mais lógico que seja o professor quem tenha de se adequar às linguagens adolescentes.

⁴² Buscou-se preservar a fala de A1 na forma como foi pronunciada, por tratar-se de uma oralidade que se destacou dos demais adolescentes entrevistados.

Para Outeiral (2003, p.116) a velocidade ‘das coisas’ é distinta entre as gerações, possibilitando para o adolescente uma experiência vital de extrema velocidade (...) contatos com todo o mundo através da internet. O autor refere um importante modelo que surge: a transposição da cadeia *impulso-pensamento-ação* para, na supressão do pensamento, configura-se como *impulso-ação*, fazendo com que os adolescentes tenham “*baixa tolerância à frustração, dificuldades de postergar a realização de desejos e busca de descarga imediata dos impulsos*” (Outeiral, 2003, p.116).

ah, o que me chama a atenção bastante é pessoas que gostam de arrumar briga e gravar pra botar na, botam na internet. Ah, briguei com o fulano, botam lá na internet, daí *todo mundo vê*. Ou como tem gente, tem gente que já é mais ...daí já bota outro tipo de coisa, né, é mais ..., mais pra frente, filmam fazendo tal coisa e coloca também. É coisa que também não é muito legal, né, para um jovem. Depois ficam bem mal falados. É o que a maioria dos jovens fazem, né, mais como o jovem de hoje em dia é bem diferente, como tu disse, dos anterior, né, então faz as coisas e não tá nem aí (A1).

As pessoas que tu não conhece na vida real, elas acabam falando o que quiser. Acabam não se importando bem ao escolher as palavras. Acabam falando um monte de bobagem que acaba ...como é que eu posso te dizer... que podem acabar uma amizade... Elas não se importam com a opinião dos outros. “Ah, eu não conheço ele mesmo, então... não tem problema nenhum pra mim, não vai afetar em nada” (C14).

O anonimato foi abordado pelos adolescentes dos dois grupos como algo que preocupa quando navegam na internet. Eles acreditam que existe uma desresponsabilização dos atos cometidos virtualmente, resultante da possibilidade para o ocultamento dos dados reais. Essa característica traz aos adolescentes da entrevista a sensação de insegurança e também de impunidade, pois eles acreditam que algo de ruim pode ser praticado.

eu não gosto que muita pessoa usa MSN para conhecer pessoas que tu não conhece. Daí dá sempre essas coisas, que é sempre alguma coisa acontece com as pessoas, se envolvem... Eu não, eu já uso a internet mais para pessoas que eu conheço. Então, leva só pra... pro bom! (sorri) (A1).

eu vejo que aquela pessoa que pode estar falando contigo aquela hora pode não ser quem tu acha que é. Ah, tu nunca sabe quem está do outro lado, tu nunca sabe quem está digitando do outro lado. Tu nunca sabe com quem está conversando! (B10).

uma das vantagens de a pessoa não ter responsabilidade é que a pessoa acaba, no anonimato que a internet oferece porque, por exemplo, ela não se importa de falar a verdade. Ela vai falar a verdade quando ela não vai temer ser julgada, mas também por isso ela pode acabar optando por, sei lá, sacanear a outra pessoa pra ...porque mesmo, não vai ter punição... (C14).

A adolescente (B11) vê nessa impunidade proporcionada pelo meio virtual a porta de entrada para a prática de outras linguagens virtuais em que o adolescente extravasa sua agressividade “*tinha o Formspring⁴³ de uma guria que ela saía falando mal das pessoas, contando fofocas e histórias. E daí imagina tu ter algo pessoal divulgado por alguém e essa pessoa dificilmente vai ser punida*” (B11). As linguagens virtuais potencializam o desejo do sujeito em encontrar significado, conhecer e experienciar o que seus sentimentos despertam, mas existe uma ausência de limites que lhe orientem sobre a consequência de suas ações.

O meio virtual ultrapassou conceitos de tempo e espaço; o adolescente hoje não está submetido ao tempo para construir uma relação social. Em alguns cliques, ele estabelece novas relações, mantém vínculo com pessoas distantes, reencontra aqueles que ele não via há algum tempo, conversa com uma ou mais pessoas a qualquer hora do dia, enfim, não necessita mais de tempo para maturar a si a partir da experiência que vive. Da mesma forma, a internet coloca ao seu alcance o conhecimento elaborado em qualquer época, basta que o adolescente o acesse.

São características de um presente no qual não existem parâmetros históricos anteriores, nunca antes uma geração de sujeitos em processo de desenvolvimento social tiveram em suas mãos tamanhos recursos de expressão e comunicação social. São recursos que trazem ao adolescente, indiscutivelmente, um poder que exige uma maturidade e equilíbrio emocional.

Para Chalita (2009), é necessário que as atividades produzam boas realizações, mas para que elas sejam concretizadas é preciso, na sua concepção, uma *excelência⁴⁴*, que, para ele, pode ser intelectual ou moral. A excelência intelectual concretiza as potencializações do espírito humano e capacidades intelectuais, que para o autor envolvem “*todos os campos da razão, da técnica e da sabedoria filosófica*”. As capacidades teleológicas desenvolvidas na transmissão e recepção de conhecimento através do ensino, e no tempo que aperfeiçoa as habilidades (2009, p.62). O conhecimento amplia os horizontes, liberta da ignorância, no sentido de desvelar aquilo que se tinha ignorado, desconhecido até aquele momento; conhecer algo é tornar-me livre para seguir o caminho que bem

⁴³Formspring: “*site de relacionamento que uma pessoa envia uma pergunta e tu responde*” (B12). Conforme a fala dos entrevistados, o Formspring é utilizado para a postagem de informações e impressões da vida pessoal de outros adolescentes, na maioria das vezes de forma invasiva e com uma conotação negativa.

⁴⁴ Conforme Chalita, excelência “é um modelo para toda atividade ética” (2003, p.62).

me aprovar. Mas, acima de tudo, dois aspectos são essenciais para se atingir essa excelência, um é a presença do outro na minha vida que traduzirá para mim o mundo, pois “*a falta de conhecimento gera a dependência, o medo, a insegurança*” (CHALITA, 2003, p.63). Outro aspecto que complementa é a união da *excelência intelectual* como que Chalita denomina como *excelência moral*, ou melhor, com o “*conhecimento emocional, aquele que vem do coração e dos sentimentos que visam o bem*”(2003, p. 63-5).

A excelência moral se relaciona mais com o coração, com as emoções, com os afetos. Ética não tem a ver somente com a razão, assim como o ser humano não é inteiramente mental, mas também emocional, e assim como o ser humano não é apenas espiritual, mas também corporal. Simultaneamente, pluralmente, integralmente. A ética deve refletir a própria unidade complexa que o ser humano é, deve corresponder à realidade humana, cheia de paixões e de regras, de renovações criativas e de condutas que se repetem, de desejos e de proibições. (...) A vida é cheia de acontecimentos imprevistos (...) que exigem de nós constante adaptação e novos comportamentos, nos mais variados níveis (...) situações imprevistas exigem de nós flexibilidade e capacidade de adaptação. Exigem ainda mais: equilíbrio. O ser humano precisa estar desarmado para desenvolver suas relações interpessoais (CHALITA, 2003, p.65-66).

O ponto de intersecção onde os sentidos humanos elaboram valores, quando estes se caracterizam como valores éticos, esse ponto de convergência é o amor. O amor faz com que o adolescente (C15) procure amenizar suas tristezas e das demais pessoas com vídeos engraçados e palavras alegres; também é amor, o da amizade. Da mesma forma (A1), nas conversas pelo MSN com os amigos do bairro em que morava, expressa com os emoticons o quanto ainda significam para ela. O mesmo sentimento faz com que (B11) e (B12) compartilhem fotos, poesias, no intuito de, com as palavras e as demais linguagens falar dos sentimentos que vem do coração, revelar e compartilhar seus sentidos e assim encontrar seus significados.

Para Chalita, o amor tem um profundo significado para a conduta humana em geral, segundo o qual tudo passará, mas o amor permanecerá para sempre. Em Maturana vimos que o homem constitui-se como um ser emocional, e que o amor torna as relações entre os seres e o próprio entendimento de si e do mundo, do sentido do “nós” no ato do conversar e da consensualidade que provém do amor. A ontologia do ser é eminentemente social porque precisa do outro para existir, a essência humana na circularidade do eu entrelaçado ao “nós”. O que move essas relações e tem construído a História humana é essa energia propulsora, que emerge tanto em seus revezes e nas suas ausências de amor, como nas ações que,

baseadas nesse sentimento, mostram toda a potencialidade e o sentido último do ser humano.

5.2.2 O sentido das linguagens virtuais para o adolescente

Com os adolescentes, partimos do levantamento de como eles vivenciavam essas linguagens no dia-a-dia, para após dialogarmos sobre os sentidos que eles davam às linguagens praticadas no meio virtual, por entender que se tornaria muito confuso impor aos adolescentes propósitos investigativos que pertenciam à lógica da pesquisadora. Seria mais profícuo deixar a eles subentendido a intenção da pesquisa, para que, no transcorrer da conversa, e ao longo de suas próprias falas eles capturassem por si mesmos a dimensão a que as linguagens poderiam levá-los.

Através da fala dos sujeitos nos reportamos à Agnes Heller, para lembrar que “a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*”, ou seja, daquele que dela participa com “todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (HELLER, 1989, p.17). Para tanto, é preciso que o sujeito venha a utilizar de todos os meios de que dispõe, elaborando a partir das suas possibilidades e capacidades. Seja da forma que for o sujeito irá encontrar mecanismos para se expressar, e esta será a sua linguagem. Nessa interação com o meio social ele vai compondo a si mesmo como sujeito.

É através das nossas escolhas e da maneira como nos expressamos, dos sentidos que empreendemos para as linguagens que utilizamos, somos seduzidos pelo poder do símbolo, persuadidos pelos múltiplos significados que a palavra encerra, dela utilizamos como ponto de partida rumo ao encontro de algo, ao encontro do outro.

Na catedral da linguagem tecemos a convivência. Este espetáculo da terra é tarefa do homo sapiens. Cada som de sua voz e cada escrita de sua mão chamam à convivência. A escrita ensina as nuances sonoras da voz humana, tanto quanto a imobilidade das estátuas, as nuances imperceptíveis dos gestos. No som e na letra, a linguagem nos convida à convivência (BUZZI, 1990, p.235-236).

Os adolescentes precisam desse contato com o outro e ele dar-se-á hoje peremptoriamente no meio virtual; este representa novas configurações para a construção da linguagem desse sujeito. Verificou-se ainda, que certa dificuldade na enunciação através das pausas e silêncios, o que denota não desconhecimento, e sim, a reflexão de um processo diariamente observado no cotidiano.

Para o pesquisador desde já se entra em contato com as múltiplas nuances da linguagem, ainda que o foco da pesquisa se concentre nas linguagens virtuais, ela se expande para as relações externas a esse meio, incidindo sobre os demais espaços sociais. Como tal, encontram-se presentes e inter-relacionadas no desenvolvimento do adolescente.

O pesquisador deve ter como objetivo a compreensão das relações intrínsecas entre as tarefas externas e a dinâmica do desenvolvimento, e deve considerar a formação de conceitos como uma função do crescimento social e cultural global do adolescente, que afeta não apenas o conteúdo, mas também o método de seu raciocínio. O novo e significativo uso da palavra, a sua utilização como *um meio para a formação de conceitos*, é a causa psicológica imediata da transformação radical por que passa o processo intelectual no limiar da adolescência (VYGOTSKY, 1993, p.50).

Por outro lado, para os adolescentes todos esses aspectos das formas de comunicação e expressão que estão presentes em suas vidas passam pelo meio virtual, afinal “faz parte da nossa vida, porque a gente é a geração internet!” (C15).

Como já foi dito anteriormente, não foi questionado diretamente ao adolescente conceituar a linguagem, mas sim possibilitar durante a entrevista, em primeiro lugar porque a intenção da pesquisa não é saber se ele é capaz de elaborar o conceito; em segundo lugar porque a intenção era em suas impressões sobre sua vivência das linguagens virtuais através do diálogo, quem sabe vir a refletir sobre os sentidos nelas depositados.

A formação de conceitos é o resultado de uma atividade complexa, em que todas as funções intelectuais básicas tomam parte. No entanto, o processo não pode ser reduzido à associação, à atenção, à formação de imagens, à inferência ou às tendências determinantes. Todas são indispensáveis, porém insuficientes sem o uso do signo, ou palavra, como o meio pelo qual conduzimos as nossas operações mentais, controlamos o seu curso e as canalizamos em direção à solução do problema que enfrentamos (VYGOTSKY, 1993, p.50).

É indispensável que em dado momento o adolescente seja convidado a pensar sobre a forma como elabora a linguagem, no sentido de que existem determinados aspectos das novas linguagens ainda a serem identificados, mas que

já se apresentam na vida dos sujeitos. Em dado momento um dos entrevistados do grupo C⁴⁵ discorre: *“às vezes que eu me embaralho, no meu pensamento... na hora de me comunicar”* (C15). Quando indagado se a internet tinha alguma influência ele diz: *“a internet não tem nada a ver com isso. Coisa minha mesmo”*, mas acena positivamente com a cabeça quando perguntamos se então o seu pensamento voa mais rápido que a escrita. Acredita-se, dessa forma, que a linguagem do adolescente contemporâneo receba a influência de múltiplos fatores ligados ao meio virtual ainda a serem devidamente estudados.

5.2.3 Linguagens não verbais

A delimitação para as linguagens virtuais foi desde o princípio da pesquisa uma preocupação em termos de exequibilidade do cronograma e por tratar-se de um tema amplo, sendo assim, era necessário manter esse foco. Entretanto, sabe-se que quando falamos de linguagens dificilmente conseguir-se-á “desamarrá-las” umas das outras, o que se comprovou na fala dos entrevistados. Ao serem indagados sobre as linguagens mais utilizadas, as linguagens não verbais vieram em primeiro lugar. Provavelmente porque invadem o corpo, assumindo configurações densas que incidem na realidade concreta. Olhares despercebidos precisam identificar o que pode ser denominado como linguagens, pois é preciso lembrar que historicamente o não verbal se encontra na essência ontológica do ser. Expressa muitos sentidos e clama por ser ouvida de uma maneira muito mais contundente, às vezes de forma mais ampla do que a linguagem falada ou escrita.

A linguagem não verbal é uma linguagem que contém em si uma força primeva, pois ela remete à nossa ancestralidade, quando não havia normas nem a

⁴⁵ A partir dessa etapa serão denominados os grupo adolescentes como: grupo B da escola pública federal; grupo C da escola privada., seguido do número correspondente a cada adolescente. B10, B11, C13, C14.

ordem estabelecida nas primeiras sociedades. O não verbal nos traz um retorno progressivo da trajetória humana primitiva, quando a expressão do que queria dizer em dado momento não se podia traduzir com palavras. Quando indagado sobre que outras linguagens além da escrita ele costuma usar, o adolescente pensa e diz *“bastante interessante isso, eu acho que tem coisa que não dá para exprimir em palavras, daí fica muito mais... fácil, (ri, todos riem) e impactante quando tu mostra uma imagem”* (C14).

Representa a essência primitiva do ser, anterior à sua sociabilidade, e que o acompanha ao longo de seu processo histórico. Acredita-se que toda a vez que o sujeito busca imprimir essa força naquilo que irá expressar, ele o faz através da linguagem não verbal.

Para os adolescentes a referência de linguagem não verbal mais citada foi o uso de símbolos no meio virtual, como um dos recursos mais utilizados para expressar suas emoções. O adolescente (B10) se questiona *“Os emoticons são símbolos? Ah, eu uso vários emoticons. Nas conversas normais, sem querer ele acaba saindo, porque já gravou ali, então fica um atalho. Então às vezes eu tenho que mudar um atalho. Ah, eu gosto bastante deles!”*(B10).

Um dos primeiros recursos visuais da internet, os emoticons são caracteres⁴⁶ utilizados durante as conversas virtuais com sentido de tornar as conversas através de mensagens instantâneas alegres e divertidas.

Eu uso bastante os símbolos, quando eu vou mandar um “oi”, nunca é o “oi” direto, ou é um desenho ou um coração escrito um oi dentro. Eu acho que é mais para chamar a atenção, sabe, nos desenhos. Por exemplo, tu está com saudade do teu amigo, dá dois bonequinhos se abraçando... daí tem sempre que estar digitando tudo, coloca lá “ah, tô com saudades!” então só tu bota o bonequinho se abraçando, a pessoa já sabe o que é! (A1)

Cada símbolo traz leveza e movimento a quaisquer sentimentos que se deseja compartilhar, sem que seja necessário descrevê-los em palavras.

Quando eu falo diretamente com uma pessoa eu uso emoticon, mas bem pouquinho. Eu uso quando, por exemplo, vou fazer uma frase, ela tem dois significados, e tu quer direcionar para um só, porque o problema da internet é, tipo, tu está sendo irônica, mas a pessoa não tem como saber que tu está sendo irônica, então tu bota o símbolo, então eu acho que os símbolos ajudam. Mas quando eu estou falando diretamente com uma pessoa eu uso mais palavras (B11).

⁴⁶ Caractere: 1. Qualquer dígito numérico, letra do alfabeto, código de controle ou letra especial, pertencente a um sistema específico de codificação; 2. Qualquer símbolo ou sinal convencional empregado por comunicação escrita;

A adolescente (B11) revela em sua fala uma preocupação que possuem dois ângulos: por um lado os jovens preferem alternar linguagens não verbais e preocupam-se em terem suas emoções compreendidas por aquele com quem está conversando, e que isso seja feito de uma forma leve *“ah, eu coloco os emoticons ... uma carinha feliz!”* (C13). Porém em alguns casos, existem situações em que as linguagens são codificadas, a fim de que seu significado seja partilhado com número reduzido de pessoas. Vê-se aqui o sentido do ser diferente como algo valorizado e positivo, e que às vezes se opta pela exposição, seja em meio virtual ou concreto, justamente em permanecer incognoscível como um valor.

a gente fez uma lista do abecedário, cada letra era um desenhinho. A letra “a” a gente fazia uma flor. Toda a vez que tu ia escrever “a” lá era uma florzinha... Tipo códigos, tu tá conversando ali, tu e teu grupo, daí o que significa os outros não sabem do que tu está falando(...). Já bastante pessoas já perguntou o que significava, até uma vez eu tava conversando com símbolos e uma amiga olhou aquilo e disse: bah, mas o que que é isso, um monte de desenho diferente? O que vocês estão conversando por símbolos? Bah, a gente quer saber. Só que a gente sempre enrola “não, não é nada! A gente fez esse símbolo pra ter o nosso jeito de conversar diferente deles (A1).

É como se dissessem: “São coisas novas de que falo. Vocês não me entendem se não perguntarem. Quero ter o direito de me expressar de uma forma diferente e só entenderão aqueles que eu quiser”. Contra todas as coisas que o adolescente ainda não compreende, ou que não lhe interessam saber, ele responde criando seus próprios códigos os quais não compartilhará o conhecimento de algo que só ele sabe. Sua linguagem possui um significado semelhante a um tesouro com valor criado por ele mesmo. Esses sentidos em seus enunciados invariavelmente são bem humorados, o adolescente busca responder ao mundo com graça quando não entende ou finge não entender, suas observações não verbais, tal como (C15) que em determinado momento profere *“máááh!!”*, dá risada e nem responde. Essa fina ironia deveria ser encarada não como descaso ou confronto, mas a capacidade que tem de exercer a crítica através de uma simples interjeição, expressando um jeito adolescente de encarar a complexidade da vida. *“Bah, uma imagem que eu vi, achei legal, uma música que me faz bem, vou passando...”* (C15). Se a realidade se apresenta a ele irreduzível e dura, ele responde da sua forma *“é mais coisa de comédia que eu mando. Imagens, coisas engraçadas”* (C15).

as vezes a gente tá na internet, e tu usa uma imagem, ou um símbolo, ele representa várias coisas que acontecem lá, e tem a ver com comédia. Tem um símbolo que tu coloca em algum momento é engraçado, sabe? Normalmente as pessoas não entendem o humor da internet ... (todos riem) A gente sempre tá colocando foto lá, imagem de um site, tem várias imagens engraçadas do que as pessoas vão fazendo, a gente coloca e fica rindo e tal. É bem melhor do que só a palavra (C14).

A comédia, o humor em si é uma das mais antigas formas de realização da crítica social. Na Idade Média o bobo da corte era o único personagem o qual era permitida liberdade para falar e expor as mazelas do poder instituído, sem que lhe cortassem a cabeça, porque o fazia com graça. O humor com um sentido crítico representa uma das mais elevadas formas de consciência social, porque denuncia através do inusitado os aspectos contraditórios da natureza humana. Percebeu-se que os jovens utilizam-se das linguagens com conteúdo de comédia como meio de formar uma consciência crítica e de resistência frente a realidade social. Visto em seu aspecto crítico pode-se pensar que utilizar linguagens com características engraçadas pode ser uma forma que o adolescente escolhe para não deixar ser levado pela dureza do mundo que o rodeia.

5.2.4 Ferramentas & linguagens virtuais

A figura imagética do elemento água se adequa para demonstrar o movimento histórico dos sujeitos. Konder⁴⁷, ao citar Heráclito de Éfeso (filósofo grego) nos lembra de que “tudo existe em constante mudança”. No fragmento nº91 deixado pelo filósofo, lê-se a famosa metáfora “*um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio*”, porque a cada momento tanto o homem como o rio terá mudado. Assim como o rio flui, o homem tem hoje, na visão poética do adolescente a “*internet é tipo um rio, se tu vai começar a entrar no Orkut, vão por vários jogos, vídeos, fotos, mensagens, links...*” (B10). O meio virtual flui na vida dos adolescentes,

⁴⁷ KONDER, Leandro. O que é dialética. 25ªed Ed. Brasiliense, 1981 (coleção Primeiros Passos).

tal qual a água no curso do rio. Da mesma forma como é algo natural para eles transitarem concomitantemente entre as diversas linguagens.

Não é mais possível pensarmos um mundo sem a fluidez dos meios virtuais. A vida dos sujeitos corre por vários caminhos, tal qual o movimento dialético que nos mostra que a realidade constitui-se num constante vir-a-ser, transformando-se a todo instante. Vê-se que as linguagens virtuais representam os inúmeros córregos por onde os sujeitos escoam sua comunicabilidade, interagindo paralelamente em múltiplas ferramentas virtuais.

Eu prefiro o Facebook, porque tem tipo um chat, dá para postar e marcar na foto meu amigo, e aparece como se fosse a foto dele também! Eu acho legal, porque tu compartilha fotos, eu acho engraçado (ri – todos riem). Dá para mandar mensagens tipo um email, é legal, porque se a pessoa não está usando o computador na hora, fica registrado, ela abre depois. E também porque mais gente tem ao redor do mundo tem o Facebook. Eu tenho uma amiga que foi morar nos Estados Unidos, ela não tinha Orkut, tava no Facebook, a gente se fala por ali. Eu acho tudo isso muito legal! (C13).

São muitos elementos aos quais o adolescente dispõe para sua formação; todos os mecanismos que contribuem para sua *socialização*. Ele passa a se comunicar sem a barreira geográfica, temporal, pois pode manter contato virtualmente com outras pessoas que estão distantes. A qualquer hora do dia ou da noite, o adolescente pode resgatar vínculos que a vida cotidiana afastou, ou mesmo abrir-se a novos relacionamentos e com isso a socialização ganha outra dimensão.

A adolescente (A1) que no início da entrevista dava respostas curtas, no ao discorrer sobre a internet sua fala se tornava muito rápida, como se quisesse expressar a satisfação que lhe causa se expressar na fluidez da internet com a mesma sensação que ela lhe atinge os sentidos “ah, eu uso bastante! *Gosto, adoro internet! (risos) Se pudesse, ficava o tempo todo no computador!!*”(A1). São muitos elementos que “acendem” uma vivacidade também na adolescente (C13), que demonstra sua animação e algo de surpresa consigo própria, pois ainda que nascida junto com o advento do meio virtual, ainda hoje essa realidade lhe causa certo espanto.

Eu uso bastante o Messenger para falar com as pessoas que estão *online*, o Facebook... sei lá, (ri). Tem um chat no Facebook, dá para falar com quem está por ali, eu uso o Twitter também, sei lá, a gente comenta alguma coisa ali, fica conversando por Twitter também. Sites com assunto do meu interesse, notícias, sei lá, um site legal.... Eu baixo musica também! (C13).

Digamos que há ali uma alegria que contagia. O sujeito está a acessar uma caixa de pandora, onde ali não se encontram tragédias nem maldições, mas que tudo isso vem com a marca da beleza do qual nos fala Alves (2005):

Eu disse *caixa de ferramentas e caixa de brinquedos*. Santo Agostinho disse *ordem da utilidade e ordem da fruição*. Freud disse princípio da realidade e princípio do prazer. Martin Buber disse o *mundo do isso* e o *mundo do tu*. É tudo a mesma coisa (ALVES, 2005, p.17).

O adolescente desenvolve o sentido da *liberdade*, liberdade para escolher seus caminhos, para decidir quais os caminhos e em quais ferramentas irá fluir e formar a si... Ainda que sozinho em seu quarto ele tenha a companhia do mundo e assim vê-se chegarem a ele os atributos de que Heller (1991) nos fala como necessários para a constituição da essência humana (BARROCO, 2001, p.23).

É importante para o adolescente não somente acessar as ferramentas que lhe despertam o interesse, mas o estar conectado, porque “tem que estar atualizado” (B10). Este é um adolescente de pouca fala. Um tanto introvertido, (B10) em determinados momentos da entrevista suas observações demonstram uma capacidade de síntese que nos pareceu fruto da sua vivência interconectando saberes no universo virtual.

Os adolescentes do grupo B encontram-se tão identificados com o meio virtual que referem de forma alegre suas vantagens e desvantagens:

A vantagem é que mesmo à distancia dá pra conversar. A desvantagem é que vai que não tem internet, aí não dá pra conversar... (risos)(B10)

(rindo) a desvantagem da internet é não ter internet!! (B11) (todos riem)

A vantagem da internet é essa, é encontrar musica que eu gosto mais facilmente, das pessoas também, que eu quero falar e muitas vezes não consigo, moram mais longe, ãh, eu posso falar, eu acho que as vantagens são essas (B12).

Além das ferramentas mais utilizadas pelos adolescentes, já referidas neste estudo, os adolescentes destacam os games “*óbvio, passar o tempo mais rápido, pra se divertir, para encontrar eles pela internet mesmo, a gente joga tudo junto*”(C15); blogs (C13; B12; B11; C15); todos os adolescentes referem o acesso a sites com assuntos do seu interesse.

Há certas diferenças que denotam o entrecruzamento de culturas, de informações. Essa possibilidade resulta em uma riqueza na aquisição do conhecimento, as culturas se misturando umas às outras. O que era antes mais visível pela homogeneidade, hoje se destaca mais pela heterogeneidade com que os

sujeitos se elevam em meio a tantas referências produzidas no contato com as ferramentas virtuais.

As teorias do “contato cultural” têm estudado quase sempre os contrastes entre os grupos apenas pelo que os diferencia. O problema reside no fato de que a maioria das situações de interculturalidade se configura, hoje, não só através das *diferenças* entre culturas desenvolvidas separadamente, mas também pelas maneiras *desiguais* com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os (CANCLINI, 2008, p.131).

Em uma sociedade multicultural, que frequenta o mesmo ambiente, democrático no sentido da virtualidade – posto ser a princípio aberto o acesso a todos sem restrição – pode-se dizer que a homogeneidade de caminhos e resultados na vida do adolescente também se dilui.

Quando a circulação cada vez mais livre e frequente de pessoas, capitais e mensagens nos relaciona cotidianamente com muitas culturas, nossa identidade já não pode ser definida pela associação exclusiva a uma comunidade nacional. O objeto de estudo não deve ser, então, apenas a diferença, mas também a hidridização (CANCLINI, 2008, p.131).

As muitas ferramentas disponíveis a todos não determina o acesso a todos, mas certamente abre portas para o acesso a ampliação do/pelo próprio sujeito ao entrelaçamento de mundos distintos. Realidades diferentes da sua, que, se o adolescente tivesse nascido em épocas anteriores, tomaria contato mais dificilmente. E essa possibilidade de contato com diferentes culturas através das ferramentas virtuais, ainda que seja um contato fugaz, promove o encontro de diferentes códigos e simbologias.

Nesta perspectiva, as nações se convertem em cenários multideterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. Só uma ciência social – para a qual se tornem visíveis a heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos num mesmo grupo e até em um só sujeito, (...) será capaz de dizer algo significativo sobre os processos identificadores nesta época de globalização. Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas (CANCLINI, 2008, p.131).

Cada ferramenta virtual apresenta características que em seu início eram direcionadas a um público específico, mas que depois se popularizou. Como foi visto anteriormente, o Facebook e o Twitter foram criados e dirigidos para estudantes de nível superior, tem como característica a prática da linguagem escrita. Entretanto, para os alunos da escola pública federal e da escola privada essa dificuldade não existe.

O Twitter, sei lá, é a página mais rápida para tu te comunicar com os teus amigos, mesmo que não tenham contato diretamente contigo. E tu sabe... é muito rápido..(B11);

No Twitter eu também uso muito, só pra seguir as pessoas que são famosas, sei lá, o Rafinha Bastos, entende? Pra ver o que eles falam (C14).

As ferramentas virtuais proporcionam o acesso a múltiplas áreas de interesse dos adolescentes, que usufruem como uma forma interativa de relacionamento, apreensão e compartilhamento de informações.

Eu utilizo o email mais para contatos formais com professores ou para falar com colega sobre um trabalho escolar (B11)

Eu vejo meus e-mails, porque eu sou inscrito em vários sites de empresas, eles mandam aquelas "Newsletter", notícias. Aí eu sempre tem várias coisas, coisas importantes(C15).

eu só tenho meu email para me cadastrar nos fóruns e outras coisas. Raramente eu me comunico por email. Só quando eu quero mandar algum trabalho, que a pessoa não está no MSN, ou eu quero levar o trabalho para o colégio pronto de casa, eu mando o trabalho por email para mim mesmo (C14).

Percebe-se que (C14) intenciona em sua ação virtual a projeção de um futuro profissional. Este adolescente utiliza o meio virtual para uma qualificação adquirindo conhecimento através de sites de negócios, estudos, notícias. Esse fato denota um amadurecimento e a existência de uma visualização naquilo que se quer atingir. A existência de metas na vida do adolescente significa que sua autoestima foi trabalhada para o crescimento pessoal e profissional. Intui-se que existe uma posição desse sujeito no sentido em que ele deseja e efetiva uma busca por evolução pessoal utilizando as linguagens virtuais. Mesmo as linguagens virtuais mais tradicionais, como o Orkut, quando utilizadas nessa perspectiva, assumem características distintas das praticadas pela maioria dos adolescentes.

O Orkut eu fico só nos fóruns do Orkut, porque no Facebook não tem. E nenhuma outra rede social. Tem várias perguntas pra tu interagir e tal, trocar informações, principalmente. Tem comunidades que todo mundo posta, tem 20 mil pessoas, só que alguns são ativos, todo mundo se conhece lá, ficam conversando, e eles falam sobre tudo, qualquer coisa! Tem o assunto principal da comunidade, mas todo mundo fala de outras coisas também (C14).

No caso específico do Orkut, rede social muito popular no Brasil, atualmente é visto como ultrapassado pela maioria dos sujeitos, adolescentes e adultos, mobilizados pelas novas redes sociais. Entretanto, para o adolescente (C14) o

recurso dos fóruns de comunidade é tido como uma oportunidade de ampliar conhecimentos e travar relações onde assuntos em comum unem pessoas com afinidades. Ele tem consciência de que essas ações são extremamente enriquecedoras para o sujeito, e não se deixa levar por modismos ou pela, digamos assim, “ditadura do novo”. Não por acaso esse foi o único adolescente, dentre todos, não ter abandonado o costume de enviar cartões pelo correio, ainda que ele venha crescendo em uma época em que essa prática já se encontra em desuso.

O MSN ou Messenger é a ferramenta mais conhecida e utilizada pelos adolescentes para conversas *online* (instantâneas), é uma das primeiras formas de comunicação virtual e a mais utilizada ainda hoje. Têm atrativos e eles explicam por quê:

“No MSN a vantagem é falar com várias pessoas ao mesmo tempo, cada uma em lugares diferentes, mas todas ao mesmo tempo. Normalmente, tu fala só com uma pessoa” (C15).

O MSN, bas-tan-te, é tu-do pra mim, na verdade! Eu posso me comunicar sem ter que se preocupar de que há pouco acaba os créditos, daqui a pouco... tem os bonequinhos, eu mando pras pessoas, eu gosto bastante. (A1).

O MSN é porque sempre que eu entro, eu acho os meus amigos lá. A maioria dos meus amigos estão lá (B12).

às vezes tem coisas assim que eu não falo na sala com eles, então eu falo pelo MSN, uma coisa de ultima hora, urgente, mando uma mensagem e eles me respondem. Porque na aula tem pouco tempo (C15).

Para o adolescente (C14), porém, é algo normal seu uso das mensagens, que ele refere administrar em espaço determinados e de acordo com a *necessidade*.

Eu uso celular normalmente só quando eu vou em festa, pra combinar com alguém, eu mando pra vários torpedos. Ou então para ligar para o meu pai (C14); “eu uso mais com a minha namorada, mas eu ligo pra todo mundo. Todos os minutos, toda a hora, até na aula.. direto” (C15).

“Costumo ligar bastante para os meus amigos, o tempo todo se comunicando com mensagens, eles lá, também mandando mensagens, o tempo todo ligando” (A1).

Existem justificativas que bem poderiam ser aplicadas em algumas situações, quando às praticadas pelos adultos, que dificilmente eles consideram, como um prejuízo ou interferência na atividade que estão participando em local fechado: “só quando, na aula, tocam pra mim, dizendo: “ah, tem que fazer tal coisa”,

para não atrapalhar eu digito uma mensagem aí, ou em alguma palestra, em alguma coisa que eu não possa falar. Só nesse momento” (C15); *eu uso o torpedo quando não posso falar por ligação. Durante aula, em palestras, etc.* (C14). Qual adulto não se identifica com essas falas, o que por si demonstra a necessidade de repensar atitudes que não pertencem somente aos adolescentes, mas a todo um corpo social? Os adolescentes trazem outras ferramentas virtuais desconhecidas pela maioria.

O Facebook tá abandonado, só uso para jogar o City Ville... (C14)

(risos), eu também! (C15);

Kboing é um programa que tu clica e já ouve a musica direto. Tu pode clicar na tradução, aparece lá em português, tu baixa em inglês, italiano, alemão ou francês também (B12)

“É, a tradução traduz!(B10)

No I-tunes. Eu deixo a minha lista de musica tocando, o dia inteiro (...) só dou pausa para ver um vídeo (C15).

Eu queria falar de outro site, o vertvonline.org. Tem series assim, tipo Lost, filmes de cinema, que já estão no site, e na rede de TV! (B12)

Os blogs eu acesso pra rir um pouco, né, coisas engraçadas, novidades... Eu vejo musica também, e filmes, seriados e vídeos no You Tube (C14).

Os adolescentes trazem muito a questão de utilizarem determinadas ferramentas para expressarem seus sentimentos. Do grupo B, dois adolescentes discorreram a respeito de um site que eles acessam, e com o qual se identificam, apresentando as características que os aproximaram dessa ferramenta.

O Tumblr é tipo uma mistura de blog com Twitter. Tu tens a tua página e tu põe as tuas fotos, as fotos que tu quer, mensagens, musica... Eu gosto do Tumblr porque eu acho meigo. É bem legal porque posto fotos, musicas, sabe?(B11).

Normalmente as pessoas põem seus sentimentos.... (B12)

Tu pode revogar as coisas que as pessoas postaram,tu adiciona e segue as pessoas, o que ela está postando aparece na tua página. Tu tens outra página com as tuas coisas como se fosse teu site. No Tumblr eu gosto de ver as frases que as pessoas põem, eu consigo botar coisas lá que eu gosto, tipo, sentimentos, certas coisas, por isso que eu uso mais (B11).

No Tumblr eu uso tipo foto, aí eu ponho uma foto, digamos, e uma mensagem embaixo, mas eu sempre uso fotos, *sempre*. É algo muito normal. Meu primeiro *post* no Tumblr não teve foto, todos os outros tiveram foto (B12).

Entretanto, nem todas as ferramentas e linguagens virtuais concorrem para constituírem-se como agregadores à formação e desenvolvimento do adolescente.

Da mesma forma, os adolescentes trazem de maneira espontânea, exemplos de ferramentas que eles consideram prejudiciais para sua formação.

Eu já joguei e digo, *não faz isso, não joga isso! Vai ser melhor pra ti!* Aquele Silent Hill, cidade do silêncio. O jogo ele mexe totalmente com o teu psicológico. O jogo não é feito para ser um jogo para descontrair, ele é um jogo criado no suspense. E tua filha tá perdida na cidade, no meio de um parque de diversão, vocês caíram e vocês se perderam na cidade., e lá não tem ninguém, até uma hora que tu começa a congelar e começa a ver uns bichos. Dai vai mexer tanto com o psicológico do personagem que tá no jogo, quanto da pessoa que tá jogando. Eu joguei aquilo e sinceramente... (B12).

O adolescente (B12) trouxe espontaneamente uma experiência com linguagens virtuais que considera extremamente significativa para ele, demonstrando existir alguns componentes nas linguagens virtuais que podem atingir os sentidos de forma negativa. Ele observa que essa é uma experiência que o sujeito deveria evitar, contrariando a noção de que os adolescentes não medem os riscos e não medem as consequências dos seus atos.

A ideia pré-concebida de que todo o adolescente acessa o meio virtual invariavelmente em espaços, nas palavras deles, “*para o lado ruim*”(A1), ou “*para o mal*” (B12), na realidade não se constitui como uma máxima universal. Pelo contrário, determinadas ações no meio virtual são vistas por eles próprios como nocivas para a sua formação. O adolescente (C15) é um adolescente que gosta de jogos de tiro, como ele refere. Ele não é o único, outros do grupo mencionaram o mesmo gosto, inclusive jogam em grupo nas salas virtuais. Mas além dos jogos de tiro, (C15) faz questão de mencionar outro jogo que ele pratica na rede social Facebook: o CityVille. Como ele diz “*é um jogo de cumplicidade*”. Ele gosta porque ali naquele campo ele cria uma cidade virtual, idealizada por ele, e isso, na sua perspectiva, aprimora certas habilidades “*é que eu posso organizar a cidade no jogo do meu jeito, é uma coisa minha, ninguém pode manusear, “ah, tá feio, tá errado”.. não é bem assim*”. O jogo City Ville desperta em (C15) características pessoais das quais ele tem prazer em exercitar através desse jogo “*Ah, eu gosto... perder um tempo, organizando!!*” (C15). Porém a menção ao gosto dos jogos de tiro despertou no grupo uma sensação de incômodo frente à pesquisadora.

A gente não fica só atirando... a gente tem microfone, a gente fica se matando e falando besteira também (todos riem e observam atentamente a pesquisadora) Tem salas que cabem 20, 40 pessoas (C15).

Hum... eu gosto de jogos de tiro (outro adolescente ri), de RPG, que eu não sei explicar... Ah, e sei lá, gosto também de estratégia. De jogos estratégicos, mais isso (C14).

A temática cultural dos games e seu estereótipo social estavam presentes na entrevista e o grupo reclamava indiretamente por um diálogo.

Nesse contexto, o vocábulo “cultural” não é empregado com sentido tradicional, mas dentro de uma nova visão tecnológica, no sentido de que os games constituem um espaço onde novas identidades são construídas, respeitando as pluralidades e as singularidades. Tais características vão estabelecer e justificar uma nova expressão curricular que não está relacionada apenas com conhecimentos do currículo escolar, mas com um currículo dentro dessa cultura da tecnologia da comunicação e informação e neste caso específico, com o contexto dos games (MOITA, 2007, p.103).

O adolescente (B12) apresenta outro exemplo de programa que ele considera impróprio para acessar, ele menciona essa experiência como algo que os adolescentes deveriam evitar, pois, em sua concepção, praticados por sujeitos que não tem um equilíbrio emocional seria extremamente prejudicial.

No GTA tu tem a tua vida, se tu quiser matar alguém, a soco, a arma, tu pode fazer. Se tu quiser não fazer nada no jogo também não faz, mas tem gente que acaba fazendo isso na vida real! Tem gente que acaba criando um GTA na vida real! Acaba criando um *reallity*, eu acho isso “muito fora”. Não é o que a internet proporciona, a internet só aumentou, mas isso já vem do ser humano. É algo do ser humano ser.... Por exemplo, é algo bom, eu vejo como algo bom, essas festas de anime, porque eles se vestem como os personagens, só que eles não saem por aí fazendo as mesmas coisas na vida real. Por exemplo, eu vou te dar um soco, e eu vou te dar de tal modo. Eles param ali, acabou, é só naquele evento. Mas tem pessoas que não, elas não fazem nada, elas não se prestam para nada, elas só querem imitar aquilo, e acabam se matando ou matando alguém por aquilo. Então tipo assim, é algo muito fora... da casinha (B12).

As linguagens virtuais são, portanto, como um rio feito de muitos córregos, apresenta inúmeras paisagens e cada uma compõe-se de um sentido diferente, trazendo diferentes contribuições para a formação do adolescente. Acredita-se que antes da proibição pura e simples, urge iniciarmos a aproximação com o meio virtual para uma inicial compreensão do que esse universo é composto, pois, ainda hoje, grande parte do público adulto encontra-se alheio a essa realidade. Sem esse contato de aproximação dos sentidos das linguagens virtuais existentes não há como discernir com bom senso acerca de todos os aspectos que compõem essa realidade.

5.2.5 Linguagem Escrita

Para Condemarín&Chadwick (1987) “*escrever implica compreender que os traços realizados são signos que tem um valor simbólico*”, e ainda que entre signo e símbolo haja diferenças. O signo é quando uma representação tem ligação direta com um fato; se a relação é indireta e aceita por um grupo, estamos falando de um símbolo (1987, p.24). Historicamente a comunicação iniciou com signos, os sujeitos representavam de forma direta as coisas; posteriormente estabeleceram-se convenções e surgiram os grafismos que não tinham mais relação direta com as coisas. A linguagem escrita constitui-se “um grafismo privilegiado, carregado de sentido”, para compreendê-la é preciso que o sujeito atinja “um grau de desenvolvimento da função simbólica”, pois ela “envolve um sentido e transmite uma mensagem” (CONDEMARÍN; CHADWICK, 1987, p.24).

No retorno de um hábito praticado em épocas anteriores ao uso da internet, dos adolescentes contemporâneos, para a adolescente (A1), o bilhetinho é algo normal no dia-a-dia, muitas vezes com a linguagem praticada no meio virtual.

até em bilhetinho, quando de vez em quando na sala de aula, tu manda bilhetinho, bota só as iniciais coisa muito diferente, tem gente que não entende o que que é, daí fica: “mas o que que é isso aqui? O que que é isso?” daí tu tem que, tu bota toda a palavra. Já bastante vezes me aconteceu isso, da pessoa não entender o que que eu escrevo (A1).

Pode-se observar que somada à escrita reduzida, existe um prejuízo na caligrafia do adolescente, em razão provavelmente do aumento em que ele permanece cada vez mais se comunicando pela digitação. Ao longo da história os sujeitos sempre desenvolveram forte identificação com a linguagem escrita, seja da maneira que for. Ainda que os recursos virtuais tragam novas formas de expressão, antigas formas como os bilhetinhos e o ato de escrever de próprio punho ainda resistem. Para a adolescente (C13), a escrita vem em primeiro lugar “*ah, eu mais escrevo, não mando muita foto... Vídeos só se eu achar legal, não pra expressar o que eu quero dizer com um vídeo. Eu mais escrevo*” (C13); “*... palavras! É eu uso mais palavras assim, nas frases*” (B10). Em nosso tempo presente, percebe-se que os adolescentes mantêm essa forma de comunicação em seu cotidiano. Ainda que o

meio virtual disponha de recursos em sua maioria audiovisuais, a representação simbólica da letra, da palavra ainda que fragmentada, é através da escrita que o adolescente elabora variações com as demais linguagens. O sentido da linguagem escrita está intimamente ligado ao sentido do próprio sujeito, em dado momento ele se apresenta de forma simbólica naquilo que escreve. Neste aspecto, os meios virtuais dispõem de inúmeros recursos que agregam à escrita, multiplicando os sentidos, quando o adolescente se comunica utilizando palavras ele adiciona um símbolo (emoticons), uma música ou outro recurso virtual, a burilar com todos os sentidos.

Mas, de repente, os saberes começam a pulular fora dos limites oficiais do saber definidos pela escola tradicional. Circulam livres no ar, sem depender de turmas, salas, aulas, programas, professores, livros-texto, dotados do poder divino de onipresença: o “aprendiz” aperta um botão e viaja instantaneamente pelo espaço. O “aprendiz” se descobre diante de um mundo imenso onde não há caminhos pré-determinados por autoridades exteriores. É o seu desejo que dá as ordens (ALVES, 2005, p.121).

O convívio precoce com as linguagens virtuais demanda a necessidade de que o adolescente desenvolva habilidades tais que ele possa transitar pelos dois mundos: linguagem virtual e a linguagem formal.

A escrita constitui um processo altamente complexo, uma das formas mais elevadas da linguagem e, por fim, a última a ser aprendida. É uma forma de linguagem expressiva, um sistema de símbolos visuais que envolvem pensamentos, sentimentos e ideias (CONDEMARÍN; CHADWICK, 1987, p.25).

O sujeito que não tiver vivenciado adequadamente o exercício da linguagem formal estará mais suscetível frente às formas de expressão virtuais, o que certamente comprometerá sua escrita.

A presença das linguagens virtuais trouxeram novas especificidades na vida do adolescente, demandando uma compreensão do quanto elas incidem na formação da sua linguagem escrita. A rapidez, a agilidade e a multiplicidade no acesso de informações fazem com que os sujeitos busquem desenvolver velocidade na digitação e essa ação acaba concorrendo para uma redução e abreviação das palavras.

Para os adolescentes da escola privada a forma como escrevem *“normalmente é a mesma, porque a gente escreve praticamente como a gente fala...”*(C13); *“a maioria das coisas que eu escrevo, é em norma culta, digamos. Quer dizer, eu uso gíria, mas sempre procuro escrever certinho para na redação não*

escrever errado” (C15); a gente usa gírias que a gente usa na vida real e colocou na internet. Só isso (C14).

A fala dos sujeitos trouxe dados significativos, os adolescentes referem que são rápidos ao digitar sua mensagem e o fazem quase sempre em linguagem “normal” (assim denominadas por eles). Ao mesmo tempo a pressa os fazem titubear na busca de palavras para se expressarem por escrito sem as gírias ou as abreviações que utilizam no meio virtual.

Na maioria das vezes eu uso a mesma linguagem, eu escrevo da mesma forma que eu escrevo em aula, menos quando estou com pressa eu abrevio sem querer (B10);

Eu escrevo da mesma maneira, não com palavras tão rebuscadas. As vezes quando eu estou escrevendo com muita pressa eu abrevio. Na internet eu escrevo normal, só quando estou escrevendo com muita pressa eu abrevio (B11).

O grupo C, quando abordado sobre a questão da abreviação, relata: *“depende da palavra. Eu escrevo tanto que eu tento escrever certo normalmente. Só acento que eu não coloco nunca... (ri)” (C13); “mas ninguém põe acento, eu não coloco! (C15); “se tem acento eu ponho (risadas)” (C14).*

Percebe-se pela fala que os adolescentes realizam o transcurso entre as linguagens virtual e formal *“tem algumas palavras que ficam até estranho sem acento. Tipo “só”, eu coloco (C13); “eu ponho ‘h’, tá ligado?” (C15); “nossa!!” (C14); “para abreviar, só se a palavra tiver uma abrevia... abreviatu.... Ah... (risadas) abreviação fácil” (C13).* O reconhecimento da adolescente (C13) da necessidade de escrever “só” com o acento, ao invés do “soh” praticado na internet revela um desconforto em escrever errado, próprio de quem assimilou o processo da escrita formal e decidiu, por conta própria, estabelecer limites para exercer a linguagem virtual.

Para a grande maioria dos adolescentes, porém, trata-se de escrever de modo a facilitar a comunicação, agilizando o tempo através da redução das letras. *“Na internet eu abrevio muito, você é “vc”, também é “tbm”, muito é “mto”, que é “q” só. Quando eu escrevo no papel eu não faço isso”(B12); “para escrever o “que”, eu escrevo sem o “ue”. Sem as letras assim, fica mais fácil” (C15); “Quando eu escrevo normal eu raramente abrevio, e não uso palavras tão rebuscadas. Na internet eu também escrevo normal, só quando eu estou escrevendo com muita pressa, eu abrevio” (B11).*

Os adolescentes reconhecem que às vezes existe a possibilidade de se confundirem *“mas eu me atrapalho também, se eu estou escrevendo muito rápido no papel pode olhar que vai ter o “tbm”, ou “mto” lá.”* (B12); *“às vezes se abrevia algumas palavras, ‘eu vou lá’, ‘tb’, acento eu nunca boto. Só que por exemplo, “eu vou lá”, aí eu boto tudo, se a gente abreviar o máximo possível às vezes nem dá pra entender* (C14). Todavia, as dificuldades aumentam consideravelmente para o adolescente que não possui uma base educativa na interlocução com as linguagens.

até já fui bastante chamada a atenção por causa de vez em quando eu tô ... até agora eu fui fazer uma redação, tava fazendo também, eu ... de vez em quando eu... *eu mudo*, entendeu? Penso que tô no msn e coloco, por exemplo, você eu boto “vc”, num texto, e, “como é que tá contigo” eu só boto as iniciais, não boto a palavra toda. Já fui bastante chamada a atenção por causa disso já, por eu estar utilizando... Daí até eu ando me cuidando agora (ri). No MSN eu boto de um jeito, e quando eu vou fazer uma atividade em aula estou me cuidando para não fazer o mesmo (A1).

A adolescente (A1) expressa as dificuldades de todos os jovens que não possuem uma formação sólida da linguagem formal. A ênfase no incentivo para a leitura de textos, o desenvolvimento da capacidade de interpretação; para que o adolescente possa efetivamente argumentar tanto em sua escrita como na fala suas opiniões e sentimentos, são exigências para a prática da linguagem formal e a formação de um sujeito preparado para se expressar em todos os espaços sociais, virtuais ou não. Dito de outra forma, através de (A1) vemos a importância que o ensino de qualidade como suporte tem para a formação do sujeito em desenvolvimento, sem o qual ele ficará preso cada vez mais à forma virtual de escrever.

Dado o caráter complexo da escrita, é necessário que o sujeito tenha sido desenvolvido anteriormente atividades de motricidade, verbalização e representação simbólica de coisas e objetos (CONDEMARÍN; CHADWICK, 1987, p.27). Através dessas atividades ele elabora as capacidades manuais e de visualização do mundo concreto, preparando sua iniciação no mundo simbólico da escrita. Os adolescentes do grupo B demonstraram espontaneamente sua preocupação com a escrita, a partir do diálogo sobre as mudanças devido ao tempo dispendido na comunicação virtual. O adolescente (B10) fez questão de mostrar as alterações que efetuou em algumas letras que considerava inadequadas *“eu já troquei umas quatro vezes de letra, eu escrevia emendado, agora eu faço assim solto. Fica mais bonito. Olha só, (pega a caneta e mostra) antes eu fazia o “L” assim, agora em faço assim. Meus números 8*

e 9 eu mudei várias vezes” (B10). Todos concordaram que a comunicação através dos recursos virtuais acabou afastando-os da prática da linguagem escrita, e esse fato colaborou para uma piora na sua forma gráfica. *“A minha letra emendada é ruim, mas eu já mudei também. Às vezes quando eu fico muito tempo sem escrever, eu esqueço de como se escreve a palavra! Às vezes eu esqueço até como se escreve a letra”*(B12).

Eu esqueci uma vez como se escrevia o número 5! Tem palavras que você esquece como se escreve, e quando escreve acha estranho. Você fala e fica pensando, e escreve certo, está certo, mas você acha estranho... Tem palavras que soa estranho, a própria palavra “estranho”, “estranhamento”, você fica falando e soa estranho (B11).

O uso prolongado dos meios virtuais, na figura da escrita digitada, tem provocado outros resultados além da piora na escrita. O grupo B pertence a uma escola pública federal, que tem um processo educativo diferenciado, oferece atividades importantes, como por exemplo, incentivo à pesquisa; a realização de pelo menos uma redação por semana; e a participação do programa federal de inclusão digital. Todas as atividades os tornaram sujeitos questionadores, críticos, o que transparece na fala do grupo B. O estranhamento da adolescente (B11) revela uma fala, um pensar sobre a realidade vivida com possibilidades de enfrentá-la e modificá-la. Encontrou-se nos alunos do grupo C igualmente mais questionamentos acerca das linguagens virtuais.

Com a internet tu consegue escrever muito rápido o que tu tá pensando, tu chega aqui, na escola, na hora de escrever, também pode usar muita gíria, para se expressar. Tu chega na hora de escrever, tu sabe uma gíria perfeita para expressar o que tu tá pensando, mas não pode usar porque daí é uma linguagem que não é aceita (C13).

eu acho que não tem nenhuma dificuldade quando a gente escreve na internet, informalmente, e certo no colégio. Não prejudica nada, sabe? Tipo, eu não vou escrever só “q” numa redação. Eu acho que não me influencia nem um pouco, acho que só uma vez na minha vida, quando eu estava na 5ª série (C14).

Falta vocabulário, daí tu tem que ficar pensando nas palavras que tu vai usar. Só que de vez em quando eu quero falar alguma coisa, daí eu começo a falar e eu paro para pensar na palavra ideal pra usar, sabe? (C13).

Às vezes eu vou escrever, eu escrevo muito rápido ou eu tenho que falar muita coisa assim, eu até digito, eu tenho a minha velocidade de digitar. Acabo digitando muito rápido assim, só que normalmente eu não me atrapalho, só se eu errar uma tecla. Ou raramente eu não escrevo uma palavra, eu vou ler ali o que eu escrevi, vou ler e vejo que faltou uma palavra. Mas raramente (C15).

Ainda que os adolescentes refiram não ter sua escrita comprometida com o exercício das linguagens virtuais, através dos relatos, percebemos que sim, há um comprometimento, que, acredita-se ser amenizado pela qualidade do ensino recebido desde as séries iniciais.

Compreender as linguagens virtuais demanda uma aproximação investigativa a fim de relacionar os sentidos de um adolescente que é rápido ao digitar sua mensagem e ao mesmo tempo titubeia no momento em que busca palavras para expressar-se oralmente sem a possibilidade das gírias virtuais a que está acostumado. Considera-se que a linguagem escrita está sendo comprometida pela prática das linguagens virtuais. Contudo, esse fato vem se apresentando em diferentes níveis de comprometimento nos alunos entrevistados, tendo como diferencial a qualidade do ensino que possuem como forma de amenizar as alterações que a linguagem virtual provoca na escrita formal do adolescente.

5.3 Mídia e consumo virtual na vida adolescente

Os adolescentes do grupo C demonstraram grande interesse pela questão monetária quando se trata de pagar pelo recurso virtual que utilizam.

se eu não encontrar um fixo eu uso celular, entendeu? Eu prefiro usar o fixo, porque aí não gasta (ri). É porque eu tenho que pagar os meus créditos, (ri, e os outros tb) é o risco” (C13)

“é, eu prefiro. Se tem a opção de ligar para o fixo, eu ligo, daí se não tem, eu, ou não tá acessível no fixo, eu ligo de celular para celular”(C14).

Até quando o adolescente vai estabelecer contato com outro, ele pensa na questão monetária “as vantagens é que tu continua com contato, fora da aula ou de outro lugar assim, não precisa gastar dinheiro, né. Não precisa gastar celular, e tal. É mais fácil e rápido” (C15).

(Quando indagado do porque desta preocupação, ele dispara) monetária (C14).

O consumo virtual é visto com desconfiança pelos adolescentes, que normalmente desviam dos anúncios, muitas vezes desacreditados por eles. Parte dos adolescentes do grupo B e a maioria do grupo C referem fazer compras virtuais, porém, há uma atitude reservada e de cautela sobre o que é anunciado na internet.

Têm aquelas propagandas do site, aquelas propagandas lá do lado. Normalmente é vírus ou é algo que vai fazer o computador ficar ruim, de qualquer maneira eu não entraria. Se eu entro naquele site eu não vou me distanciar daquilo não, ficar olhando, compre por isso, aquilo, você é o milésimo visitante e ganhou um premio... descarto geral. Tem até uns gráficos assim na internet, né, que mostra chance de ser nonagésimo nono visitante, um gráfico com 99% de chances reais e 1%. Sério, eu já fui o milésimo visitante umas mil vezes! A gente fez um teste, entramos no mesmo site, e todos eram o milésimo... (B12).

Do consumo na internet alguns dizem “*eu não gosto muito de procurar é compre agora, desconto de,... ah, é isso*” (C10); “*ah, qualquer coisa, tem de tudo pra vender na internet!*”(C15). Talvez a massificação das relações de consumo esteja tão entranhada no meio virtual, que os adolescentes vejam os apelos do mercado e decidam ignorar. “*o que mais eu vejo é para vender coisas... vendas, assim. Pra conseguir dinheiro de adolescentes, porque às vezes capaz de não ter uma noção do que é, e sair comprando, né?* (C15); “*eu vejo propaganda de roupas, celular, i-pad, e uns equipamentos, mp3, sempre esse tipo de...roupas e calçado*” (C14).

Anúncios que buscam convencer o sujeito a consumir não são bem-vindos pelos adolescentes, que estão mais interessados em navegar pelos sites do seu interesse.

Perca 20 cm em 7 dias... Ah, eu odeio protetor de link, tu vai fazer o download, tem que pôr o número do teu celular. Ah, eu só quero fazer o download, pára! Daí eu sempre fico tentando, lá pegar os negócios do link e voltar pra ver se já não passa para próxima parte, só que daí é muito difícil, odeio aquilo (B11).

Porém, a mídia, pela massificação que exerce sobre o sujeito, concorre para estimular um posicionamento contrário.

Mas o que eles não veem é que a gente está fazendo contato, você pode ver televisão, ouvir musica fazer trilhões de coisas assim... mas eles sempre mostram aquela coisa voltada para o mal, assim. Parece que qualquer pessoa que tu conhece na internet é um pedófilo, entende, e qualquer pessoa que tu vai conhecer na internet vai tentar te matar. (ri) é sempre assim (B11).

A adolescente (A1) presta atenção ao que é divulgado na mídia que envolve adolescentes na internet e se preocupa:

Um monte de coisa pode acontecer. Que nem a gente vê o tempo todo na TV, que pessoas que se comunicam com pessoas que não conhecem, daí se envolvem, marcam encontro, não sabe nem quantos anos a pessoa tem, porque por MSN uma pessoa pode mentir bastante, né? Por foto, porque tu não sabe, bota qualquer outra foto, a pessoa não sabe quem é, e como eu te disse, eu .. eu pelo menos não uso, só uso meu MSN para pessoas que eu conheço. Para outras coisas, por exemplo, assim, pessoas que eu não conheço, não... já na hora que manda ali o convite, né, pra adicionar, se é um nome que eu não conheço, eu já não adiciono (A1).

O adolescente (B10) amplia o olhar para as notícias na mídia, está atento à divulgação de acontecimentos que envolvam a figura estereotipada do adolescente, e reflete *“tu vê a pagina lá do governo sendo hackeada quase todos os dias. Já prenderam alguns hackers. Nenhum deles tinha uma característica popular dos nerds, óculos, nada. Não eram adolescentes”* (B10).

Os jovens atuais são a primeira geração que cresceu com a televisão em cores e o vídeo, o controle remoto e o *zapping* – e uma minoria – com o computador pessoal e a internet. (...) Agora se trata de entender como a espetacularização permanente à distancia nos modifica, ou, dito de outro modo: esta estranha combinação de midiatização e interconectividade. A midiatização afasta, esfria, e, ao mesmo tempo, a interconectividade proporciona sensações de proximidade e simultaneidade (CANCLINI, 2009, p.216).

O estereótipo do adolescente que carrega características sociais negativas ainda é o que mais incomoda todos os adolescentes participantes da pesquisa. O que ficou claro durante as entrevistas é que a sociedade, através da mídia mostra uma face do adolescente com uma intenção que *“normalmente não é boa... é voltada para o mal, sempre...”* (B11). Para a adolescente esse não é um pensamento só dos adolescentes, mas que *“circula entre a maioria das pessoas, não importa a idade”*(B11). As notícias envolvendo adolescentes, invariavelmente, retratam sujeitos que não possuem limites nem responsabilidade sobre seus atos, como se houvesse nele uma predisposição ao erro.

Talvez um dos achados da pesquisa mais relevantes é que sejam quais forem os sentidos atribuídos às linguagens praticadas na virtualidade e os significados que elas irão adquirir na vida dos adolescentes, estes como sujeitos que estão se desenvolvendo como seres sociais não querem ser estigmatizados nem segregados por isso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linguagens virtuais são hoje a forma com que grande parte da sociedade vem se expressando e estabelecendo relações sociais, porém, elas adquirem configurações totalmente novas para os sujeitos em desenvolvimento. A profusão das redes sociais e a infinidade de recursos presentes nos meios virtuais faz com que os sujeitos imprimam uma velocidade, cada vez maior, a fim de realizar uma navegação multidirecionada. A escrita se torna reduzida levando à fragmentação da linguagem. Acredita-se que os meios virtuais originaram uma nova linguagem escrita, em graus variados talvez ela possa comprometer a comunicação e expressão dos adolescentes nos espaços sociais em que ele terá que se expressar em linguagem formal.

O adolescente é um ser que carrega o poder da transmutação, tudo nele flui pela linguagem e como tal, ser adolescente é estar em mar revolto na busca de sentidos. A sociabilidade é uma condição natural para este ser, o estar com o outro, dele necessitar para o diálogo e a troca de experiências e afetos é condição natural da evolução humana.

Os adolescentes relatam não serem compreendidos muitas vezes em sua necessidade diária pelo contato virtual, e na linguagem que utiliza cotidianamente, já comprometida em diferentes graus pelas linguagens virtuais. Porém, o principal alvo que eles relacionam é o estereótipo da figura adolescente que circula socialmente. Para eles representa uma estigmatização que acaba influenciando negativamente a forma como são vistos e como o mundo adulto se dirige a eles.

A realidade dos adolescentes hoje se compõe de fatores intimamente relacionados às linguagens virtuais praticadas no meio virtual; o desejo de compartilhar músicas, vídeos do You Tube, sites, links, redes sociais as impressões nascidas no cotidiano nada mais é do que o exercício do relacionar-se com o outro movimentando o encontro com o sentido de si, do outro e do mundo. As relações sociais passam impreterivelmente pelas relações virtuais na realidade do

adolescente. O “ser alguém” para o adolescente é estar “ligado”, “conectado” ao mundo pelas tecnologias virtuais. Pode-se dizer sem reservas que o meio virtual é uma das principais ferramentas que colaboram para a formação social dos adolescentes, como tal, precisa ser avaliada em toda sua extensão para que seja de uma forma positiva.

Entretanto, a tecnologia ainda hoje representa um campo neutro, onde os valores que construíram a humanidade dos seres, ali não possuem uma forma clara de serem visualizados. Aparentemente tudo é permitido na internet... E, realmente, o é!

Os adolescentes entrevistados falam que ali é possível ver o mundo e vivenciá-lo de muitas maneiras na internet: ir em busca do conhecimento; ter uma postura aberta para o novo, correr riscos e saber que o erro leva à compreensão; refletir sobre o que se vê; potencializar os relacionamentos; praticar exaustivamente o ato de conversar; conhecer e se dar a conhecer; emocionar a si e aos outros, enfim, muitas são as ações que promovem e valorizam os adolescentes, relacionadas na fala dos entrevistados.

Por outro lado, eles apontam que é preciso cuidado por parte da sociedade, pois nesse campo neutro coexiste a possibilidade do adolescente empreender ações que invistam contra alguém ou contra ele próprio. Eles observam que nessas situações há uma ausência de valores que deveriam ter sido construídos fora do campo virtual. Para eles, a falta de valores éticos, de respeito ao próximo e a perda de limites parte da sociedade, da família e das demais organizações sociais. Com isso, os adolescentes colocam que cada mecanismo que compõe a sociedade precisa cumprir seu papel. Para eles o que se faz na internet é simplesmente um reflexo do que se construiu (ou não) nas relações sociais. De outra forma, também ficou expresso na pesquisa que a não construção desses valores concorre para o alheamento do adolescente, que não compreende e nem ao menos se importa em refletir para transformar a realidade social a que está sujeito.

As habilidades e capacidades despertadas pelas linguagens virtuais trouxeram aos sujeitos uma nova forma de organização do conhecimento e de elaboração da escrita. São conceitos a serem observados cuidadosamente em razão da influência que a linguagem constitui para a formação do ser e, conseqüentemente, na compreensão dos valores éticos e sua aplicabilidade na sociedade.

A convivência com a alta tecnologia é uma realidade presente no cotidiano dos adolescentes, porém a despeito da vivência ininterrupta com a virtualidade, esta não pode sobrepujar sua essência como ser genérico. É preciso que valores muito antigos que estiveram presentes na construção da vida humana voltados para um bem comum sejam ainda hoje preservados e vivenciados.

O entrelaçamento de dois conceitos – a presença na linguagem do amor como uma relação consensual de troca e o cuidado de si na construção de um ser social – representa neste estudo a resposta aos questionamentos da pesquisa, mas, sobretudo, aqueles emitidos pelos adolescentes entrevistados. Os conceitos relacionados neste estudo foram assumidos como concretos para a formação dos sujeitos em desenvolvimento. A ontologia do ser social no contexto apresentado procura responder as indagações de um processo histórico de grande avanço tecnológico e de esvaziamento dos valores éticos vivenciados concretamente em sociedade.

Exigir que o adolescente viesse a elaborar essa construção, sozinho no exercício cotidiano das linguagens virtuais, é algo impossível e contraditório, pois não se constroem valores éticos sem a presença do outro, esse outro que é relacional. Em uma relação se transmite o cuidado, o aprendizado de se formar uma pessoa, o adolescente precisa ter claro que se ele existe, cresceu e evoluiu, é porque existiram muitos outros seres antes dele na história, bem como outros existem no tempo presente que promovem (ou não) sua evolução continuamente.

Na atualidade, as ações estão cada vez mais virtualizadas, os sujeitos buscam expressar suas opiniões através de postagens nas redes sociais, o que configura novas formas de participação na sociedade. Essas novas formas de expressão e relações sociais são extremamente positivas por possibilitarem ao sujeito a ampliação de sua rede de relacionamento e a manutenção dos vínculos independente do tempo e da distancia. Por outro lado as emoções presentes na vida dos sujeitos têm vem se originando cada vez mais no campo virtual, talvez provocando um distanciamento no contato humano. Essa aparente proximidade pode representar um cotidiano construído por relações que se dão de forma abstrata, fazendo com que as emoções sejam expressas em sua maioria na linguagem virtual. É preciso que nesse tempo histórico a linguagem não substitua o contato presencial, que o ser humano não perca sua característica principal, que é encontrar seu sentido junto ao outro. É preciso que sentimentos que originaram sua

humanidade, tais como o cuidado e o amor sejam mais que uma palavra. É preciso ampliar o sentimento, atingir a razão do sujeito entrelaçando a sentimentos maiores que permeiam o desejo maior de garantir a sobrevivência e a humanidade do ser. Em outras palavras, é preciso tornar o amor concreto, realizá-lo em ações concretas tal como um dia no começo primevo o amor foi primordial para a manutenção da vida.

O cuidado entre seres é a evolução natural do cuidado de si, e esta relação, por conseguinte, é Ética em toda a sua magnitude, aproxima-nos de algo maior, um propósito que é revestido de sentido voltado para a condição humana, chegando a nos aproximar de algo superior, divino.

Enfim, no convívio com as linguagens virtuais é que o adolescente tem a oportunidade ímpar na história de aproximar-se do conhecimento humano em sua totalidade, e na possibilidade de sua contribuição, fazê-lo evoluir. Esse processo que é infinitesimal, mas profundamente necessário, torna-o um ser social com valores éticos, e conseqüentemente leva à possibilidade de uma sociedade ética. Que seja este um meio de tornarem reais ações visando o crescimento dos sujeitos e o bem comum. É uma caminhada que ele já está trilhando, mas como ser social ele não pode fazê-lo sozinho; é preciso que, por amor à condição humana, que muitos outros seres juntem-se a ele.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. SP: Cortez, 1980. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais...** Campinas. SP: Verus Editora, 2005.
- BARROCO, Maria Lúcia Silva. **Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos**. SP: Cortez, 2001.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Revisão Prof. Isaac Nicolau Salum. 3ªed. Campinas, SP: Pontes: Editora Universidade Estadual de Campinas, 1991. (Linguagem crítica).
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Trad.: Eduardo Guimarães (et.al.) revisão Eduardo Guimarães. 3ªed. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BONETTI, Dilséa (Org.) [et.al.] **Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis**. 4ed. SP: Cortez, 2001.
- BRACE, Loring. **Os estágios da evolução humana**. RJ: Zahar, 1970.
- BUZZI, Arcângelo R. **Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem**. 19ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Trad.: Maurício Santana Dias. 7ed. RJ: UFRJ, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Trad.: Luiz Sérgio Henriques. 3ed. RJ: UFRJ, 2009.
- CARMO, Raymundo. **Antropologia filosófica geral: introdução**. 2ed. Belo Horizonte, Minas, Gerais. Editora O Lutador, 1975.
- CARVAJAL, Guillermo. **Tornar-se adolescente: a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalística da adolescência**. Trad.: Claudia Berliner. 2ed, SP: Cortez, 2001.
- CHALITA, Gabriel. **Os dez mandamentos da ética**. 2ed. RJ: Nova Fronteira, 2009.
- CLEMENTE, Elvo. **Integração: língua, cultura e literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- CONDEMARÍN, Mabel. CHADWICK. **A escrita criativa e formal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

CORTELLA, Mário Sérgio. **O espelho da ética na relação indivíduo e sociedade.** In: BONETTI, Dilséa (Org.) [et.al.] Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis. 4ed. SP: Cortez, 2001.

COSERIU, Eugenio. **El Hombre y su Lenguaje.** Madrid, Ed. Gredos, 1977.

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. 2ed. 15ª reimpr. SP: Atlas, 2006.

DUPAS, Gilberto. **Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação.** SP: Editora UNESP, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Mini Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa.** 4ªed. Revista e ampliada. 9ª impressão. RJ: 2002.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia.** 3ª ed. SP: Ática, 1993. Série Princípios.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. 3ªed. RJ: Forense Universtária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** RJ: Forense **Universitária**, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política.** Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. RJ: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos& Escritos V).

GOUGH, Kathleen. **A origem da família.** (In): LÉVI-STRAUSS, Claude. A família, origem e evolução. POA: Villa Martha, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Problema do Ser – O caminho do campo.** Trad.: Ernildo Stein. SP: Livraria Duas Cidades, 1969.

HELLER, Agnes. **Ética General.** Trad.: Angel Rivero Rodríguez, Madrid, Centro de Estudios Constitucionales, 1995 (Colección Derecho y la justicia).

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História.** 3ed. SP: Paz e Terra Filosofia, 1989.

HELLER, **Sociología de La Vida Cotidiana.** Trad, J. F. Yvars y E. Pérez Nadal. 3ªed. Barcelona, Ediciones Peninsula, 1991 (Historia, ciência, sociedade 144).

HOEBEL, Adamson. FROST, Everett. **Antropologia cultural e social.** SP: Cultrix, 1981.

JULIA, Didier. **Dicionário de filosofia.** Trad.: Jose Américo Pessanha. RJ: Larousse, 1969.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** 7ªed. Paz e Terra, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A família, origem e evolução.** POA: Villa Martha, 1980.

LUCKÁCS, György. **Ontologia do ser social - Os princípios ontológicos**

fundamentais de Marx. Trad. Carlos Nelson Coutinho. SP: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

LUCKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social – questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível.** Trad. Lya Luft e Rodnei Nascimento. SP: Boitempo, 2010.

MAESTRI, Mário; CARBONI, Florence. **A linguagem escravizada: língua, história, poder e luta de classes.** 2ed rev.ampl. SP: Expressão Popular, 2003.

MARCONI, Marina. PRESOTTO, Zélia. **Antropologia: uma introdução.** 5ªed. SP: Atlas, 2001.

MARTINELLI, Maria Lúcia; RODRIGUES, Maria Lúcia; MUCHAIL, Salma (orgs.) **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber.** SP: Cortez, 1995.

MARTINS, Iara Mara M. **A linguagem socioeducativa** - projeto de intervenção elaborada para o estágio curricular I, II e III, graduação da Faculdade de Serviço Social, PUCRS, POA, 2008 a.

MARTINS, Iara Mara M. **O adolescente e a linguagem – a construção social da violência.** Trabalho de conclusão de curso da Faculdade de Serviço Social, PUCRS, POA, 2009.

MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **Didática teórica/didática prática: para além do confronto.** 8ªed. SP: Edições Loyola, 2006.

MARX, Karl. ENGELS, **A ideologia alemã: Feuerbach – A oposição entre as concepções materialista e idealista.** Trad. Muller, Frank. SP: Martin Claret, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos.** Trad. Alex Marins. SP: Martin Claret, 2006.

MATURANA, Humberto (orgs.) **A ontologia da realidade.** 3ªed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Trad. José Fernando Campos Fortes, 3ª reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7ed. SP: Hucitec, RJ: ABRASCO, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 24ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOITA, Filomena. **Game on: jogos eletrônicos na escola e na vida da geração @.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

NETTO, José Paulo. **Ética e crise dos projetos de transformação social.** In: BONETTI, Dilséa (Org.) [et.al.] Serviço Social e ética: convite a uma nova práxis. 4ed. SP: Cortez, 2001 (p.21-30).

OZELLA, Sergio (org.) **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. SP: Cortez, 2003.

OUTEIRAL, José. **Adolescer: estudos revisados sobre adolescência**. 2ªed. revis. eampl. RJ: Revinter, 2003.

SANTOS, Volnyr (coord.). **DELP: Dicionário Essencial da Língua Portuguesa**. Porto Alegre: Rígel, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia**. SP: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º grau. Série formação geral).

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ed. 18 reimpr. SP: Atlas, 2009.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. Trad. Maria Encarnación Moya. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, CLACSO, SP: Expressão Popular, Brasil, 2007.

VIGOTSKII, Lev Semenovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Villalobos. SP: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jeferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. SP: Martins Fontes, 1993 (Psicologia e Pedagogia).

ZAGURY, Tania. **O adolescente por ele mesmo**. RJ: Record, 1996.

APENDICE A – Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido – Adolescentes

Eu, _____, RGnº _____, abaixo assinado, declaro que, de livre e espontânea vontade e de forma gratuita, aceito participar da pesquisa intitulada ***O sentido das linguagens virtuais na formação do sujeito social***, de iniciativa da mestranda Iara Mara Moreira Martins, sob a orientação da Professora Dra. Gleny Terezinha Duro Guimarães. Autorizo o uso do conteúdo das informações dadas para que seja utilizado parcial ou integralmente, sem restrições de prazos e citações, a partir da presente data. Fui informado(a) dos objetivos da pesquisa que consiste em investigar o significado das linguagens que os adolescentes utilizam para expressarem-se em suas relações sociais.

As entrevistas individuais serão gravadas e transcritas pelo pesquisador, retirando-se quaisquer informações pessoais. As entrevistas terão a duração aproximada de uma hora e eu poderei interromper a qualquer momento, não sendo obrigado a responder qualquer pergunta que julgar inconveniente. Estou plenamente ciente de minha participação neste estudo e sobre a preservação do meu anonimato. Fico ciente, ainda, sobre a minha responsabilidade em comunicar ao pesquisador qualquer alteração pertinente a este estudo, podendo dele sair a qualquer momento.

Os dados coletados poderão ser utilizados para publicação de artigos, apresentação em seminários e similares. Declaro que este Termo foi lido e recebi uma cópia.

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes, firmo o presente documento. Quaisquer dúvidas em relação à pesquisa podem ser esclarecidas pelas pesquisadoras pelo fone da mestranda Iara Martins 51- 92957375 e (51) 3320-3500 ramal 4115 ou pela entidade responsável – Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS pelo fone 51-3320.3545.

Porto Alegre, _____ de 2011.

Entrevistado(a)

Assinatura do responsável

Pesquisadora mestranda: Iara Mara Moreira Martins – bolsista CNPq

Pesquisadora responsável Prof^a. Dr^a. Gleny Terezinha Duro Guimarães
Faculdade Serviço Social – PUCRS

APENDICE B - Termo de Assentimento

Eu _____ aceito participar da pesquisa “As linguagens virtuais dos adolescentes e seu sentido para formação do sujeito social”. Declaro que a pesquisadora Iara Mara Moreira Martins me explicou todas as questões sobre o estudo que vai acontecer. Compreendi que não sou obrigado (a) a participar da pesquisa, eu decido se quero participar ou não. A pesquisadora me explicou também que a entrevista será realizada individualmente dentro de uma sala a ser disponibilizada pela escola, a fim de que ele se sinta à vontade para falar sobre o tema proposto. A entrevista terá duração aproximada de uma (1) hora. Entendo que essa entrevista será gravada para que a pesquisadora possa prestar mais atenção no que irei falar. O que for dito e gravado só poderá ser ouvido por ela e pela sua orientadora Prof^a. Dr^a. Gleny Terezinha Duro Guimarães.

As dúvidas sobre esse estudo poderão ser esclarecidas pela própria pesquisadora Iara Mara Moreira Martins agora, ou posteriormente pelo telefone (51) 92957375; pela professora Gleny Terezinha Duro Guimarães pelo telefone (51) 33203500 ramal 4115 ou com as pesquisadoras do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) através do telefone (51) 33203545. Dessa forma, concordo livremente em participar da entrevista, sabendo que posso desistir a qualquer momento, se assim desejar.

Assinatura do adolescente: _____

Assinatura dos pais/responsáveis: _____

Ass. Pesquisador: _____

_____, ____ de _____ de 2011.

APENDICE C – Entrevista do adolescente

- 1) Idade
- 2) Sexo ()feminino () masculino
- 3) Série que está cursando
- 4) A escola que você estuda é pública ou privada?
- 5) Em que situação você utiliza as seguintes formas de comunicação:
 - Telefone fixo.....
 - Celular
 - Mensagens de SMS ...
 - Internet
 - Procura pessoalmente
 - Por carta, no correio
- 6) Você acessa a internet (pode marcar mais de uma opção):
 - () em casa, tenho um pc só para mim
 - () em casa, divido o pc com meus familiares
 - () na Lan House
 - () na escola
 - () na casa de amigos
 - () não acesso internet
- 7) Em média, qual é o período do dia que você costuma navegar na internet?
 - ()manhã ()tarde ()noite ()madrugada
- 8) Quantas horas por dia?
- 9) O que você costuma acessar na internet:
 - () Games
 - () email
 - () Messenger
 - () Orkut
 - () Facebook
 - () Twitter
 - () blogs
 - () pesquisa sites p/estudos
 - () sites com assuntos do seu interesse
 - () noticias do país ou do mundo
 - () musica
 - () outros quais?

- 10) Das atividades que vc marcou acima, quais são as mais significativas para vc, por quê?
- 11) Quando você usa um recurso virtual como foto, imagem, símbolo, música ou mensagem para se comunicar, o que esse recurso tem de especial para você?
- 12) Em sua opinião, quais são as vantagens e as desvantagens de se relacionar com pessoas pela internet?
- 13) O que você acha interessante conhecer/aprender na internet quando navega, e o que você descarta?
- 14) Como a realidade do adolescente é mostrada na internet? Ao ler uma notícia envolvendo adolescentes, como eles são apresentados? Cite uma notícia que você lembra.
- 15) O que te chama mais a atenção nas propagandas voltadas para adolescentes na internet?
- 16) A sua escola incluiu o uso de computador para as aulas ou para pesquisas no espaço escolar?

(em caso afirmativo)a) De que maneira o uso do computador e a tecnologia da internet dentro da escola vem colaborando no teu aprendizado?

(em caso negativo)b) No que ajudaria ao teu aprendizado usar os recursos do computador e da internet na escola?
- 17) A forma como você escreve em aula é a mesma que você usa na internet? Se existe diferença, você poderia descrevê-la?
- 18) Você tem dificuldades para que as pessoas te entendam quando está falando ou escrevendo fora ambiente virtual?
- 19) Quando o professor não compreende o que o estudante escreve ou fala, ou quando o estudante não consegue entender a forma que o professor está ensinando, o que na tua opinião deveria ser feito para que o diálogo fosse claro para os dois?
- 20) De tudo o que foi perguntado, tem algo que chamou a sua atenção nessa pesquisa que você gostaria de falar a respeito?

APENDICE D – Quadro da pesquisa

PROBLEMA	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES NORTEADORAS
<p>De que forma a realidade dos adolescentes, por meio dos sentidos e significados que eles atribuem às linguagens virtuais utilizadas, desvelam seu contexto sócio histórico e colaboram na construção de seus valores?"</p>	<p>Investigar os sentidos e os significados das linguagens virtuais (MSN, Orkut, Twitter, Facebook, mensagens SMS) utilizadas pelos adolescentes enquanto formas de expressões comunicacionais nas relações sociais, com vistas a conhecer sua influência na construção de valores éticos para a sua formação social.</p>	<p>a) Investigar os sentidos e os significados das linguagens virtuais que o adolescente utiliza para expressar-se em suas relações sociais; b) Avaliar junto ao adolescente se ele se sente compreendido nas linguagens virtuais que costuma usar no cotidiano, pelos profissionais nos demais espaços sociais além do círculo de amigos.</p>	<p>1) Quais são os sentidos e os significados que o adolescente atribui às linguagens virtuais que vem utilizando para expressar-se socialmente? 2) O adolescente sente-se compreendido e reconhecido ao utilizar a sua linguagem nos espaços sociais e de formação educacional? 3) As linguagens podem promovê-lo e valorizá-lo e/ou segregá-lo e estigmatizá-lo?</p>

